

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

CLARA CARDOSO FERREIRA COSTA

IDENTIDADES EM TRÂNSITO: um estudo dos sujeitos discentes estrangeiros na UFMA

São Luís

2019

CLARA CARDOSO FERREIRA COSTA

IDENTIDADES EM TRÂNSITO: um estudo dos sujeitos discentes estrangeiros na UFMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Márcia Manir Miguel Feitosa

Co-orientador: Prof. Dr. Antonio Cordeiro Feitosa

São Luís

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Costa, Clara Cardoso Ferreira.

Identities em trânsito : um estudo dos sujeitos
discentes estrangeiros na UFMA / Clara Cardoso Ferreira
Costa. - 2020.

119 p.

Coorientador(a): Antonio Cordeiro Feitosa.

Orientador(a): Márcia Manir Miguel Feitosa.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão,
São Luís, 2020.

1. Discentes estrangeiros. 2. Identidade Cultural. 3.
Internacionalização. 4. Migração. 5. UFMA. I. Feitosa,
Antonio Cordeiro. II. Feitosa, Márcia Manir Miguel. III.
Título.

CLARA CARDOSO FERREIRA COSTA

IDENTIDADES EM TRÂNSITO: um estudo dos sujeitos discentes estrangeiros na
UFMA

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Cultura e Sociedade
da Universidade Federal do Maranhão,
para obtenção do título de Mestre em
Cultura e Sociedade.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Antonio Cordeiro Feitosa (Co-orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos
Universidade Estadual do Piauí

Às pessoas aventureiras que andam pelo mundo, espalhando terra e tecendo histórias, e às generosas que as acolhem.

AGRADECIMENTOS

Como tantas, o mestrado é uma aventura feita em conjunto. Sem o suporte, a paciência, o carinho, a sabedoria e a amizade de vocês, eu não conseguiria sequer dar a largada, quanto mais chegar a esse trabalho, símbolo de uma jornada árdua, trabalhosa, mas muito prazerosa. Muito obrigada a todas as pessoas que me ouviram, riram, brincaram, confortaram, guiaram e me acompanharam ao longo desses dois anos. Sinto uma gratidão toda especial por:

A minha mãe, quem, com sua fé inabalável em Deus, no mundo e em mim, sempre me impulsiona a alçar voos ainda mais altos e a perseverar em minhas empreitadas;

A minha orientadora, Márcia, quem embarcou no meu fascínio pelos deslocamentos humanos, esteve presente em todos os momentos, ampliou meus horizontes e será, para sempre, um exemplo de profissional humana e afetuosa;

Ao meu co-orientador, Cordeiro, quem entrou nas minhas viagens poéticas e me ajudou a acertar a rota com bom humor, gentileza e sabedoria;

Ao professor (tio) Josenildo, disposto a acompanhar todas as bancas e, por consequência, o andamento da pesquisa, cujas generosas contribuições foram imprescindíveis para o aprimoramento desse trabalho;

À professora Kláutenys, quem prontamente aceitou qualificar meu trabalho com muito esmero e carinho;

Ao professor Arkley, último a aceitar o convite para embarcar no time de docentes responsáveis por avaliar o meu trabalho;

À professora Silvana, por aceitar, de prontidão, participar da banca da defesa desse trabalho e por todas as suas contribuições para a melhoria dele;

A minha tia e madrinha Nilce, quem me ouviu e apoiou nos momentos mais difíceis, como sempre;

Ao Marcelo, companheiro de mestrado e de tantas outras aventuras, que segurou firme em minha mão e, a partir de seu exemplo de determinação e sensibilidade, inspirou-me a ser melhor;

A minha prima Janaína, quem salva todos os acadêmicos da família colocando nossos textos nos conformes da ABNT;

A minhas amigas e meus amigos, os que estão perto e os que estão longe (e os que estão mais longe ainda), que confiam em mim e não me deixam esmorecer;

Ao Agostinho Marques, cuja escuta foi imprescindível para que eu conseguisse me aventurar no mundo da pós-graduação e permanecesse sã e saudável;

A todos os professores e alunos do PGCult, com quem aprendi ouvindo, assistindo e compartilhando momentos especiais em minha jornada acadêmica;

Aos membros do GEPLIT, que me lembraram semanalmente dos prazeres de estudar e buscar uma visão ainda mais ampla e cuidadosa do mundo;

A cada funcionária e funcionário da UFMA que me recebeu e conversou comigo com muita honestidade, abertura e parceria, divulgando informações cruciais para essa pesquisa;

A cada pessoa que respondeu ao meu convite de participação da pesquisa, mesmo que o encontro não tenha sido feito;

A todas as pessoas que se dispõem a desbravar o Brasil e a UFMA, em especial, às que me contaram suas histórias de vida, aqui chamadas como: Celeste, Kobe, Angélique, Akenzua, Mayra, Nino e Pérola;

A Ele, que me colocou nesse lugar, nesse tempo, nessa vida e me proporciona tecer essa história e tantas mais.

“Quando vim da minha terra não vim, perdi-me no espaço, na ilusão de ter saído. Ai de mim, nunca saí. Lá estou eu, enterrado por baixo de falas mansas, por baixo de negras sombras, por baixo de lavras de ouro, por baixo de gerações, por baixo, eu sei, de mim mesmo, este vivente enganado, enganoso.”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Surgidas em meados de 1960, as políticas de internalização das instituições de ensino superior brasileiras foram reforçadas pelo aumento do trânsito de pessoas no mundo, fruto do fenômeno da globalização. Nesse cenário, a pesquisa objetivou compreender os processos de construção, desconstrução e reconstrução das identidades culturais dos discentes estrangeiros da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), influenciados por sua condição de sujeitos em trânsito. Para tal, a pesquisa apresenta dois momentos, o primeiro consistiu na composição de um arcabouço teórico onde foram trabalhados conceitos como Cultura, Lugar, Identidade, Deslocamento, Migração e Memória, a partir de autores como Teixeira Coelho, Franz Boas, Yi-Fu Tuan, Eric Dardel, Edward Relph, Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward, Edward Said, Ernesto Laclau, André Braz Golgher, Homi K. Bhabha, Pierre Nora, Maurice Halbwachs, Joël Candau e Ecléa Bosi; noutro momento, de natureza empírica, ocorreu um levantamento de dados junto à UFMA, em paralelo a uma pesquisa documental, para angariar informações a respeito do corpo discente internacional da universidade, bem como sua estrutura organizacional. Após essa etapa do trabalho, o recorte dos participantes da pesquisa foi delimitado para apenas os alunos conveniados aos Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Por último, foi realizado um estudo de casos múltiplos alicerçado na História Oral, com a finalidade de coletar os relatos orais dos sujeitos em questão. Como resultados da pesquisa, foram encontradas respostas favoráveis às hipóteses, que tratam de fenômenos como choque e resistência culturais, da influência de programas como o PEC-G como motivadoras do ingresso de alunos estrangeiros na UFMA e dos processos identitários.

Palavras-chave: Identidade Cultural. Internacionalização. Migração. Discentes estrangeiros. UFMA.

ABSTRACT

Born in the mid-1960s, the internationalization policies of Brazilian higher education institutions have been reinforced by the increased traffic of people in the world, a consequence of the globalization phenomenon. In this scenario, the research aimed to comprehend the cultural identities construction, deconstruction and reconstruction processes of the foreign students of Maranhão's Federal University (UFMA), influenced by their condition as subjects in transit. In order to do this, the research provides two moments. The first one consists in the composition of a theoretical framework, with concepts such as Culture, Place, Identity, Dislocation, Migration and Memory and supported by authors such as Teixeira Coelho, Franz Boas, Yi-Fu Tuan, Eric Dardel, Edward Relph, Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Kathryn Woodward, Edward Said, Ernesto Laclau, André Braz Golgher, Homi K. Bhabha, Pierre Nora, Maurice Halbwachs, Joël Candau and Ecléa Bosi. The second and empirical one consisted of a data and documental collection, in order to identify UFMA's student body and organizational structure. After this stage, the research's contour was delimited to the participants of the Exchange Program for Undergraduate Students (PEC-G). Finally, an ethnographic multiple cases study was carried out, with the purpose of collecting the subjects' oral narratives. As a result, favorable answers to the hypotheses were found, which address subjects like the cultural shock and resistance phenomena, the influence programs like PEC-G have over the motivations that bring these foreign students to UFMA and their processes of identity.

Keywords: Cultural Identity. Internationalization. Migration. Foreign students. UFMA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

		p.
Figura 1-	Estrutura Organizacional do NRI, em 2019.....	55
Figura 2-	Competências das Divisões do NRI.....	56
Quadro 1-	PEC-G - Selecionados - África - 2000 a 2019.....	61
Quadro 2-	PEC-G - Selecionados - América Latina e Caribe - 2000 a 2019.....	62
Quadro 3-	PEC-G - Selecionados - Ásia - 2000 a 2019.....	62
Quadro 4-	Países participantes e ano de ingresso no programa.....	63
Quadro 5-	Alunos ativos pelo PEC-G em 2019 (Países de origem e Quantidade)	65
Quadro 6-	Alunos ativos pelo PEC-G em 2019 (Cursos de Graduação e Quantidade de Alunos Inscritos).....	65
Quadro 7-	Cursos geralmente ofertados pelas universidades brasileiras ao PEC-G.....	65
Tabela 1-	Relação de nomes, países de origem e cursos.....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARI	Assessoria de Relações Internacionais
CCH	Centro de Ciências Humanas
COINTER	Comitê de Internacionalização
CONSEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
DCE	Divisão de Assuntos Educacionais
DG	Diretoria Geral
DIM	Divisão de Intercâmbio e Mobilidade
DPA	Divisão de Prospecção e Articulação
DPLC	Divisão de Políticas Linguísticas e Culturais
IES	Instituição de Ensino Superior
FUM	Fundação Universidade do Maranhão
MEC	Ministério da Educação
MRE	Ministério das Relações Exteriores
NRI	Núcleo de Relações Internacionais
OEA	Organização dos Estados Americanos
PAEC	Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação
PEC-G	Programa de Estudantes-Convênio de Graduação
PGCult	Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade
PGPP	Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas
PROAES	Pró-Reitoria de Assistência Estudantil
PROCIN	Programa de Cooperação e Intercâmbio Internacional
PROEN	Pró-Reitoria de Ensino
PPPGI	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação
SIGAA	Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	p.
1	INTRODUÇÃO..... 13
2	BAGAGEM DE CONCEITOS: o sustentáculo teórico da pesquisa..... 19
2.1	Eu te cultuo, tu me cultuas, quem és, cultura?..... 20
2.2	Plantando os pés no chão: conceituando o lugar..... 26
2.3	Sou quem sou... não sou?: identidade em construção..... 30
2.4	Levantar âncora, içar velas!: o deslocamento migratório no mundo globalizado..... 35
2.5	Tempo, tempo, tempo, tempo: a importância da memória para a compreensão da história, da identidade e dos estudos pós-coloniais..... 40
3	VISÕES DE LÁ E CÁ: os cenários da pesquisa..... 44
3.1	Os lugares de origem..... 44
3.2	O lugar compartilhado: a UFMA..... 48
3.2.1	A internacionalização na UFMA..... 53
3.2.2	O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)..... 58
4	IDENTIDADES EM TRÂNSITO: análise dos relatos orais..... 69
4.1	O deslocamento..... 75
4.2	A adaptação..... 80
4.3	Políticas de intercâmbio..... 85
4.4	Culturas de lá, culturas de cá..... 91
4.5	As identidades..... 96
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 102
	REFERÊNCIAS..... 107
	APÊNDICES..... 114

1 INTRODUÇÃO

No século VI a.C., na cidade de Mileto, alguns homens começaram a questionar o mundo em que viviam e as noções previamente concebidas, dando início a um movimento de pensamento que resultaria no surgimento da Filosofia. Milênios depois, ainda questionamos o mundo em que vivemos e nossas noções prévias (HADOT, 1999). Quando decidimos investigar essas noções, entendendo-as como problemas, e utilizamos métodos sistemáticos e racionais de observação, experimentação e análise, desenvolvemos o que hoje se chama de pesquisa científica (GIL, 2002).

Essa pesquisa é a continuação de indagações surgidas cinco anos antes e que resultaram em um trabalho monográfico, no qual analisamos as experiências de outros sujeitos em trânsito, também alunos, mas parte do corpo discente de um curso de graduação específico (Bacharelado em Produção Cultural), para discutirmos a abordagem das culturas e da diversidade cultural no curso.

O sociólogo e teórico cultural Stuart Hall (2011) afirmou que a cultura é algo “profundamente subjetivo e pessoal e, ao mesmo tempo, uma estrutura em que a gente vive”. Se a cultura é resultado e também orientadora da ação de um conjunto de indivíduos, pensar o sujeito em suas culturas e as culturas em um sujeito – manifestadas através dele – é um exercício infinito, devido ao caráter mutável e dinâmico de ambos os tópicos. Em um curso que formaria agentes da Cultura, como esse exercício era feito?

Essa era uma inquietação pessoal, tendo em vista que a pesquisadora integrava tanto o corpo discente do curso quanto o grupo de deslocados dentro dele. Qual era o lugar que, *nós, os deslocados*, ocupávamos? Bastava falar o termo *diversidade cultural* para garantir uma formação verdadeiramente diversificada? Quem éramos nós, agora, depois de nos tornarmos *deslocados*? O que era ser um deslocado? Ao fim da pesquisa, existiam muitas outras questões, além dessas. Com o objetivo de continuar investigando o mundo em que vivemos e as noções concebidas, realizamos uma nova pesquisa, com recorte mais amplo e maior densidade.

Neste trabalho, exploramos a movimentação internacional de sujeitos em trânsito, ainda no âmbito acadêmico, para trazer à luz maior compreensão sobre os processos identitários desses sujeitos, bem como a migração como fenômeno atual e as implicações dos lugares sobre as identidades culturais de um indivíduo e um povo.

“Navegar é preciso, viver não é preciso”. Esses versos, mais conhecidos através de Fernando Pessoa, quem os copiou do poeta italiano Francesco Petrarca, quem, por sua vez, tirou-os dos navegadores romanos do século I a.C., evidenciam uma constante na História da

humanidade: a migração (SOUSA, 2019). Seja com o objetivo de conquistar novos territórios (como o Império Romano), seja exploratória (como as Grandes Navegações), seja como forma de sobrevivência (as diásporas, as fugas dos desastres naturais, o êxodo rural, entre tantos outros), seja como parte da identidade de um povo (nomadismo), seja qual for a motivação por trás do deslocamento, o ser humano migra. Há um jogo constante entre fixar-se e mudar-se, ficar e sair, partir e voltar. Como canta a letra¹ de “Encontros e Despedidas”:

“Todos os dias é um vai-e-vem
 A vida se repete na estação
 Tem gente que chega pra ficar
 Tem gente que vai pra nunca mais
 Tem gente que vem e quer voltar
 Tem gente que vai e quer ficar
 Tem gente que veio só olhar
 Tem gente a sorrir e a chorar
 E assim, chegar e partir
 São só dois lados da mesma viagem
 [...]
 A plataforma dessa estação
 É a vida desse meu lugar
 É a vida desse meu lugar
 É a vida”.

Ao longo dos séculos, a humanidade criou novas e mais confortáveis maneiras de viajar e se comunicar com lugares e povos longínquos, a tal ponto que, nos tempos atuais, a comunicação se realiza mesmo sem sair de casa, graças à Internet, que nos conecta em uma verdadeira rede virtual (CASTELLS, 2000). A vizinhança expandiu-se da rua para o globo e o globo mudou-se para a vizinhança. Aliando as inovações tecnológicas em transporte e comunicação à globalização², nós ultrapassamos fronteiras e promovemos um aumento no fluxo de pessoas, mercadorias e conhecimento sem precedentes. Hoje, os intercâmbios fazem parte da rotina do mundo.

Por consequência, o sujeito em trânsito ganha notoriedade, assim como as conjunturas que o cercam e que ele afeta, em nível pessoal e social, sob um ponto de vista que abarque os lugares, os sujeitos e as culturas, pois a análise de um implica a análise dos outros. As culturas, polissêmicas e estruturantes das sociedades, não podem ser pensadas sem territorialidade e, se são resultado de ações individuais e coletivas, para refletir sobre sociedades

¹ A música “Encontros e Despedidas”, lançada em 1985, no álbum “Encontros e Despedidas”, pela Barclay Records, foi composta por Fernando Brant e Milton Nascimento.

² Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1999), a globalização é um fenômeno irreversível, que mudou as relações travadas não somente entre pessoas, mas também entre territórios, amplificando o fluxo de informações e sujeitos.

e suas culturas, havemos de considerar a cadeia que as fundamenta, do indivíduo para o coletivo e vice-versa.

Sejam diásporas, exílios, êxodos, refúgios, fugas individuais ou coletivas, as migrações afetam o mundo inteiro e não podem ficar de fora das discussões acadêmicas. Com isso em mente, procuramos compreender como a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) vem se colocando e vivenciando a problemática da migração, desde 1989, quando foi instituído o seu programa de internacionalização.

Com o intuito de desenvolver ações de cooperação e intercâmbio com instituições internacionais, primeiro, foi criado o PROCIN³, que, futuramente, transformou-se na ARI (Assessoria de Relações Internacionais). Sempre na tentativa de ampliar e aprimorar os serviços, a assessoria virou o NRI (Núcleo de Relações Internacionais). Com a abertura de suas portas e a criação de cursos de graduação como a Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros e de programas como o PEC-G⁴ e o PEC-PG⁵, alunos de diferentes lugares de origem vieram ao Brasil para integrar o corpo discente da UFMA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 2019).

A análise aqui realizada implica um entrelaçamento de conceitos, como dito anteriormente. O nosso estudo é fundamentalmente interdisciplinar, pois, para realizar os objetivos previamente traçados e respeitar a metodologia escolhida, foi necessário buscar reforço em conceitos, métodos e teóricos de diversas áreas do conhecimento, da História à Geografia à Antropologia aos Estudos Culturais, apresentados a seguir.

O conceito axial do trabalho é o de Cultura. Não que aqui nos preocupemos em chegar a uma definição de Cultura (décadas de estudiosos não conseguiram resultar em um consenso), mas nos valemos do caráter dinâmico da cultura para entender como as pessoas reagem e agem com relação aos outros conceitos tratados, que influenciam direta e indiretamente suas vidas. Portanto, quando pensamos em identidade, pensamos em identidade cultural. Quando pensamos em lugar, não pensamos em seu aspecto meramente físico ou geológico mas no seu aspecto cultural. Quando pensamos em deslocamento e em migração, pensamos nesse fluxo como um fenômeno cultural que afeta diversas sociedades e, por conseguinte, culturas atualmente (como o fez ao longo dos milênios). Para isso, valemo-nos de teóricos como Roy Wagner, Teixeira Coelho e Franz Boas, entre outros.

³ Programa de Cooperação e Intercâmbio Internacional.

⁴ Programa de Estudantes-Convênio de Graduação.

⁵ Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação.

O segundo conceito que destacamos é o de lugar. É aqui que a Geografia entra na conversa. Em específico, a vertente denominada Geografia Humanista. Partindo das teorias de autores como Yi-Fu Tuan, Eric Dardel e Edward Relph, vimos aqui o lugar sob seu aspecto mais relacional. Tuan, precursor do viés humanista na Geografia, propõe um olhar sobre o lugar que privilegia a perspectiva da experiência humana e as ligações afetivas que o ambiente evoca ao sujeito (transformando *espaço* em *lugar*). Para ele, as relações entre a cultura e o ambiente e o que o lugar simboliza para os sujeitos indica o seu *sentido de lugar*. Nesse trabalho, também, privilegamos o significado e as relações estabelecidas entre os lugares e os sujeitos.

Em seguida, abordamos o conceito de Identidade. Também não há consenso sobre ele e, ao passar dos séculos, foi descrito sob pontos de vista opostos. Nesse trabalho, escolhemos usar o ponto de vista dos teóricos da chamada pós-modernidade (ou modernidade tardia ou modernidade líquida), que entendem a identidade como um processo e não um produto pronto. Ela estaria, portanto, em constante construção, desconstrução e reconstrução ao longo da vida do sujeito. Isto porque a identidade não é una, sólida e fixa, mas plural, fluida e mutável. Os principais autores que nos deram suporte foram Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e Kathryn Woodward.

Portanto, como veremos à frente, deslocar-se produz consequências singulares no processo identitário de um sujeito. É impossível falar em sujeito em trânsito (ou em deslocamento) sem falar no próprio deslocamento. Suas respostas ao novo ambiente e às pessoas e situações que o acompanham, assim como as culturas, geram mudanças íntimas e extremamente subjetivas, como pensado por Edward Said. Para essa pesquisa, escolhemos como recorte o deslocamento migratório entre países, com base nas reflexões de autores como Ernesto Laclau e André Braz Golgher. A migração traz consigo não somente pessoas, mas os territórios de onde elas vieram e suas culturas escancaram as consequências da globalização e ilustram com muita facilidade o caráter efêmero de suas identidades.

A partir do momento em que sai de casa, o sujeito não será mais o mesmo, pois ele entrará naquilo que Homi K. Bhabha chama de *entre-lugar*: encontrar-se-á em um estado de transição, pois não se reconhecerá mais plenamente em seu lugar de origem assim como não se reconhecerá plenamente no outro lugar. Ele é fruto tanto de sua origem quanto dos diversos e inumeráveis contatos feitos em outros lugares, com outros povos, outras culturas e outras identidades. São esses os sujeitos que aqui estudamos: os que não estão nem cá, nem lá e, ao mesmo tempo, estão em ambos os lugares.

Por último, destacamos a importância da memória na construção identitária, para a compreensão da história e para os estudos pós-coloniais, que, em conjunto com a abordagem

utilizada pelos pesquisadores da história oral, inspiraram-nos como método de pesquisa. Privilegiamos, portanto, a subjetividade dos participantes da pesquisa e sua conjuntura social, utilizando uma abordagem histórico-crítica. De acordo com o historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen, tal abordagem busca uma compreensão da História como uma ciência ligada ao cotidiano, que se preocupa com as transformações socioeconômicas, com as práticas culturais e as estruturas sociais (BAROM; CERRI, 2012).

Ou seja, adotamos um olhar que não descarta as influências dos âmbitos social, político, cultural, econômico e histórico, reconhecendo a importância das relações de poder historicamente legitimadas na construção de culturas, sociedades e pessoas. Além disso, concebemos que a memória é imprescindível tanto para a restituição do passado como para a assimilação do presente, ações que precedem qualquer análise mais aprofundada sobre os processos de construção, desconstrução e reconstrução identitária e sobre as culturas em geral. Sobre esse conceito, estudamos autores como Pierre Nora, Maurice Halbwachs, Joël Candau e Ecléa Bosi.

Considerando a identidade cultural como uma construção a partir de determinada realidade, inclusive territorial, como é possível sustentar sua identidade cultural no deslocamento? Estariam as identidades, também, em trânsito? A partir dessas e de outras reflexões, definimos como problema da pesquisa a seguinte pergunta: Como vêm ocorrendo os processos de construção, desconstrução e reconstrução das identidades culturais dos discentes estrangeiros na UFMA, influenciados por sua condição de sujeitos em trânsito?

Esta questão derivou outras seis: 1) Como decorreu o deslocamento dos sujeitos estudados? 2) De que maneira os estrangeiros, que vieram para o Maranhão com o objetivo de estudar na UFMA, adaptaram-se ao lugar de chegada? 3) As políticas de intercâmbio do MEC tiveram alguma influência em sua decisão de se integrar à universidade? 4) Ao chegarem ao Maranhão, sentiram choque cultural e, por consequência, adotaram suas identidades culturais “de origem” como forma de resistência cultural? 5) Qual a relação que os sujeitos em trânsito construíram entre suas culturas e as culturas do lugar de chegada? 6) O deslocamento, aliado às novas culturas, influenciou suas identidades?

Além dos questionamentos, começamos a pesquisa com três hipóteses: 1) Ao chegarem ao Maranhão, os sujeitos pesquisados vivenciaram choque cultural e, por consequência, adotaram suas identidades culturais “de origem” como forma de resistência cultural; 2) As políticas de intercâmbio do Ministério da Educação (MEC) são motivadoras para a integração dos sujeitos pesquisados no corpo discente da UFMA; 3) As identidades culturais

são mutáveis, não fixas, e, quando mudam, não significa uma anulação do que já foi construído, mas um acréscimo de ideias e características.

Com o problema bem definido, as questões feitas e as hipóteses bem estabelecidas, traçamos como objetivo geral compreender os processos de construção, desconstrução e reconstrução das identidades culturais dos discentes estrangeiros na UFMA, influenciados por sua condição de sujeitos em trânsito. Por consequência, os objetivos específicos foram: identificar os alunos da UFMA que se enquadram como sujeitos em trânsito e seus lugares de origem; apurar como ocorrem o deslocamento e a adaptação dos alunos estrangeiros na UFMA; e analisar as relações estabelecidas pelos sujeitos estudados entre as culturas de seus lugares de origem e as brasileiras e o reflexo de tais relações em suas identidades.

Os objetivos da pesquisa nos levaram a diferentes etapas metodológicas, na ordem: bibliográfica, documental, de levantamento de dados e, por fim, um estudo de casos múltiplos alicerçado na História Oral. Nesta última etapa, aconteceu o contato direto com os participantes da pesquisa e a subsequente coleta de seus relatos orais. Os participantes foram selecionados a partir dos seguintes critérios: estrangeiros, terem vindo ao Brasil com o propósito de estudar na UFMA (Campus Bacanga – São Luís), estarem matriculados como alunos no ano de 2018 e terem mais de 18 anos de idade.

Esperamos que os resultados obtidos impactem positivamente a instituição e seu corpo discente, em diversas esferas, como as políticas de acolhimento e assistência aos alunos estrangeiros da UFMA, a atualização dos dados sobre o corpo discente (em especial, sobre a mobilidade de estrangeiros), a estrutura organizacional da instituição e sua relação com o corpo discente.

Quanto à estrutura textual desse trabalho, que apresenta tanto as reflexões teóricas que o sustentam como os resultados obtidos por meio da pesquisa, dividimos os capítulos com base na metodologia da pesquisa: o primeiro capítulo, “BAGAGEM DE CONCEITOS: O SUSTENTÁCULO TEÓRICO DA PESQUISA”, apresenta o referencial teórico angariado na pesquisa bibliográfica que sustentou as demais etapas da pesquisa; o segundo, “O LUGAR COMPARTILHADO: INTERNACIONALIZANDO A UFMA”, divulga os resultados do levantamento de dados e da pesquisa documental e conduz à análise quantitativa dos dados; o terceiro e último capítulo, “IDENTIDADES EM TRÂNSITO: ANÁLISE DOS RELATOS ORAIS”, apresenta os relatos orais, obtidos no contato direto com os participantes da pesquisa, e a última etapa metodológica, que consiste em um estudo de casos múltiplos alicerçado na História Oral.

2 BAGAGEM DE CONCEITOS: o sustentáculo teórico da pesquisa

Segundo Homi K. Bhabha (1998), o terreno da literatura mundial são as histórias de migrantes, colonizados, refugiados políticos, deslocados sociais e culturais, viajantes. Pessoas que não realizam quaisquer viagens, mas aquelas que inspiram mudanças sociais e culturais, cujas jornadas retratam como a história da humanidade vem sendo escrita a partir de trocas culturais, de diásporas, de perdas e ganhos, de culturas híbridas (GARCIA CANCLINI, 2003). Movimentações cujas consequências se propagam como ondas e que esforçamo-nos para desvendar. Bhabha está correto. Rapidamente, em um levantamento superficial em nossas memórias, podemos citar as seguintes obras literárias, teatrais, cinematográficas etc., cujo tema central é a jornada.

Em 1843, o poeta maranhense Gonçalves Dias cantou as palmeiras de sua terra, sonhando com o canto dos sabiás. Em 1938, o escritor alagoano Graciliano Ramos publicou um romance documental inspirado em suas experiências de vida, intitulado *Vidas Secas*, descrevendo uma família nordestina em pleno êxodo, fugindo da castigante seca em busca de melhores condições de vida. Em 1944, o artista brasileiro Cândido Portinari produziu a tela “Os Retirantes”, retratando o mesmo êxodo rural de famílias do sertão nordestino. No *Auto da Compadecida*, do escritor paraibano Ariano Suassuna (1955), Nossa Senhora roga pelo corajoso e cheio de fé sertanejo nordestino, que foge da seca castigante, apenas para voltar correndo assim que tem notícia da chuva.

A escritora chicana Glória Anzaldúa (1999), descreve na obra *Borderlands/La frontera* o que foi, para ela, nascer na fronteira entre dois países e como suas identidades são resultado dessa realidade cultural híbrida. No livro *Meu país inventado* (ALLENDE, 2004), a escritora chilena Isabel Allende narra sua vida e seu país, para entender como aquele lugar, do qual saiu, influenciou tanto quem ela se tornou. Em 2014, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie contou a história de Ifemelu, mulher que, depois de 13 anos nos Estados Unidos, decide retornar ao seu país natal para se reconstruir. O filme biográfico “Lion: uma jornada para casa”⁶ (2016) retrata a necessidade do retorno ao perdido lugar de origem.

Todas essas obras, apenas uma breve seleção dentre tantas que conversam com o tema dessa pesquisa, comprovam que o fascínio por esse tema tem um alcance muito maior do que o presente trabalho é capaz de demonstrar. Aqui, também, contamos histórias de migrações

⁶ Título original: *Lion*. Direção: Garth Davis. Escrito por: Luke Davies e Saroo Brierley. Produzido por: The Weinstein Company. Estreia no Brasil: 16 de fevereiro de 2017. Duração: 118 minutos. Países de origem: Austrália, Estados Unidos da América, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.

e analisamos como as jornadas dos sujeitos entrevistados por nós influenciaram suas visões de mundo, seus padrões de comportamento e suas identidades.

Atualmente, milhões de pessoas, refugiadas em outros países, realizam verdadeiras diásporas para escapar de guerras civis intermináveis, de sistemas políticos opressores, da miséria, da fome, da doença, de uma vida sem qualquer segurança. Outras tantas se aproveitam da abertura de fronteiras causadas pelo fenômeno da globalização para conhecer lugares novos, alcançar sonhos, desbravar o mundo. Dentre elas, existem aquelas cuja razão para sair de seu lugar natal é a busca por conhecimento e capacitação profissional. São os tantos que conseguem bolsas, intercâmbios ou mobilidades, para estudar em instituições de ensino longe de casa.

Na presente pesquisa, procuramos compreender as identidades culturais desses sujeitos, porque nos indagamos: será que saíram por completo? Se não, o que ou quanto ficou? O quanto absorvem desse novo lugar em que se encontram no presente? O quanto têm deixado aqui, no novo lugar? Será que eles sentem algum pertencimento aqui? Será que não veem a hora de voltar? Como foram acolhidos e que diferença a acolhida fez em sua experiência enquanto migrantes?

Nesse primeiro capítulo, apresentaremos e discutiremos o apanhado de conceitos, textos, autores e teorias que servem como arcabouço teórico para nossa pesquisa. Assim como, na vida, uma coisa puxa a outra, percebemos, logo no começo de nossa investigação, que, para estudar identidade cultural, era preciso estudar, também, Cultura, Lugar, Deslocamento, Globalização, Entre-lugar, Identidade e Memória. Nisso, vimo-nos amparados pelos Estudos Culturais, pela Antropologia, pela Sociologia, pela História, pela Geografia e por quem mais aparecesse na discussão. Apesar de conversarem entre si e de estarem fortemente conectados nessa pesquisa, dividiremos o capítulo em blocos, para melhor fruição.

2.1 Eu te cultuo, tu me cultuas, quem és, cultura?

A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto focado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta. (GEERTZ, 2008, p. 20)

Embora os Estudos Culturais tenham surgido como problemática distinta e própria em meados da década de 1950 (HALL, 2011), o termo *cultura* apareceu muito antes, na boca dos antropólogos, quando estudavam os comportamentos “exóticos” de alguns povos autóctones. Como acontece com todo conceito abstrato diretamente relacionado às ações humanas, estudar Cultura implica desafiar-se a nadar em águas desconhecidas e se aprofundar

em um campo do conhecimento extremamente complexo e tão volátil quanto as pessoas que o representam e o inventam (WAGNER, 2012).

Tão complexo e volátil que nem mesmo os inúmeros estudiosos que se dispuseram a estudá-lo, desde o século passado, conseguiram chegar a um consenso sobre sua definição (GEERTZ, 2008). Em 1952, os antropólogos estadunidenses Alfred Louis Kroeber e Clyde Kluckhohn listaram nada mais, nada menos do que 164 definições diferentes de cultura e concluíram a impossibilidade do consenso. Compilamos nesse estudo alguns conceitos e tentativas de definição da Cultura ao longo do tempo como um preâmbulo para os aspectos culturais que destacamos na pesquisa, começando com Tylor.

Unindo as noções de *Kultur*⁷ e *Civilization*⁸, o antropólogo britânico Edward Burnett Tylor (1871), primeiro pensador a formalizar o termo, afirmou que a Cultura é o “todo complexo” de ensinamentos, lendas, hábitos e tradições de um povo, a partir do qual esse povo age, pensa e vive. Ou seja, todas as possibilidades de realização humana. Apesar das críticas⁹ hoje feitas a ele, sua definição quebrou a ideia de aquisição inata, biológica e genética, abrindo espaço para que a cultura passasse a ser vista como algo que se aprende e se apreende (CARVALHO; GUIMARÃES; ZANDOMÊNICO, 2013; COELHO, 2008; ELIAS, 1994; LARAIA, 2001;).

Com o passar do tempo e o desenvolvimento das Ciências Humanas, que se preocuparam em observar e quantificar os fenômenos humanos como objetos de estudo, começamos a assimilar que “cultura não é o todo. Nem tudo é cultura. Cultura é uma parte do todo e nem mesmo a maior parte do todo [...]. A ideia antropológica segundo a qual cultura é tudo não serve para os *estudos de cultura*” (COELHO, 2008, p. 17). Isso só foi possível porque as Ciências Humanas como um todo adotaram uma postura epistemológica baseada na historicidade dos sujeitos e dos fenômenos, por compreender que não se consegue alcançar uma essência (ou natureza) do ser, pois ela não existe, e que é preciso entender o ser humano a partir de suas condições (DOMINGUES, 1999; FOUCAULT, 1974; SANTOS, 2010).

⁷ De acordo com o sociólogo alemão Norbert Elias (1994; pp. 23-24): “o conceito alemão de *Kultur* alude basicamente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos e apresenta a tendência de traçar uma nítida linha divisória entre fatos deste tipo, por um lado, e fatos políticos, econômicos e sociais, por outro. [...] A palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do qualquer outra expressa-lhes o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser, é *Kultur*”.

⁸ Civilização, para os franceses, tinha muito a ver com o comportamento devido aos membros da sociedade francesa no século XIII. “O conceito francês e inglês de civilização pode se referir a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais” (ELIAS, 1994, p. 23).

⁹ A grande crítica que fazemos à noção de Tylor sobre cultura é que ela engloba tudo o que é humano. Ora, é claro que a cultura é construída pelas pessoas. Sem a ação das pessoas, não há cultura. Contudo, ao colocar tudo como sendo cultura, a consequência é que nada é cultura. Se tudo é cultura, nunca conseguiremos trabalhar em cima dela, por ser impossível compreendê-la.

A antropologia estuda o fenômeno do homem – a mente do homem, seu corpo, sua evolução, origens, instrumentos, arte ou grupos, não simplesmente em si mesmos, mas como elementos ou aspectos de um padrão geral ou de um todo. Para enfatizar esse fato e integrá-lo a seus esforços, os antropólogos tomaram uma palavra de uso corrente para nomear o fenômeno e difundiram seu uso. Essa palavra é *cultura*. Quando eles falam como se houvesse apenas uma cultura, como em “cultura humana”, isso se refere amplamente ao fenômeno do homem; por outro lado, quando falam sobre “uma cultura” ou sobre “as culturas da África”, a referência é a tradições geográficas e históricas específicas, casos especiais do fenômeno do homem. Assim, a cultura se tornou uma maneira de falar sobre o homem e sobre casos particulares do homem, quando visto sob uma determinada perspectiva. (WAGNER, 2012, p. 27)

No começo do século XX, os antropólogos e etnólogos correram para registrar o mais rápido possível e a maior quantidade possível de culturas, cientes de que as “sociedades primitivas” e seus costumes estavam sentenciados à morte iminente (WAGNER, 2012). O registro é importante, assim como o reconhecimento, a restauração e o resgate das memórias e culturas (NORA, 1993). No entanto, precisamos tomar cuidado com patrimônio cultural e salvaguarda, para não esquecermos que as culturas são, sim, dinâmicas e inconstantes.

Não se pode pensar em cultura sem pensar na sua temporalidade. Aquela cultura condiz com aquele povo, naquele momento, naquele lugar: “[...] a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, *mediando tudo*” (HALL, 1997, p. 5, grifo do autor). As culturas conversam com as conjunturas sociais, políticas, econômicas, tecnológicas e históricas das sociedades. Sendo assim, podem servir como instrumentos para a regulação social, a moralidade e o governo das sociedades, através de mecanismos simbólicos, sistemas classificatórios e normativos (que definem normas, ou seja, o que é entendido como “normal”, “quem pertence” e “quem não pertence” ou “o outro”, o que é aceito e o que não é, como devemos agir e como não devemos agir etc.) e comparações entre as condutas e práticas das pessoas. Contudo, é uma estrutura vivida a partir de uma escolha dos sujeitos, de abraçar ou não, realizar ou não, vivenciar ou não as culturas como sendo suas:

Esses sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são prática de significação. (HALL, 1997, p. 1).

Elas são sentidas e redimensionadas simultânea e constantemente pelos sujeitos – assim como os sujeitos o são por ela. Os símbolos que utilizamos, os sistemas em que vivemos e os códigos de que nos servimos para empreender significado às nossas vidas e nossas ações também o são: “[...] a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar

significados às coisas” (HALL, 1997, p. 10). Em virtude do que já foi exposto, fica claro que pensar as culturas é *conditio sine qua non* para a investigação sobre construção identitária.

A construção das sociedades, dos sujeitos que as integram e suas culturas coexistem simultânea, equiparada e inevitavelmente. As culturas formam os sujeitos que formam as sociedades que formam os sujeitos que formam as culturas que formam as sociedades. Sob esse ponto de vista, a Cultura é uma das bases para a formação identitária. Afinal, atua como um referencial para o sujeito, seja para sua negação ou afirmação, pois é também a partir dela que ele desenvolverá um *habitus*¹⁰ e uma visão de mundo (CANDAU, 2018; FREUD, 1996).

Para além de seu caráter fabricado e inconstante, outro ponto que gostaríamos de destacar sobre cultura é sua indissociabilidade com o lugar em que é criada e recriada, não só para entender cultura, mas, também, para começarmos a discussão sobre identidade cultural. Principalmente por tratarmos de sujeitos em trânsito (deslocamento) nessa pesquisa, precisamos conversar sobre a relação entre cultura, identidade e lugar.

Diretamente influenciados pelo antropólogo alemão Franz Boas¹¹ (2010), quem criticou o caráter evolucionista da formulação de Tylor, e pela ideia do relativismo cultural¹², concebemos, atualmente, que não se pode falar sobre *uma cultura*, mas sim de *culturas*, que fervem “como um magma de ambiguidades, contradições e paradoxos” (COELHO, 2008, p. 12). Seguindo a linha de pensamento de Boas (2010), nem o universalismo, nem o evolucionismo linear se sustentam mais como perspectivas válidas para a Antropologia Cultural.

Assim, em concordância com a ótica de Boas (2010), descartamos a relação etnocêntrica e discriminatória entre evolucionismo e cultura, favorecemos a diversidade e entendemos que não há um único caminho a ser traçado, que as sociedades não devem ser categorizadas como superiores ou inferiores umas em relação às outras e que o grande objetivo dos Estudos Culturais é investigar as diferenças entre as culturas e as pessoas (SILVA, 2014).

¹⁰ Em resumo, o *habitus* consiste na capacidade de incorporação de determinada estrutura social pelos sentimentos, pensamentos e ações dos sujeitos. Quanto mais as incorporações estiverem estruturalizadas, maior será a coerção social e mais rígido será o *habitus*. Para Bourdieu (2007), o *habitus* primário e o secundário, advindos da interação dos sujeitos com a família e na escola, são os mais rígidos. O *habitus* incorporado somado ao capital (social, cultural, econômico...) constroem o que Bourdieu chama de “juízo do gosto”.

¹¹ Franz Boas é, ao lado de Bronislaw Malinowski e Marcel Mauss, um dos fundadores da moderna antropologia cultural. Criou a moderna concepção etnográfica da cultura, a partir da qual as pessoas pararam de ser descritas a partir de determinismos biológicos, psicológicos ou geográficos, mas sob uma perspectiva cultural.

¹² Essa ideia desafia o universalismo, rejeita o determinismo e entende que há uma autonomia relativa do fenômeno cultural. A perspectiva do relativismo cultural é pioneira em optar pelo uso do plural “culturas”, privilegiando a diversidade como característica fundamental e imprescindível para o estudo etnográfico e antropológico das culturas e das sociedades.

A partir de traços “comuns”, identificamos um povo (os mesmos traços que muito facilmente provocam estereótipos) e procuramos desvendar o funcionamento e os acontecimentos de determinada sociedade. A própria tentativa de definir Cultura objetivamente, colocando-a em uma caixinha fechada, já não nos parece tão importante (nem plausível) quanto tentar compreender o elo entre as pessoas e as culturas, como agem umas sobre as outras e os reflexos desse elo nas sociedades e na história da humanidade. Privilegiamos o conflito, as relações de poder, o choque entre as culturas, o seu caráter intensamente dinâmico e as maneiras com que as pessoas e as sociedades historicamente se relacionaram e ainda se relacionam por causa e através das culturas. Nesse trabalho, também, muito mais do que por sua ideia, interessamo-nos pelas tensões nas, das e pelas culturas. Cultura é conflito.

O conflito, como prefere denominá-lo Georg Simmel (1858-1918) – e um conflito que não *resolve* os lados opostos numa síntese integradora mas que no máximo acomoda os lados opostos, numa justaposição menos ou mais pacífica – é não apenas inerente ao processo cultural como a força motriz para o desenvolvimento humano, na medida em que isso for possível. Negar o antagonismo, o conflito ou a insociável sociabilidade, dentro de uma cultura ou entre culturas, é negar a cultura [...]. (COELHO, 2008, p. 40)

Concordamos com o que o teórico cultural e sociólogo jamaicano Stuart Hall (2011, p. 390) afirma, ao discorrer sobre sua experiência diaspórica: “[...] aprendi, em primeiro lugar, que a cultura era algo profundamente subjetivo e pessoal, e ao mesmo tempo, uma estrutura em que a gente vive”. Hall (2011) consegue demonstrar a ambivalência do conceito e sua práxis, porque cultura é algo estrutural, mas que depende inevitavelmente da subjetividade das pessoas.

Talvez o entendimento de sua complexidade seja mais fácil se a destrincharmos. Afinal de contas, podemos não ter um conceito fechado sobre cultura, mas temos uma noção do que ela é e do que faz parte dela, já que vivemos segundo suas estruturas. Se pensarmos em religião, arte e ciência, por exemplo, áreas que as culturas englobam e por meio das quais se manifestam, conseguimos enxergar o que Hall (1997) defende.

Todas as três são normativas e estruturalizantes, pois estabelecem regras, modos de viver e limites do que se entende como verdadeiro, além de serem fontes de conhecimento e referenciais a partir dos quais vivemos. Ao mesmo tempo, são todas extremamente subjetivas (mesmo a ciência; o ponto de partida de qualquer descoberta científica é a dúvida ou inquietação de alguém sobre alguma coisa, assim como a possibilidade de refutar teorias também surge de inquietações e da investigação de possíveis erros *humanos*) e estão em contínua mudança. Dependem da relação que as pessoas constroem com elas, dependem não só de quem as faz, mas muito de quem as consome, pois são carentes de validação, seja baseada em fé, em teses ou em gosto.

As culturas só vivem se são perpetuadas, mudadas, disseminadas e manifestadas pelos sujeitos. Se não, são apenas registros históricos de antigos costumes. Elas precisam fazer sentido no presente. É por isso, também, que não podemos engessar as culturas, baseando-nos somente na tradição (HALL, 1997; 2011). Do mesmo modo que é importante estudar e “salvaguardar” as manifestações culturais tradicionais, também é preciso olhar para o que está acontecendo aqui e agora, pois somente assim será possível compreender o dinamismo das culturas. Por mais que as registremos, as culturas não estão engessadas no registro, elas são tão vivas como cada um dos sujeitos que nelas vivem.

O que nos move, nesse trabalho, é investigar como os aspectos culturais do agora podem influenciar as construções identitárias dos sujeitos. Em específico, queremos saber se o contato com as culturas brasileiras em suas diversas manifestações e estruturas, sejam elas benevolentes ou não, solidárias ou não, estranhas ou familiares (para as quais destacamos os seguintes aspectos: culinária, arte, manifestações culturais tradicionais, sotaques, gírias e comportamento), impulsionou mudanças nas identidades dos sujeitos aqui pesquisados. Podemos, logo agora, estragar um pouco a surpresa e contar os aspectos culturais que mais surgiram nos relatos: a língua, o comportamento do povo, a culinária, as festas, a religião e o preconceito.

É importante frisar que encontramos, durante essa pesquisa, uma característica que Hall (2011) também destacou: a cultura é relativa. Falamos mais: a cultura, ou melhor, as culturas são experiências que vivemos. Exatamente por isso, as culturas são tão dinâmicas, porque dependem de seres humanos para serem performadas, perpetuadas, ensinadas, transformadas, vividas. As gerações mudam e as culturas mudam junto. As tecnologias avançam e as maneiras de fazer determinadas manifestações acompanham. Manifestações que, hoje, são vistas como cotidianas amanhã serão entendidas como tradicionais e assim segue o fluxo orgânico cultural.

Embora consigamos destacar os aspectos acima como os que mais marcaram as pessoas entrevistadas nessa pesquisa, por aparecerem mais vezes e de maneira mais marcante em suas falas, cada pessoa experienciou, enxergou e relatou esses aspectos de maneira singular. Suas histórias tinham muitos pontos em comum, que surgiam de um jeito diferente em cada relato. Cada uma das pessoas que conversou conosco era migrante em São Luís do Maranhão e estava aqui dentro de uma mesma década. Todas carregavam suas terras de origem consigo e tinham um pouco de terra de outros lugares na sola dos pés também. Ainda assim, cada uma viveu a UFMA, São Luís, o Maranhão e o Brasil de uma forma. Todas sentiam saudade, mas

cada uma sentia saudade de uma forma. O todo e o particular. A estrutura e a subjetividade. Isso é cultura.

2.2 Plantando os pés no chão: conceituando o lugar

No mundo globalizado, as fronteiras se quebram e a noção de que só podemos pertencer a um lugar ou a uma cultura já não parece mais tão natural. Apesar de existirem consequências contrastantes (muitas vezes, contraditórias), é fácil falar que o mundo se tornou muito menor. Não apenas pela comunicação, mas pela própria facilidade de acesso a lugares e culturas longínquos. A globalização constituiu o livre mercado. O livre mercado gerou o livre acesso. O livre acesso facilitou o nosso contato com outras culturas e a subsequente influência delas em nós. Hoje, com os efeitos da globalização, acentuados pelos avanços tecnológicos em comunicação (como a Internet), vivemos conectados por uma rede que nos interliga no mundo real e no virtual, para além de nossas limitações físico-espaciais (CASTELLS, 2000; BAUMAN, 1999; GIDDENS, 2007).

Contudo, uma pessoa não muda suas origens apenas por sair de seu lugar natal ou por entrar em contato com culturas de outros lugares. Ele permanece como um grande influenciador de sua visão de mundo, afinal, foi nesse lugar que ela desenvolveu seu corpo, seus movimentos, seus hábitos. Foi lá onde aprendeu a relacionar símbolos a sons e ideias, ou seja, a se comunicar com outras pessoas. Foi lá onde construiu, positiva ou negativamente, sua visão de si e do mundo. Nós “damos como certas a pátria e a língua, elas se tornam natureza, e seus pressupostos subjacentes retrocedem para o dogma e a ortodoxia” (SAID, 2003, p. 58). Nossas primeiras identidades, portanto, estão associadas ao lugar de origem, pois é nele onde primeiro aprendemos a nos associar com o mundo e com as pessoas:

Em Heidegger e Merleau-Ponty, não é meramente a identidade humana que está vinculada ao lugar, mas a possibilidade de relacionar-se *com* o mundo (e, mais especificamente, com os objetos e os eventos que o compõem), refletir *sobre* o mundo e encontrar-se *no* mundo. [...] A importância estratégica dos conceitos de espaço e lugar deriva não apenas de seu papel em qualquer grupo de oposições binárias ou de sua relação com outros grupos de conceitos mas também, em grande parte, de sua indispensabilidade e de sua ubiquação no pensamento e na experiência humana. (MALPAS, 1999, p. 8 apud FARAH, 2016, p. 52, *grifos do autor*)

Para alcançarmos a complexidade da construção identitária, precisamos, portanto, compreender o que é esse lugar, de mesmo modo que o fizemos com o conceito de cultura no tópico anterior. Para isso, começaremos com a distinção entre lugar e espaço. Embora constantemente tratados como sinônimos, uma palavra não pode ser substituída pela outra,

porque estamos falando de dois conceitos bem diferentes e que abarcam coisas diferentes. Existem teorias diversas sobre espaço, lugar e território e suas características específicas. Aqui, favorecemos as ideias da Geografia Humanista, vertente da Geografia que se interessa pelo aspecto subjetivo e relacional do ambiente.

Para o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan, precursor da Geografia Humanista, a diferenciação entre espaço e lugar reside na significação dada pelos sujeitos para o espaço físico. No princípio, pensamos em espaço livre, sem um sentido construído e, especialmente, sem um vínculo ou uma relação formados com ele. Ele é instável, por estar aberto a quaisquer significados que forem elaborados em cima dele. A partir do momento em que significado (sentido) e valor são atribuídos, o *espaço* se transforma em *lugar*:

Espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. [...] As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar, estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 2013, p. 14)

O significado dado pelo sujeito ao lugar depende de uma série de fatores. O primeiro deles é a sua percepção, que tem início no corpo, através dos sentidos (tato, audição, visão, paladar e olfato), e vai se solidificando com o aprofundamento da relação entre o sujeito e o lugar. Tal relação pode ser marcada por dois sentimentos antagônicos, que Tuan chama de espaciosidade e apinhamento. Em linhas gerais, a espaciosidade tem a ver com a sensação de liberdade espacial, enquanto o apinhamento corresponde à sensação de restrição espacial (TUAN, 2012; 2013).

Essas duas sensações estão diretamente ligadas a um conceito de Gaston Bachelard (1884-1962) assimilado para a Geografia por Tuan (2012, p.19) chamado *topofilia*, que seria “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal [...]”. Segundo o geógrafo, o lugar pode incitar sentimentos *topofílicos* ou *topofóbicos*, conceitos estes opostos entre si. A tendência é a de que lugares que despertem espaciosidade induzam o sujeito a construir uma relação topofílica e que o apinhamento induza a relações topofóbicas:

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tática: o deleite

ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. (TUAN, 2012, p. 135-136)

A análise desenvolvida em nossa pesquisa segue a mesma linha de Tuan (2012), pois buscamos compreender como as relações se dão entre os sujeitos em deslocamento e os lugares de onde saíram e aonde chegaram, para saber se essas relações são topofílicas, topofóbicas ou, quem sabe, ambas. Afinal de contas, um relacionamento, mesmo entre uma pessoa e um lugar, é algo tão complexo e cambiante que abre precedente para relações afetivas ambíguas (TUAN, 2012; 2005).

É imprescindível, falando sobre a teoria de Tuan, destacar que o cerne de seu pensamento está na experiência (mais uma semelhança com a nossa pesquisa, baseada, também, na experiência de vida de cada sujeito com seus lugares de origem e com os lugares aqui pesquisados: UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil). O lugar e o sentido de lugar, para ele, são construções sociais. Portanto, são subjetivos, relacionais e passíveis de mudanças. Tudo gira em torno da experiência do sujeito, sua compreensão e sua perspectiva. Logo, os lugares não podem ser qualificados apenas por suas características físicas, mas por tudo o que, fazendo parte dos lugares, influencia a experiência do sujeito e é dela, resultado (TUAN, 1975).

Já o geógrafo francês Eric Dardel (2011) acredita que a relação existencial entre homem e Terra gera o espaço geográfico e cunha o termo “geograficidade”, que exprime o que é o “ser-estar-no-mundo” sob o ponto de vista da Geografia, cujo objetivo seria a revelação do destino e da condição humanos (DARDEL, 2011; HOLZER, 2013). Ele diferencia dois tipos de espaço: o geométrico, estudado pela Física e pela Matemática, e o espaço geográfico, estudado pela Geografia e pelas demais Ciências Humanas. Poderíamos entender o que ele chama de espaço geométrico como o espaço puramente físico, sem conteúdo, ou seja, sem significado. Já o espaço geográfico seria o espaço em que podemos identificar fenômenos, existências, subjetividades (similar ao que Tuan (2013) chama de lugar) e um relacionamento entre a Terra e os sujeitos, enquanto seres-no-mundo (HOLZER, 2013).

O espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. (...) A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo o conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste. (DARDEL, 2011, p. 07)

Dardel (2011) não é o único a diferenciar tipos de espaço. O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1996) enxerga duas equivalências: entre o espaço físico e o espaço social/simbólico; e entre a sociedade e o espaço. O espaço “divide-se” em campos: político, artístico, econômico, religioso etc., que têm “tamanhos” e “pesos” variados e são palcos para a atuação dos sujeitos, os quais sempre tentam melhorar suas posições através dos capitais econômico, social, cultural e simbólico, que estiverem à sua disposição. Em função disso, os relacionamentos interpessoais e as relações espaciais são transformados e reformados continuamente. Em resumo, o que o autor evidencia é que, por mais que pareça natural (uma ilusão), o espaço é sempre simbolizado e regido pelos sujeitos que nele atuam, em uma disputa interminável por “espaço” e por poder (no sentido mais simbólico, de apropriação) (BOURDIEU, 1996).

As distinções entre espaço e lugar ilustram o desenvolvimento da própria Geografia como ciência espacial. De acordo com o geógrafo canadense Edward Relph (2014, p. 19), “levou cerca de trezentos anos para que os geógrafos [...] percebessem que sua disciplina pode ser compreendida em termos de espaço e de relações espaciais”, uma vez que sua grande preocupação era com a dimensão mensurável do espaço, sob uma perspectiva bastante cartesiana e newtoniana. Foi apenas na segunda metade do século XX que a Geografia passou a enxergar o lugar com outros olhos e a possibilitar diálogos com a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia:

Até cerca de 1990, o interesse em lugar como um tema acadêmico estava restrito à geografia humanista e a alguns ramos da psicologia ambiental e da arquitetura. Não era mais que um campo menor de estudo. Desde então, lugar emergiu das sombras da academia. Isso estava relacionado em parte ao movimento intelectual geral de se afastar de proposições universalistas do pensamento moderno e do projeto em direção ao pós-modernismo e à celebração da diferença, seja racial, sexual, política ou arquitetônica. [...] Em suma, estudar e promover lugar, seja de uma perspectiva humanista, radical, seja de uma perspectiva arquitetônica ou psicológica, é uma prática de resistência. (RELPH, 2014, p. 20-21)

Relph (2014) continua seu apontamento sobre o surgimento do lugar como uma temática para a Geografia e reflete sobre os diferentes aspectos de lugar: lugar como reunião; fisionomia do lugar; espírito de lugar; sentido de lugar; raízes e enraizamento; interioridade; lar; lugar-sem-lugaridade; entre outros. Assim, demonstra a complexidade do conceito e todas as possibilidades de estudos ramificados a partir dele.

Enquanto Tuan fala sobre topofilia e Dardel, sobre geograficidade, Relph (2010) se atenta para a lugaridade, especificamente, para o que ele chama de lugar-sem-lugaridade, que seriam lugares que não imprimem pertencimento (SEAMON, 2008). Já o etnólogo e antropólogo francês Marc Augé elaborou o conceito de “não-lugar”, que não teria nem

pertencimento nem significado. Segundo Augé (1994, p. 73), “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar¹³”, como um quarto de hotel, um aeroporto, um supermercado etc.

O que podemos ver de comum em todos esses conceitos é a experiência como ponto axial para a definição ou não de um lugar. Não basta apenas o espaço físico. É preciso que ele afete os sujeitos e seja dotado de sentido por eles. Desde já, podemos perceber como os conceitos se entrelaçam: o lugar é definido pela experiência, a cultura está intrinsecamente ligada ao lugar (assim sendo, também depende da experiência) e a identidade é construída a partir de inúmeros fatores, entre eles, as culturas e os lugares. Destarte, a identidade, também, resulta das experiências pessoais do sujeito ao longo de sua vida. Todos os três são constantemente construídos, desconstruídos e reconstruídos, pois as experiências são inúmeras, diversas e, muitas vezes, imprevisíveis.

A essência de ser “mundo” é de um pertencimento integral entre o ser e as coisas para as quais ele intencionalmente se volta, ou seja, ser e coisas constituem um fenômeno complexo que alguns geógrafos, com muita propriedade, chamam de espaço vivido, ou melhor, mundo vivido. [...] Lugares, por sua vez, só existem a partir do compartilhamento de experiências entre seres humanos, ou seja, da experiência intersubjetiva compartilhada das coisas e fenômenos para os quais nos voltamos em comum. (HOLZER, 2013, p.22-23)

2.3 Sou quem sou... não sou?: identidade em construção

Talvez a mais comum, perigosa e inquietante das narrativas seja a originada pela pergunta: “quem sou eu?”. Tememos o esquecimento e a incerteza. Almejamos o autoconhecimento e a segurança de uma vida cujas escolhas se baseiam em um profundo conhecimento do que se quer e de quem se é. Buscamos, constantemente, entender os outros e o mundo, sim, mas, antes de mais nada, nós mesmos.

Atreladas à história de vida e à visão de mundo, as identidades dão sentido à existência, aos nossos posicionamentos e opiniões, pois nosso ponto de partida para vivermos

¹³ O conceito de não-lugar é um pouco mais complicado do que sua definição faz parecer, porque, assim como o lugar, o não-lugar se ancora nas pessoas que o vivem, sendo, assim, também relativo e perigoso. Ao estabelecer um aeroporto como não-lugar, por exemplo, acabamos limitando a possibilidade de relações dos sujeitos com aquele lugar e ignorando as possíveis exceções à regra. Nosso questionamento, nesse ponto, é: mesmo que só exista uma exceção, sua existência não seria suficiente para descaracterizar um não-lugar? Deixaremos aqui o questionamento em aberto, tendo em vista que o objetivo desse tópico não é se aprofundar nessa dualidade entre lugares e não-lugares.

e compreendermos nossas realidades somos nós mesmos. Agimos e reagimos de acordo com as possibilidades e limites das *personas* que representamos, com os papéis sociais que desempenhamos, com o que é esperado de nossos temperamentos, personalidades, crenças, afirmações, enfim, de acordo com quem somos e com quem demonstramos ser.

Entretanto, como já estipulava Paul Ricoeur (1994), enquanto seres sociais, apresentamo-nos às demais pessoas diversas vezes – ou seja, também *nos* narramos diversas vezes – e, a cada vez que o fazemos, deparamo-nos com uma apresentação diferente da anterior. Isto porque somos tão mutáveis quanto a linguagem que usamos ao longo da vida, os estilos de moda que adotamos, os gêneros de literatura que lemos, as músicas que escutamos, enfim, as escolhas e gostos que adquirimos e descartamos:

É chegado o momento de ligar os dois estudos independentes que precedem e de pôr à prova minha hipótese de base, a saber, que existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: *que o tempo torna-se humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal.* (RICOEUR, 1994, p. 85, grifo do autor).

A articulada e intrincada comunicação humana nos diferencia de outros seres vivos. A primeira narrativa que tecemos é a apresentação de quem somos. Partimos de nossos nomes e navegamos por gênero, idade, *naturalidade*, *nacionalidade*, ocupação, religião... Variadas categorias das quais nos utilizamos para comunicar ao mundo nossas identidades: o modo como nos comportamos, as palavras que escolhemos usar, as roupas que vestimos, os objetos que compramos, a arte que consumimos, entre tantas outras efêmeras expressões. Efêmeras, sim, porque as narrativas, assim como nós, *estão* (não *são*) em constantes fluxo e mudança (BOURDIEU, 1996; RICOEUR, 1994).

Como poderíamos entender nossas identidades, se são assim tão mutáveis? A princípio, quando a identidade se tornou objeto de estudo das Ciências Humanas, ela não era entendida em sua mutabilidade, mas no oposto. Além da ideia de cultura e suas narrativas, o Iluminismo influenciou, também, o conceito de identidade. Na Modernidade, falava-se em identidade no singular, pois entendia-se que ela era una, estável, sólida, indivisível e imutável. Nasceríamos, cresceríamos e morreríamos como Gabriela¹⁴: do mesmo jeito. Entendia-se que o ser humano tinha uma natureza¹⁵, uma essência imutável e que era possível (e necessário)

¹⁴ Aqui nos referenciamos à canção de Dorival Caymmi “Modinha para Gabriela”, cujo refrão diz: “Eu nasci assim. Eu cresci assim. E sou mesmo assim. Vou ser sempre assim”.

¹⁵ Uma perspectiva que Woodward (2014) considera como *essencialista*, que foca nas semelhanças culturais de um grupo, em busca de uma unidade inalterável e atemporal.

buscá-la, assim como era preciso buscar a verdade de todas as coisas. Ora, se há uma essência pura que já alcance a verdade sobre o ser, não faz sentido pensar em *identidades*:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do “eu” era a identidade de uma pessoa. [...] pode-se ver que essa era uma concepção muito “individualista” do sujeito e da identidade “dele” (já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino). (HALL, 2014, p. 10-11)

Essa visão revela muito sobre as conjunturas social, política e econômica da época. O pai do pensamento moderno é René Descartes (1596-1650) e seu método se espalhou pelas mais diversas áreas do conhecimento. As pessoas procuravam respostas cartesianas inclusive para problemas não-cartesianos. Tal tentativa, embora contraproducente, fortalecia-se até mesmo pelo nome próprio das pessoas. Segundo Bourdieu (1996), o nome nos ilude: ele é fixo, enquanto não o somos, e nos acompanha, sempre o mesmo, durante nossas vidas, sem levar em conta nossas transformações.

A identidade no singular permaneceu assim durante toda a Modernidade porque os indivíduos eram disciplinados um a um com o objetivo de se adequarem a um padrão, no que Michel Foucault (1926-1984) denomina “sociedade disciplinar”, do século XVIII ao XX (DELEUZE, 1992). A quebra da sociedade disciplinar para a contemporânea (ou pós-moderna) traz o fim dessa estrutura e dessa visão sobre os sujeitos – a mudança do nome “indivíduo” para “sujeito” reforça o novo olhar, que compreende a subjetividade, em vez de pensar nas pessoas como meras partes de um todo.

Outra visão sobre identidade que precisamos abordar, antes de chegarmos àquela que fundamenta esse trabalho, é a do sujeito sociológico, cuja identidade é “formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade” (HALL, 2014, p. 11). Brincamos que essa concepção está “no meio” das outras duas (iluminista e pós-moderna), porque ela funciona quase como uma transição de um para o outro. Aqui, ainda existe uma essência. A diferença é que ela é produzida em diálogo com as culturas e as identidades externas ao sujeito: “A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura” (HALL, 2014, p. 11) e estabiliza tanto os sujeitos quanto as sociedades, unificando e simplificando-os.

Antes de entrarmos no conceito de identidade para os pensadores pós-modernos, precisamos abordar, brevemente, a pós-modernidade. Para começar, não há um consenso sobre o termo. Há quem chame de pós-modernidade, há quem chame de modernidade tardia (HALL,

2014), há quem chame de modernidade líquida (BAUMAN, 2001). De todo modo, há uma ruptura no modo como as Ciências Humanas trabalham. O que a Modernidade trazia de rigidez, a Pós-modernidade tem de livre e fluida (BAUMAN, 1998)¹⁶. Se o foco antes era o de buscar a essência, agora o pensamento é de que não existe uma essência e que precisamos entender “o aqui e o agora”:

[...] a identidade emerge, não tanto de um centro interior, de um —“eu verdadeiro e único”, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós por alguns dos discursos sobre a —“inglêsidade” — em resumo, de investirmos nossas emoções em uma ou outra daquelas imagens, para nos *identificarmos* (ver Woodward, ed., 1997). O que denominamos — nossas “identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos —“viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. (HALL, 1997, p. 8, *grifos do autor*)

Esse pensamento é completamente refletido no conceito de identidade. Agora, a Identidade, assim como a Cultura, é pensada no plural. A ideia de que há um núcleo ou uma essência do sujeito é abandonada, não há nada que nasça com ele que o defina para sempre. O sujeito pós-moderno é fragmentado, composto de várias, múltiplas, incertas, por vezes contraditórias identidades (HALL, 2014; VOICU, 2014).

Em razão disso, é imprescindível, ao estudar identidades, entender a temporalidade em que são construídas e, para o sujeito, o momento em sua vida em que se identificou com uma identidade ou com outra sob uma perspectiva *não essencialista*. Para tal, precisamos refletir sobre os processos que a constroem, em especial, os de diferenciação e identificação (HALL; SILVA; WOODWARD, 2014).

Os dois conceitos partem de uma comparação que os sujeitos fazem entre si. A identificação é originada na psicanálise, sendo central para a compreensão da criança como um sujeito sexuado. É o processo pelo qual nos identificamos com os outros, “seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades” (WOODWARD, 2014, p. 19), e que está intrinsecamente ligado aos sistemas simbólicos e seu poder de representação. Por consequência, também se relaciona com poder,

¹⁶ Para Bauman (1998), a liberdade desregrada é o que ele considera como o “mal-estar da pós-modernidade”, em um diálogo com o “mal-estar na civilização” de Freud. Sua crítica pode ser vista em paralelo com a de Giddens (2007), quando diz que nosso mundo está em “descontrole”. Somos tão livres e tão fluidos que acabamos caindo na reflexão sobre leveza de Milan Kundera (2017, p. 11), em *A insustentável leveza do ser*: “[...] a ausência total de fardo leva o ser humano a se tornar mais leve do que o ar, leva-o a voar, a se distanciar da terra, do ser terrestre, a se tornar semirreal, e leva seus movimentos a ser tão livres como insignificantes”.

cultura, lugar, história, linguagem, religião, ciência e tudo aquilo que possa ser utilizado como vetor para as práticas de significação dos sujeitos.

No livro *De que tribo eu sou?*¹⁷ (WALTRICK, 2005), a protagonista Dani procura saber quem é. Ela acredita que, para isso, precisa encontrar sua “tribo”, ou seja, um grupo social do qual faça parte. Assim, passa pelos vegetarianos, góticos, surfistas, populares e todas as outras disponíveis, sempre à procura de se identificar com eles e com as características comuns aos integrantes das tribos. No final, acaba abandonando a pretensão de encontrar uma tribo, pois se identifica um pouco com cada uma delas e não consegue descartar ou sobrepor uma identificação à outra. (WALTRICK, 2005) Agora, ela se identifica com várias identidades: um perfeito exemplo de sujeito pós-moderno:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (HALL, 2014, p. 12)

Outro ponto que destacamos, no livro paradigmático *De que tribo eu sou?*, é a presença forte da diferenciação. A personagem consegue caracterizar muito facilmente as “tribos” não apenas pelo que é comum entre seus integrantes, mas pelo que elas têm de diferente umas das outras. Eles sabem quem são por saberem quem não são. A busca de Dani depende muito de uma sucessão de negações e eliminações. Ela não se diz de um grupo específico porque não se identifica com tudo o que aquele grupo representa e, para ela, isso basta.

Se pensarmos em linhas gerais, a produção de qualquer conceito tem início na identificação da existência de opostos e de iguais. Compreende-se o “eu” porque se compreende, também, o “outro”, assim como: o “aqui” e o “lá”, o “antes” e o “depois”, o “bem” e o “mal”, o “bom” e o “ruim”, e tantos outros sistemas classificatórios de opostos binários (WOODWARD, 2014). O mundo é entendido, portanto, na diferença:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. (WOODWARD, 2014, p. 40, grifo do autor)

De mesmo modo, um indivíduo constrói quem é tendo noção de quem ele não é. O teórico catarinense Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 76) afirma, ao discorrer sobre identidade, “[...] na origem estaria a diferença – compreendida, agora, como ato ou processo de

¹⁷ Publicado como um dos catorze livros paradigmáticos da Coleção Projeto Adolescer, da Editora Escala Educacional.

diferenciação”. Os três conceitos são, inevitavelmente, interdependentes: diferenciação, identificação e identidade. São resultados de um processo de produção discursiva e simbólica. São relações sociais. Conseqüentemente, estão sob influência de vetores de força, como relações de poder, conflitos e imposições sociais (SILVA, 2014).

Quando chegamos ao cerne da questão, vemos que, desde o momento em que o sujeito começa a criar consciência de si até o fim de sua vida, ele permanecerá no ciclo: construir-se, desconstruir-se, reconstruir-se, sem chegar a um fim. É exatamente em seu caráter mutante que reside o fascínio do tema. Se, daqui a uma década, hipoteticamente, fizermos as mesmas indagações aos participantes dessa pesquisa, nada garante que suas respostas sejam as mesmas. Estamos sujeitos a mudanças todos os dias. Uma decisão, um encontro, uma palavra, uma experiência pode mudar o processo de identificação e diferenciação dos sujeitos, mudando, assim, suas identidades. (SILVA; WOODWARD; HALL, 2014)

Os sujeitos aqui estudados têm em comum um processo identitário muito peculiar. São sujeitos que saíram do ambiente familiar em que se desenvolveram. São todos viajantes e, em meio a seu deslocamento, descobrem novas similaridades e diferenças com relação às diferentes pessoas, culturas e lugares por onde passaram, em uma experiência extremamente subjetiva. Somente por terem saído, adentraram em uma nova categoria de estudo: agora, são *sujeitos em trânsito*. Constantemente e sem parar, em um processo de construção, desconstrução e reconstrução de suas identidades.

2.4 Levantar âncora, içar velas!: o deslocamento migratório no mundo globalizado

O mitologista e escritor estadunidense Joseph Campbell (2009) identificou um fio condutor nas narrativas clássicas da Literatura, que ele intitulou de “jornada do herói”, no livro *O Herói de Mil Faces*. Segundo ele, existem passos específicos pelos quais todo herói passa, como o “chamado da aventura”, “a passagem pelo primeiro limiar” e “o ventre da baleia” (RICÓN, 2006; VOGLER, 2005). O que chama a nossa atenção, com relação às obras analisadas por Campbell, é que *todas* retratam *jornadas*.

*A Odisseia*¹⁸, *Star Wars*¹⁹, *One Piece*²⁰, *O Assobiador*²¹, *O Nome do Vento*²², *O Senhor dos Anéis*²³, *Na Estrada*²⁴, *A Divina Comédia*²⁵, *Desventuras em série*²⁶, *Simbad*²⁷, *Viagem ao Centro da Terra*²⁸, *Comer rezar amar*²⁹ estão na extensa lista de estórias cujo impulso ou ponto central é o deslocamento. Seja peregrinação, viagem, exílio, diáspora, aventura, procissão, o deslocamento nos intriga por ser, notoriamente, um catalisador de transformações. Segundo Said (2003), “a moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados”, de deslocados e deslocamentos. Passaremos agora para o próximo conceito axial do trabalho: deslocamento. Em especial, perscrutaremos como esse deslocamento se dá no mundo globalizado e no que a globalização o influencia, bem como os demais conceitos já vistos:

O estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de ‘alteridade’. Talvez possamos agora sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e divisas – possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial. O centro de tal estudo não seria nem a ‘soberania’ de culturas nacionais nem o universalismo da cultura humana, mas um foco sobre aqueles ‘deslocamentos sociais e culturais anômalos’ que Morrison e Gordimer representam em suas ficções ‘estranhas’. (BHABHA, 1998, p. 33).

Precisamos, agora, diferenciar o deslocamento de que falamos nessa pesquisa dos demais tipos de deslocamento possíveis, porque esse conceito é tão elástico quanto os anteriores

¹⁸ Escrito por Homero, é sequência da *Ilíada* e um dos mais importantes poemas da Grécia Antiga.

¹⁹ O primeiro filme da saga *Star Wars*, “*Star Wars: Episódio IV – Uma Nova Esperança*” foi escrito e dirigido por George Lucas e produzido por Gary Kurtz e George Lucas em 1977. Durante 121 minutos, começa a narrar a história de Luke Skywalker, que sonha em ir para a Academia e se tornar um piloto, mas acaba se tornando figura central de uma guerra intergaláctica.

²⁰ Série de mangá (revista em quadrinhos japonesa) escrita e ilustrada por Eiichiro Oda desde 1997, conta as aventuras de Monkey D. Luffy e sua tripulação pirata enquanto desbravam os mares em busca do maior tesouro do mundo, o *One Piece*.

²¹ Romance do escritor angolano Ondjaki, retrata as mudanças ocorridas em uma pacata aldeia com a chegada de um estrangeiro e seu assobio.

²² No primeiro livro da série de fantasia *A Crônica do Matador do Rei*, o escritor estadunidense Patrick Rothfuss nos apresenta as aventuras de Kvothe, um garoto que nasceu em uma família de artistas nômades e que, depois de muitas tragédias, começa a tecer sua própria jornada pelo mundo.

²³ Trilogia de livros do gênero fantasia, escrita pelo britânico J. R. R. Tolkien, retrata uma longa e difícil jornada para livrar a Terra-Média do maligno Sauron.

²⁴ Considerada a obra-prima do escritor estadunidense Jack Kerouac, o romance ilustra a juventude mochileira dos anos 60.

²⁵ Poema épico do italiano Dante Alighieri que descreve a trajetória do próprio autor pelo mundo espiritual, sob orientação de Virgílio, passando pelo Inferno, Purgatório e Paraíso.

²⁶ Série de livros do autor estadunidense Daniel Handler, sob o pseudônimo Lemony Snicket, que narra a fuga dos órfãos Baudelaire das mãos do perverso e vil Conde Olaf e sua busca por uma vida pacífica.

²⁷ As aventuras de Simbad, o marujo é um conjunto de histórias antigas do Oriente Médio.

²⁸ Um dos clássicos de ficção científica, escrito pelo francês Júlio Verne no século XIX, com narração de Axel, garoto que integra um grupo de expedidores que viaja ao centro do planeta.

²⁹ A escritora estadunidense Elizabeth Gilbert conta a peregrinação de uma mulher que objetiva reconstruir sua vida.

(quicá, mais). Podemos falar sobre deslocamento de conceitos como o ocorrido na pós-modernidade com cultura, sujeito e identidade, por exemplo. De um entendimento estático, estável e nuclear, esses conceitos se *deslocaram* para um entendimento dinâmico, instável e articulado (LACLAU, 1990).

Podemos pensar no sujeito *deslocado* como aquele que não consegue se integrar a um grupo, sugerindo desconforto, isolamento e falta de traquejo social. Podemos também pensar em deslocamento do corpo: ombros, joelhos, pés, punhos, braços, cabeças etc. Podemos, também, perceber, por meio destes exemplos, que o deslocamento implica a remoção (proposital ou não) de algo ou alguém de um lugar prévio e sua recolocação em outro lugar, seja este concreto ou abstrato. O deslocamento que nos interessa, aqui, é proposital, concreto e físico. Nessa pesquisa, estudamos as consequências de um tipo muito específico de deslocamento: a migração (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010).

Pensar migração é, também, pensar tudo o que está por trás dela: política, história, economia, povos, culturas, globalização, nacionalismo, patriotismo, tofília, tofobia, trânsito, lugares, movimentações, comunicação, mídias, conhecimento, contato, hibridismo, entre-lugar, relacionamentos, enfim, é pensar a conjuntura que a gerou (SALIM, 1992; DARDEL, 2011, TUAN, 2012; RELPH, 2014):

[...] a migração não é importante apenas para as pessoas que trocam de local de domicílio. Ela é também decisiva em muitos outros aspectos como: no desenvolvimento de regiões e países, no crescimento populacional de cidades, na troca de experiências e tecnologia entre povos, etc. As pessoas mudam quando migram. As regiões também mudam quando os indivíduos migram. (GOLGHER, 2004, p. 6)

Para conceituarmos migração, precisamos voltar à discussão anterior sobre lugar e espaço e trazer um novo conceito à tona, embora brevemente: o de território. O território se diferencia de lugar e espaço porque ele envolve demarcações político-econômico-sociais, relacionais e físicas mais explícitas, previamente institucionalizadas e fundamentadas nas relações de poder e territorialidades vividas no território (DE PAULA, 2011; HAESBAERT, 2007; SANTOS, 2006).

Migrar não é apenas mudar-se, mas sair de um território para outro, ou seja, cruzar fronteiras. Se o sujeito se muda de um bairro de Fortaleza para outro, por exemplo, apenas troca de endereço (por mais que qualquer mudança acarrete consequências diversas). Contudo, se ele se muda de Fortaleza para Quito, ele se torna um migrante, especificamente, um emigrante de Fortaleza e um imigrante em Quito (GOLGHER, 2004):

[...] a migração é qualificada em função do tipo de movimento ou deslocamento espacial que representa, podendo ser: contínua, circular, intermitente, de retorno, por

situação de domicílio, intra ou interregional etc. Como agravante, inexistiu unanimidade no entendimento do que seja migração, migrante ou, simplesmente, mobilidade, e surgem ainda dificuldades para se delimitar o que seriam *fluxos ou correntes migratórias* – nomadismo, evasão populacional, movimentos sazonais, etc –; *áreas de origem e destino* – delimitação geográfica, o limite entre o rural e o urbano, áreas sócio-espaciais, etc –; *migração e intervalos de tempo* – mês, ano etc – e assim por diante. (SALIM, 1992, p. 119, grifo do autor)

Levando em consideração a citação acima, esclarecemos o tipo de migração estudada nessa pesquisa como sendo: internacional, voluntária e individual. O que aqui chamamos de *lugar de origem* se remete não ao lugar de partida do deslocamento que trouxe os participantes da pesquisa ao Maranhão, mas ao lugar em que suas identidades primeiras se originaram, ou seja, onde nasceram e primeiro desenvolveram suas identidades culturais, por isso colocamos como um dos critérios de inclusão na pesquisa que os participantes tivessem nascido e crescido fora do Brasil.

Além disso, por mais que tenhamos levantado informações sobre a inserção de estrangeiros na UFMA como um grupo, nosso intuito é compreender suas experiências pessoais, uma por uma. Nosso propósito não foi o de estudar demografia, mas os singulares processos identitários de cada participante. Contudo, como é contraproducente e vai de encontro aos métodos de pesquisa aqui aplicados, procuramos, também, compreender a realidade a nível macro e, assim, ter nem que fosse uma pequena amostra de como o deslocamento dessas pessoas afeta o lugar para o qual migram:

O processo migratório, envolvendo rupturas espaciais e temporais, transformações diversas, nomeadamente mudanças psicológicas, ambientais, biológicas, sociais, culturais, familiares, políticas, implicando a adaptação psicológica e social dos indivíduos e das famílias e diferentes modalidades de aculturação, constitui um processo complexo, com consequências ao nível do desenvolvimento individual, sócio - profissional e da saúde física e psíquica. A migração não implica apenas a deslocação espacial e não é, simplesmente, sinónimo de encontro cultural. Implica uma adaptação à cultura de acolhimento, a um meio novo, desconhecido ou hostil. Constitui um processo complexo, contraditório, uma experiência de perda, ruptura, mudança, vivenciada pelo indivíduo de uma forma mais ou menos traumatizante ou harmoniosa, segundo os seus recursos psicológicos e sociais, as características da sociedade dominante, as condições de acolhimento e as políticas do país receptor. (RAMOS, 2009, p. 5)

Historicamente, entendemos que as migrações internacionais são motivadas por uma pressão externa ao sujeito: guerras (diásporas), exílios, êxodos em busca de melhores condições de vida em países mais desenvolvidos, entre outros. As migrações provocadas por motivos mais pessoais e propositais são uma novidade, principalmente, pela maior facilidade de acesso e fluxo de mercadorias e pessoas, muito em decorrência da globalização, fenômeno irreversível que desloca, descentra e desconstrói também, identidades nacionais, culturas,

fronteiras e sociedades e cujas consequências ainda precisamos estudar (BAUMAN, 1999; FUSCO, 2000; HALL, 2014; SOUZA, 2008).

O mundo globalizado é, antes de qualquer coisa, um mundo integrado, de fronteiras elásticas e comunicação (em tese) ilimitada, resultado de fortes políticas capitalistas de livre mercado, que garantiram maior importação e exportação de produtos, conhecimento e populações inteiras, e de um avanço tecnológico sem precedentes com relação a meios de transporte e de comunicação (GIDDENS, 2007).

A internet, por exemplo, consubstanciou e fermentou uma vivência em rede de tal forma que, atualmente, estamos invariavelmente conectados em escala global. Por mais que alguém não “navegue na web”, ainda assim, sente os efeitos de uma sociedade que progressiva e cotidianamente mistura o real e o virtual, de modo que até mesmo mídias antes estáveis, como a televisão e o rádio, por exemplo, precisem se reinventar, com serviços de streaming conectados à internet e feitos nos moldes do consumo virtual, para não se extinguirem.

Quando o sociólogo espanhol Manuel Castells (2000) analisa a sociedade globalizada, conclui que os sujeitos vivem em rede, conectados ao mundo e uns aos outros de modo a influenciar estruturalmente toda a organização social, pois todas as suas relações, a sua visão de mundo e sua maneira de viver são resultados dessa rede. Sob essa ótica, fica mais fácil entender o entre-lugar³⁰ em que os sujeitos em trânsito se encontram, pois os realinhamentos globais causados pela vida em rede o valorizam (BHABHA, 1998; HANCIAU, 2005; SOUZA, 2008).

Podemos pensar que, em um mundo globalizado, estamos todos em uma espécie de entre-lugar, já que as fronteiras entre o que é daqui e o que é de lá, o que é nosso e o que é deles, as influências e as culturas se borram, tornando mais delicada e, às vezes, mais necessária, a diferenciação. Estamos falando, nessa pesquisa, de culturas e pessoas híbridas que, por sua condição como sujeitos em deslocamento, vivenciam de maneira mais clara processos identitários fluidos, descentralizados e instáveis, típicos da pós-modernidade.

³⁰ Durante as entrevistas, o conceito de entre-lugar surgiu de maneira espontânea e fora do roteiro. Explicávamos para os entrevistados que, de maneira muito geral, o entre-lugar de Bhabha era uma experiência, um lugar à margem do lugar físico, uma transição entre dois lugares, quase como um limbo, mais ou menos assim: Bhabha diz que, a partir do momento em que você sai do seu lugar de origem, é como se você deixasse um pé lá e colocasse outro no novo lugar, que seria o Brasil, e, ao mesmo tempo, você não está plenamente em lugar algum. Surpreendemo-nos constantemente com as respostas.

2.5 Tempo, tempo, tempo, tempo: a importância da memória para a compreensão da história, da identidade e dos estudos pós-coloniais

Embora seja um equívoco limitar nosso entendimento sobre a história de um povo ao seu passado, o seu resgate é imprescindível para a compreensão da historicidade³¹ do mesmo povo. Graças à retomada da história passada, somos capazes de entender a formação e o desenvolvimento das sociedades, suas regras, tradições, revoluções, progressos, regressos, estruturas, superestruturas e culturas. Esse entendimento é imprescindível para quem deseja pesquisar os seres humanos em toda a sua complexidade, excentricidade e mutabilidade. Nossas identidades, afinal de contas, são formadas culturalmente (HALL, 1997):

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente de si mesma, sua "autenticidade". É claro, um mito - com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. (HALL, 2011, p. 29)

O historiador francês Pierre Nora (1993) defende que nós devemos resgatar a memória, para que, a partir dela, compreendamos a história. Logo, se aqui desejamos compreender a maneira como as identidades se constroem, desconstroem e reconstroem, precisamos atentar para a influência da história passada e vivida nesses processos. Recorremos, então, aos estudos da memória, os quais privilegiam uma reflexão sobre a correlação entre o espaço, o tempo, a memória e a sociedade:

Se identidade, memória e patrimônio são “as três palavras-chave da consciência contemporânea” – poderíamos, aliás, reduzir a duas se admitimos que o patrimônio é uma dimensão da memória –, é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade. (CANDAUI, 2018, p. 16)

Ao nos aprofundarmos em seu estudo, a memória se mostrou um conceito tão complexo quanto o de identidade ou o de cultura. Quando Maurice Halbwachs (2006), em conformidade com a escola durkheimiana de que fazia parte, criou a ideia de *memória coletiva*, o que antes era entendido como individual começou a ser questionado sob outro viés: o social.

³¹ Em linhas gerais, historicidade é a qualidade daquilo que é histórico. Para o filósofo alemão Martin Heidegger (p. 181, 2005, apud SILVEIRA, 2017, p. 188), “A análise da historicidade da pre-sença busca mostrar que esse ente não é ‘temporal’ porque ‘se encontra na história’, mas, ao contrário, que ele só existe e só pode existir historicamente porque, no fundo de seu ser é temporal. Todavia, a pre-sença deve ser chamada de ‘temporal’ também no sentido de ser e estar no tempo. Mesmo sem uma construção historiográfica dos fatos, a pre-sença, de fato, precisa e se vale de calendário e relógio. Ela faz a experiência do que ‘com ela’ acontece, como acontecendo ‘no tempo’”.

Memória, então, passa a ser uma categoria estudada também pelas Ciências Sociais e vista como algo que retoma uma época e um lugar específicos, mas também se inscreve nessa mesma época e nesse mesmo lugar. Um, portanto, fala sobre o outro.

A recordação que fazemos de uma situação, qualquer que seja, diz muito sobre nosso ponto de vista, que, por sua vez, revela muito sobre quem somos, que vida temos e que experiências nos formaram. A memória que os povos do leste africano carregam do período da escravidão é muito diferente da memória que os povos europeus carregam do mesmo período. A Guerra do Vietnã foi uma experiência para os vietnamitas e outra para os estadunidenses e essas perspectivas, embebidas das conjunturas sociais, históricas, políticas, econômicas e culturais dos dois povos, geraram memórias coletivas diferenciadas e únicas (SILVA, 2016).

Halbwachs (2006) diferencia dois tipos de memória: a individual e a coletiva. No entanto, embora sejam diferentes, estão entrelaçadas, pois a memória individual é tanto decorrente da memória coletiva como um ponto de vista sobre ela. A memória coletiva é o passado vivido no presente, é a consciência de um grupo, múltipla e contínua. Para ele, todas as recordações que temos de nossas vidas estão, de uma forma ou de outra, ligadas ao convívio social que estabelecemos com outras pessoas ou grupos sociais em que nos inserimos. Somos seres sociais e nossas ações acontecem em sociedade, afetam os que nos rodeiam e são, ao mesmo tempo, limitantes e limitadas pelas regras a que somos submetidos como sujeitos sociais (FREUD, 1980; SILVA, 2016).

Apesar de não concordarmos plenamente com o teor durkheimiano da teoria dele³², que coloca até mesmo a memória individual como exterior ao e maior do que o sujeito, privilegiando a memória coletiva, ao ponto em que afirma que o motivo para não nos lembrarmos da nossa primeira infância se resume a ainda não termos nos tornado seres sociais e, por isso, não termos nenhuma base, acreditamos que seu estudo impulsionou os próximos de maneira positiva, inclusive para que pudéssemos, hoje, criticá-lo.

Segundo Nora (1993, p. 9), “A memória é a vida [...]. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”. Portanto, a história escreve o que a memória dita. Em uma reflexão mais recente sobre a memória e sua relação com a história, ele chama a atenção para um processo de aceleração da história, cuja maior decorrência é a ameaça do esquecimento, intrinsecamente ligado ao que ele denomina como fenômeno da mundialização, da massificação, da democratização, da mediatização:

³² Teor facilmente encontrado na seguinte citação: “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2006, p. 30).

[...] uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo do terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais. (NORA, 1993, p. 7)

Como podemos ver, também, em D’Alessio (1992/1993, p. 97), “[...] a história se torna mais rápida, a duração do fato é a duração da notícia, o novo – produzido incessantemente – conduz as vidas, criando a sensação de hegemonia do efêmero. A história torna-se eternamente contemporânea!”. Essa aceleração resulta em uma corrida desenfreada e obsessiva por registrar tudo e pelos arquivos, traços e registros já existentes. Os *lugares de memória* (museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, álbuns físicos e virtuais, monumentos, santuários etc.) nascem da ideia de que a memória espontânea não mais existe e são verdadeiros pilares sobre os quais minorias sociais refugiam suas histórias, de outro modo, varridas pelo poder narrativo dos “donos da história”, ou seja, dos socialmente privilegiados (D’ALESSIO, 1992/1993; NORA, 1993).

Nesse momento, defendemos nossa opção pelos estudos pós-coloniais como base metodológica e teórica dessa pesquisa, pois foram o pontapé para que uma alternativa surgisse como narrativa de fatos previamente conhecidos e discutidos por um único lado: o do colonizador. O pós-colonialismo subverte, questiona, renova o questionamento sobre a historicidade, quebrando o antigo paradigma epistemológico entre colonizador e colonizado (HAMILTON, 2003).

O pós-colonialista busca a perspectiva do oprimido e a coloca em voga, para questionar antigas “verdades” tidas como história geral. Os descolonialistas, mais tarde, radicalizam essa preferência por uma epistemologia e uma narrativa “do Sul” (entendendo que os países do Hemisfério Sul foram e continuam sendo oprimidos pelos países do Hemisfério Norte, como a Inglaterra, Portugal, Espanha e os Estados Unidos da América) e também constituem um paradigma interessante para o estudo das identidades e das culturas (MIGNOLO, 2010). Contudo, gostaríamos de enfatizar, em nossa análise, a quebra, a mistura, o diálogo e o conflito melhor apresentados pelos pós-colonialistas.

Não é preciso muito para chegarmos à conclusão de que, para questionarmos a história estabelecida, propagada e ensinada, havemos de reconstituir, esmiuçar e resgatar as memórias dos povos oprimidos. Suas vozes foram ignoradas por séculos. Ouvimos suas vozes na busca pela compreensão de como suas vidas pessoais, as estruturas maiores em que se inseriram, suas culturas e as culturas brasileiras, as histórias que carregam, as que aqui

descobriram e as que estão sendo construídas no presente explicam suas construções identitárias. Os migrantes, também, “jogam com as fronteiras da alteridade para produzir, pela distinção, as identidades sociais” (CANDAUI, 2018, p. 17).

Atentamo-nos, aqui, para a possibilidade de encontrar, nos relatos orais dos participantes da pesquisa, fenômenos como o hibridismo cultural (que trata de uma supressão de traços culturais dos povos colonizados ao associarem, involuntariamente, traços culturais dos colonizadores em uma simbiose perigosa e conflituosa), a resistência cultural, o choque cultural, a tradução cultural (fenômeno em que voluntariamente percebemos traços culturais originados de povos diferentes em coexistência), o entre-lugar (conceito pós-colonial, que designa o lugar abstrato de transição entre culturas, experienciado por colonizados, invadidos, refugiados, expatriados, deslocados de um modo geral que se encontram nem lá, nem cá, mas em um “entre-lugar”), entre outros fenômenos conceituados por pensadores pós-colonialistas, como Homi K. Bhabha (1998).

Para o historiador francês Jacques Le Goff (1988, p. 174, apud CANDAUI, 2018, p. 13, grifo do autor), “a memória é um elemento essencial daquilo que passamos a chamar de *identidade* individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades do presente”. Compartilhamos a visão da memória como uma ponte entre o presente e o passado, precedente para a construção da identidade, elemento essencial da busca das identidades, um processo por si só feito de lembranças e esquecimentos, diálogo entre o individual e o coletivo, reflexo da relação entre os sujeitos e os lugares de sua ação (BOSI, 1999; CANDAUI, 2018; NORA, 1993):

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. (CANDAUI, 2018, p. 16, grifo do autor)

Com a memória, terminamos de organizar a nossa bagagem de conceitos. Já no próximo capítulo, aplicaremos o que foi apreendido durante a pesquisa bibliográfica na análise dos dados quantitativos angariados durante a primeira fase da pesquisa de campo.

3 VISÕES DE LÁ E CÁ: os cenários da pesquisa

Muito falamos sobre a importância dos lugares na construção das identidades, na criação e disseminação das culturas, nas sensações de amplitude ou confinamento, ou seja, no bem-estar das pessoas, nas trocas de informações, nas limitações e potencialidades da vida social, entre outras coisas. Para essa pesquisa, em especial, os lugares surgem como cenário da vida cotidiana e das mudanças identitárias que buscamos compreender. Nesse capítulo, apresentaremos os lugares dessa pesquisa, ou melhor, visões deles, por entendermos que eles também nos são dados a partir de perspectivas e não de um todo fixo e estabelecido, sendo: os lugares de origem (pelo olhar de cada entrevistado), os lugares de chegada (São Luís, Maranhão, Brasil) e o lugar compartilhado por todas as personagens dessa pesquisa (a UFMA).

Além de nossas próprias visões sobre esses lugares, cada um dos sujeitos entrevistados trouxe seu olhar e contribuiu para o que aqui será dito. Kobe³³, o ganense, sintetizou o que entendemos por lugar, ao afirmar que “pra ser africano, eu não preciso só nascer na África, mas África precisa nascer em mim”. Ampliamos: não basta nascer em um lugar, o lugar precisa nascer no sujeito. É o lugar para além do físico, percebido a partir das relações que as pessoas traçam com ele, que nos interessa. Logo, não podíamos abordar os lugares que servem de cenário dessa pesquisa e pano de fundo da vida dos sujeitos aqui presentes de outra forma.

3.1 Os lugares de origem

Como diz Tuan (2012, p. 91), “para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos”. Durante as entrevistas, a influência do lugar de origem na construção do apreço por outros lugares ficou muito evidente na fala de Celeste, nascida e criada na pacata cidade de Florencia (cerca de 160 mil habitantes), capital da região de Caquetá, na Colômbia. Celeste cresceu na Amazônia colombiana, cercada por rios e uma riqueza muito grande de fauna e flora. Tanto o lado idílico quanto o sombrio de Florencia surgem, na fala de Celeste, como influências muito fortes sobre o modo como ela se relaciona com outros lugares. Por exemplo, ela diz gostar de lugares mais ligados à natureza, à calma e ao aconchego da mata, dos rios,

³³ Para preservar os sujeitos entrevistados, não utilizamos seus nomes verdadeiros.

dos mares, ou seja, de lugares que, consciente ou inconscientemente, remetiam-na ao que ela sente em sua cidade de origem.

Por outro lado, aquilo que mais marca o desconforto de Celeste, no Brasil, é a falta de segurança (por conseguinte, a violência). A princípio, essa característica apareceu como uma das principais distinções que ela fazia entre os dois países e entre as duas cidades, também (São Luís e Florencia). Contudo, com o passar do relato, descobrimos que Celeste tem muita vontade de voltar para a Colômbia, mas tem muito medo da ameaça do retorno da guerra civil que tanto a amedrontou quando criança.

Sua infância foi marcada tanto por um sentimento de paz quanto por um sentimento de profundo medo, em um momento em que bombas eram soltas nas praças e tiroteios acordavam na madrugada. A guerra civil na Colômbia foi travada entre os guerrilheiros e o exército. Segundo Celeste, a guerrilha ficava mais em “centros rurais, na selva, no mato”. Como Florencia é parte da Amazônia e é uma cidade pequena, tornou-se cenário de combate. Pelo que ela se lembra, durante sua infância, foram três atentados de bomba no centro da cidade. Enquanto aqui, no Brasil, ela sente medo dos assaltos e da violência urbana, lá ela sente medo dos atentados e da violência da guerra civil.

O segundo lugar que surgiu na pesquisa foi Acra, capital de Gana e, com ele, nossa primeira migração intercontinental. Embora Kobe tenha nascido em outra cidade, Kumasi, o período vivido em Gana e por ele destacado foi em Acra, para onde se mudou aos quinze anos de idade. Diferentemente de Celeste, Kobe falou mais sobre o país do que sobre as cidades em que cresceu. A história que ele contou foi a seguinte: Gana era conhecida como Costa de Ouro e o primeiro país a tentar colonizá-la foi Portugal, que, com pouco sucesso em dominar a população, acabou desistindo. No fim das contas, quem conquistou o território foi a Inglaterra. Consequentemente, Gana foi uma colônia britânica até o dia 6 de março de 1957, quando se tornou o primeiro país africano a conquistar a independência.

Gana tem vários idiomas. O oficial é o inglês, devido à colonização. Contudo, o país, atualmente, é dividido em dez regiões e cada uma tem seus dialetos. A região de Kobe, chamada de Ashanti Region, nutre cerca de cinco ou seis dialetos e, dentre todos os dialetos ganenses, Kobe entende mais ou menos oito. Com relação à organização política, ele me contou que, em Gana, além do presidente do país, cada região tem um rei que a governa, porque cada região tem uma tribo.

Outra particularidade que ele me contou foi sobre uma comunidade chamada Tabom, formada por afrodescendentes que foram levados de volta à Gana graças ao fim da escravidão no Brasil e chegaram lá sem tanto domínio dos dialetos locais. Como não sabiam se

comunicar direito com os outros ganenses, respondiam “tá bom, tá bom” para quase tudo e o apelido acabou pegando.

O terceiro país apareceu nas próximas duas entrevistas. Como cada um apresentou o mesmo país em sua própria maneira, assim o faremos aqui também. A primeira a falar sobre o Benim foi Angélique, quem o apresentou como um país da África que faz fronteira com Nigéria, Togo e Senegal. Ela vem de Cotonou, a maior cidade do país, mais populosa e centro econômico, situada no Sul do Benim e conhecida por um grande mercado chamado Dantokpa, onde tanto produtos nacionais quanto internacionais são livremente comercializados.

Já Akenzua, seu conterrâneo, contou-nos que o Benim, situado na África Ocidental, foi colonizado pela França (razão pela qual a língua oficial do país é francês, embora existam também mais de 50 dialetos). Em termos territoriais, ele compara o Benim ao Maranhão, afirmando que lá deve ter cerca de nove a dez milhões de habitantes. Akenzua vem da populosa, embora pequena e em desenvolvimento cidade de Abomey-Calavi, parte do município³⁴ de Atlantique. Para ele, sua cidade é esquecida pelo governo, o que o incentiva a querer ajudar o povo de alguma forma. O dialeto comum em Abomey-Calavi é o Ayizo, que todos falam e está diretamente ligado à etnia.

Akenzua ligou as manifestações culturais beninenses às diferentes religiões, com destaque para: vodu, candomblé, igreja católica apostólica romana e igrejas evangélicas. Para ele, as religiões e as relações entre as religiões e os fiéis de cada religião ditam não somente manifestações culturais, como festas, danças, datas festivas, mas também o comportamento dos beninenses, pois há muito conflito (inclusive chegando a confrontos físicos e violentos) entre as pessoas graças às religiões.

O próximo país é o mais inusitado, no que concerne à sua estrutura física: é um arquipélago. Cabo Verde é um conjunto de dez ilhas, sendo uma delas inabitada. Irmã de colonização do Brasil, Cabo Verde também tem o português como sua língua oficial e o crioulo como língua materna. Praia, a capital do país, fica na montanhosa Ilha de Santiago, a maior das dez ilhas e cenário de nossa pesquisa. Mayra nasceu em Portugal, mas se reconhece como cabo-verdiana, por ter morado na Ilha de Santiago desde os seus cinco anos de idade.

Mostrando o mapa, Mayra explicou que a distância e a ausência de aeroportos em todas prejudicam o contato entre as ilhas, pois às vezes o transporte se limita ao náutico ou as passagens de avião são muito caras para uma ponte-aérea. Por isso, cada ilha vive mais isolada, corroborando com aquela ideia das ilhas como reclusas, fechadas e misteriosas. Outra

³⁴ Lá no Benim, eles chamam de municípios o que aqui, no Brasil, chamamos de estados.

consequência que ela destacou foi o êxodo das pessoas das outras ilhas para a Ilha de Santiago, por ser mais desenvolvida economicamente.

Os dois últimos países também têm a língua portuguesa como oficial e também são irmãos de colonização do Brasil e de Cabo Verde. O primeiro deles é Guiné-Bissau, descrito brevemente por Nino. O segundo de nossa lista é a Angola, descrita e analisada por Pérola. Nino veio da capital do país, Bissau, que ele acha muito parecida com o Brasil. Segundo ele, o clima é o mesmo, tem muitas praias e ilhas, porque é país de litoral. Diferentemente do Brasil, Guiné-Bissau é um país pequeno, que tem pouco mais de 2 milhões de habitantes. O Maranhão, sozinho, é maior.

Enquanto dividimos o país em estados, lá eles chamam de regiões, divididas por etnia³⁵. Assim como Cabo Verde, a língua oficial é o português, enquanto a língua materna, que todos falam no cotidiano, é o crioulo, embora existam muitos outros dialetos, que são mais utilizados em cada região. Bissau, a capital, não é “dominada” por nenhuma etnia, sendo mais “universal”, como Nino a chamou. Ele também disse que é um país bem pacífico e tranquilo, com um custo de vida baixo, o que minimiza a miséria, ou seja, é mais difícil encontrar pessoas que não em condições mínimas de vida.

Nossa última entrevistada, Pérola, compara a situação socioeconômica da Angola à do Brasil. Ela conta que seu país passou muitos anos em guerra, como a maioria dos países do continente africano, que só foi encerrada oficialmente em 1992 e, em 2002, foi feito o Acordo da Paz. Ela analisa que, politicamente, o país tem estado bem instável e sente falta de líderes africanos que possam pensar no e trabalhar pelo coletivo. Ela se pergunta se a escravidão está relacionada à dificuldade de unificação de seu povo pela nação. Ela acredita que o seu país precisa se desenvolver muito mais e melhorar estruturalmente, pois há um índice muito alto de fome e miséria no interior. Em compensação, a capital, Luanda, é, segundo ela, 80% mais desenvolvida do que o resto do país, causando um inchaço populacional e uma disparidade social profunda.

Por outro lado, ela acredita que a educação básica na Angola é mais abrangente do que no Brasil, onde ela encontrou muitas pessoas que não sabiam sequer que lá eles falam português. Ela diz que os principais cursos superiores do país são as Engenharias e Economia. O país é dividido em províncias, oficialmente, e em tribos, extraoficialmente. Mesmo com todas as dificuldades sociais, econômicas e políticas, ela é apaixonada por Angola, pela cultura e por tudo que seu lugar de origem representa para ela.

³⁵ Há cerca de 20 etnias diferentes em Guiné-Bissau.

O último lugar de origem que queremos destacar é o lugar de origem dessa pesquisa: São Luís do Maranhão. Embora os relatos tragam três dimensões diferentes, o país, o estado e a cidade, ficou muito claro que a principal, para os entrevistados, era a da cidade. Seja por eles se sentirem mais confortáveis aqui do que em outros estados que já tenham visitado, como Pérola e Akenzua. Seja por já terem construído uma vida aqui, como Kobe. Seja por terem se sentido acolhidos pelo povo, como Nino e Celeste. São Luís é o principal cenário dessa pesquisa.

3.2 O lugar compartilhado: a UFMA

Um dos pilares da nossa análise é o cuidado com a história e a historicidade dos lugares. Portanto, não poderíamos falar sobre o que é ser aluno estrangeiro (e pesquisadores) na Universidade Federal do Maranhão sem antes falar um pouco sobre a própria UFMA. Por seu papel e natureza, representa um lugar de construção de conhecimento, troca de ideias, cenário de experiências e ambiente de mudança pessoal, cultural e social.

Sua localização, tão próxima do coração da cidade, o Centro Histórico, embora isolada em seus muros, demonstra a dicotomia entre suas potencialidades e limitações. Seu principal campus está do lado do Centro, mas a universidade não conversa com a comunidade ao seu redor como deveria e como poderia fazer. Muitas vezes, só quem a frequenta e nela vive, estuda e trabalha compreende verdadeiramente sua importância para a sociedade maranhense e brasileira – triste aspecto da realidade que ficou ainda mais visível com as manifestações dos estudantes, professores e servidores contra os cortes efetuados na Educação pelo governo federal atual e a proposta de desmantelamento do ensino superior brasileiro, em um ataque direto a cursos das áreas de Humanas e Sociais, como Filosofia, Sociologia e Antropologia. A UFMA, histórica e viva, persiste.

Todos os alunos entrevistados nessa pesquisa a descrevem como uma universidade boa, em crescimento, apoiadora do seu corpo discente e facilitadora do seu processo de aprendizagem, na medida do possível. No entanto, os problemas estruturais também aparecem com a mesma frequência e não só por suas bocas, mas pelos funcionários também: a falta de conforto nas salas de aula, o déficit de material nos hospitais universitários, a desorganização dos arquivos da universidade, a falta de cooperação entre os setores, a exaustiva burocracia e a dificuldade de encontrar informações claras e precisas sobre a própria universidade, seus programas e projetos, dentre outros. Esses problemas não são exclusivos da UFMA. Aparecem em quase todas as instituições de ensino públicas do país.

Ainda assim, persistimos (todos os envolvidos na educação pública brasileira, alunos, professores, gestores e servidores), com o objetivo de propiciar e disseminar educação de qualidade. Para entender a UFMA nessa missão, começaremos com um breve histórico da instituição, frisando o seu paulatino crescimento e estabelecimento como a principal instituição de ensino do estado do Maranhão.

A história da UFMA começa em 1953, quando, em coerência com o surgimento e base das ciências, foi criada a Faculdade de Filosofia de São Luís do Maranhão, uma iniciativa conjunta da Academia Maranhense de Letras, da Fundação Paulo Ramos e da Arquidiocese de São Luís. Esse é o berço do que, algumas décadas depois, seria conhecida como a Universidade Federal do Maranhão.

Em 1958, o Decreto n.º 50.832 transformou a Faculdade de Filosofia em Universidade do Maranhão, reunindo em si, também, a Escola de Enfermagem “São Francisco de Assis”, a Escola de Serviço Social e a Faculdade de Ciências Médicas. Oito anos mais tarde, o Governo Federal instituiu a Fundação Universidade do Maranhão (FUM), com o objetivo de crescer progressivamente ao status de Universidade Federal do Maranhão³⁶. A administração da fundação ficou a cargo de um Conselho Diretor, inaugurando o que ainda hoje é o meio pelo qual a UFMA delibera as suas questões, inclusive a que aqui nos interessa: a internacionalização (UFMA, 2018a).

Nos dias atuais, a UFMA oferece 85 cursos de graduação distribuídos em 9 campus, nas cidades de São Luís (Campus do Bacanga – Cidade Universitária Dom Delgado), Bacabal, Balsas, Chapadinha, Codó, Grajaú, Imperatriz, Pinheiro e São Bernardo. Além disso, a universidade conta com 34 programas de pós-graduação (em 5 campus), sendo tanto cursos *lato sensu* como *strictu sensu*, presenciais, à distância e através de parcerias entre outras IES (mestrados e doutorados):

Com mais de três décadas de existência, a UFMA tem contribuído, de forma significativa, para o desenvolvimento do Estado do Maranhão, formando profissionais nas diferentes áreas de conhecimento em nível de graduação e pós-graduação, empreendendo pesquisas voltadas aos principais problemas do Estado e da Região, desenvolvendo atividades de extensão abrangendo ações de organização social, de produção e inovações tecnológicas, de capacitação de recursos humanos e de valorização da cultura. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 2017, não paginado)

³⁶ No Brasil, há uma diferença de nomenclatura entre as IES cujo principal fator de diferenciação é a autonomia da instituição, sendo que, atualmente, a universidade tem mais autonomia que o centro universitário, que tem mais autonomia que a faculdade. Portanto, a instituição começa com menos autonomia, ou seja, oferece menos serviços e tem mais restrições, para que, com o tempo, o aumento de produção científica e o desenvolvimento dos cursos possam galgar degraus mais altos.

O cenário da nossa pesquisa, a Cidade Universitária Dom Delgado ou, como aqui citaremos, o Campus do Bacanga foi inaugurado em 14 de novembro de 1972, com a finalidade de congregiar os diversos cursos e prédios da UFMA, antes mais dispersos por São Luís. É importante frisar o Campus do Bacanga, pois ele foi tanto o local de realização da maior parte da pesquisa, como um critério de inclusão/exclusão para os participantes (só entrevistamos alunos matriculados em cursos desse campus). O Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult), ao qual estamos vinculados, tem todas as suas atividades no referido campus, em específico, no Centro de Ciências Humanas (CCH) e foi onde conduzimos a maioria das coletas de dados.

Embora o déficit estrutural seja aparente, os prédios do Bacanga nunca carecem de alunos habitando seus corredores, suas salas e áreas de convivência. É uma universidade que fervilha vida todos os dias, apesar dos eventuais riscos de segurança e demais problemas, por meio da movimentação das pessoas e dos incontáveis eventos acadêmicos e culturais que nela acontecem.

Nesse trabalho, como estudamos o corpo discente estrangeiro da UFMA, também procuramos entender a origem do seu processo de internacionalização, a espinha dorsal que o sustenta e a realidade atual dos discentes internacionais nela presentes. Assim, não só conheceríamos mais o local da pesquisa, como a posição da UFMA no contexto da internacionalização das IES brasileiras, pois o caráter internacional das universidades não é uma novidade.

Desde a Idade Média, professores e estudantes de diferentes territórios precisaram se deslocar para seguir a carreira acadêmica. A internacionalização é um processo histórico que só recentemente vem sendo posta como questão institucional (para as universidades) e governamental (no que condiz aos acordos de cooperação internacional entre países, que abrem não apenas as portas das instituições de ensino superior (IES), mas possibilidades de acordos de outros caracteres). Atualmente, a mobilidade acadêmica de professores e estudantes é chamada de cooperação acadêmica internacional (SANTOS; FILHO, 2012; STALLIVIERI, 2007).

De acordo com Alda Araújo Castro e Antônio Cabral Neto (2012), a mobilidade estudantil se fortaleceu a partir do século XX, inclusive, como uma alternativa para a reconstrução dos países destruídos pela Segunda Guerra Mundial, com o intuito de fornecer uma base técnica para o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural:

Internacionalização da educação superior é um conceito complexo, com uma diversidade de termos relacionados, apresentando diversas fases de desenvolvimento. São citadas: a) dimensão internacional – presente no século XX, que se caracteriza por ser uma fase incidental mais do que organizada; b) educação internacional – atividade organizada prevalente nos Estados Unidos, entre a segunda guerra mundial e o término da guerra fria, preferentemente por razões políticas e de segurança nacional; e c) internacionalização da educação superior, posterior à guerra fria e com características de um processo estratégico ligado à globalização e à regionalização das sociedades e seu impacto na educação superior. (MOROSINI, 2006, p. 115)

Como efeito, também, da globalização e da massificação do acesso à informação e à comunicação, “o processo passou a ter vida própria e a impor-se em todo o meio acadêmico nacional que começou a reagir e a criar seus mecanismos de adequação” (LAUS, 2004, p. 2). Entre esses mecanismos, encontramos: disponibilização de cursos e testes de proficiência em línguas estrangeiras, criação de programas de convênio e bolsas de estudo, permitindo a mobilidade tanto *in* (estrangeiros vindo para o Brasil) quanto *out* (brasileiros indo para outros países), abertura de programas de educação à distância, elaboração de acordos entre instituições que permitam, inclusive, uma dupla titulação, implementação de maior regulação dos alunos de mobilidade, estabelecimento de órgãos responsáveis especificamente para a internacionalização, realização de eventos acadêmicos e culturais, entre outros (LAUS, 2004). (UFMA-NRI)

No Brasil, “os programas ainda são predominantemente focados na mobilidade das pessoas (estudantes, professores, pesquisadores)” (CORREIA LIMA; BETIOLI CONTEL, 2008). Quando, na década de 1960, o governo brasileiro se deparou com o incremento do número de estudantes estrangeiros no Brasil, surgiu a ideia de criar um Programa de Governo para amparar os estudantes, regulamentar seu status nas IES. Foi assim que, em 1965, teve lugar o primeiro protocolo do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (BRASIL, 2019), recorte da nossa pesquisa³⁷.

Os programas do MEC atualmente ativos na Universidade Federal do Maranhão são: Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (Bolsas Brasil – PAEC OEA-GCUB). Além deles, a UFMA ainda mantém convênios³⁸ com instituições dos seguintes países: Alemanha, Austrália, Colômbia,

³⁷ A ser explicado com detalhes no subtópico 3.2.2.

³⁸ Respectivamente: Dortmund; Southern Cross University; Universidade Maior da Cundinamarca; Universidad de Valladolid; Universidade de Michigan, Emporia State University (Kansas Board of Regents), University of Tennessee, Knoxville, Rutgers – The State University of New Jersey, Timbira Research and Education Foundation; Université Lumière Lyon 02, École Polytechnique de l’Université Grenoble I / Université Joseph Fourier, Perpignan via Domiti – UPVD – Université, Université d’Orléans; Instituto de Tecnologia Tallaght, Dublin; Università Degli Studi de Ferrara; Universidad de Guadalajara, Universidade Autónoma de Yucatán, Universidade Autónoma Ciudad Juárez; Universidade Eduardo Mondlane Maputo; Universidade do Porto (Babel); Universidade do Porto; Instituto Politécnico de Leiria; Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro; Universidade

Espanha, Estados Unidos, França, Irlanda, Itália, México, Moçambique, Portugal, República de San Marino e Venezuela.

Para coletarmos as informações aqui apresentadas, recorreremos, principalmente, a entrevistas com os funcionários dos setores engajados na internacionalização e a documentos providenciados por eles, pela universidade, pelo Ministério da Educação (MEC), pelo Ministério das Relações Exteriores e demais órgãos envolvidos na internacionalização.

Os principais setores da UFMA responsáveis pela internacionalização são: a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAES), que cuida dos estudantes selecionados pelo Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)³⁹; a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação (PPPGI), encarregada dos estudantes internacionais nos diversos programas de pós-graduação; e o Núcleo de Relações Internacionais (NRI), que atua em conjunto com as outras unidades, para promover a integração da esfera internacional na universidade e realizar um acompanhamento mais sistemático, que apoie os alunos internacionais desde sua matrícula até a conclusão de sua formação.

Ao entrarmos em contato com os três órgãos, descobrimos que não há um banco de dados unificado que contenha todas as informações sobre os alunos estrangeiros na UFMA de forma esquematizada e atualizada. Nem o principal sistema eletrônico de integração da universidade, o SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas), não constitui uma base de dados confiável nesse caso, porque, quando filtramos⁴⁰ os alunos para descobrir quantos já tinham entrado pelo PEC-G, recebemos informações contraditórias: alguns alunos tinham sido matriculados via convênio, mas eram naturais de São Luís do Maranhão⁴¹. Logo, identificamos uma incongruência diante dos objetivos propostos pelo PEC-G, e o que efetivamente acontece na realidade.

Portanto, foi preciso congregarmos as diferentes informações recebidas. No NRI, descobrimos que a quantidade de alunos estrangeiros de pós-graduação só é acessível pelos

de Algarve; Universidade de Lisboa; Università Degli Studi Della Repubblica di San Marino; Instituto Autônomo Hospital Universitário de Caracas.

³⁹ A ser mais detalhado em seguida.

⁴⁰ Só pudemos conferir o SIGAA por meio dos funcionários da casa. Quando fomos conversar com o PPPGI, ainda no começo da pesquisa de campo, no dia 14 de março de 2019, a funcionária responsável entrou no sistema e tentou procurar os alunos da UFMA por nacionalidade, sem sucesso. Descobrimos que não apenas não existe o filtro de pesquisa por nacionalidade, como havia muitas incongruências nos dados cadastrados no SIGAA com relação à internacionalização.

⁴¹ Por exemplo, alguns alunos que frequentaram a UFMA na década de 1980 aparecem como cadastrados no PEC-G, mas com documentação que comprova seu nascimento no Brasil (alguns, inclusive, aparecem como ludovicenses). Como não há um controle eficiente sobre essas informações mais antigas, não conseguimos descobrir quais informações estavam equivocadas, ou seja, não sabemos se essas pessoas nasceram ou não no Brasil.

programas ou pelo SIGAA (embora, como já tínhamos descoberto as informações equivocadas e sabíamos que “nacionalidade” não são filtros de pesquisa do sistema, seria mais fácil entrar em contato com cada um dos programas do que encontrar os alunos pelo SIGAA) e que a PROAES e o PPPGI enviam suas informações para o NRI.

Deparamo-nos, então, com um cenário de desordem na coleta de dados. Onde em um polo, temos proposições ideais já institucionalizadas, noutro, a realidade efetiva, temos incongruências e incompletudes. Como nosso objetivo principal, nessa pesquisa, não é problematizar as políticas públicas da UFMA, do Brasil e de outros países com relação à internacionalização, apenas exporemos o que é a internacionalização e como ela tem funcionado na UFMA, como resultados da pesquisa de campo.

3.2.1 A internacionalização na UFMA

O primeiro ato institucional sobre a internacionalização na UFMA só aconteceu no ano de 1989, com a criação do Programa de Cooperação e Intercâmbio Internacional (PROCIN), por aprovação do Conselho Superior de Pesquisa e Extensão, atualmente conhecido como Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE). A intenção do PROCIN era desenvolver ações de cooperação e intercâmbio científico, cultural e técnico com instituições de ensino superior internacionais. Em 1997, um anexo à Resolução/1989 vinculou o PROCIN diretamente à Reitoria, configurando-o como uma ação administrativa e redefinindo seus objetivos, atribuições e estrutura (UFMA, 2019).

Em decorrência disso, em 2007, foi criada a Assessoria de Relações Internacionais (ARI), responsável por firmar convênios, receber os discentes internacionais e orientá-los com relação aos trâmites da UFMA e demais necessidades legais que pudessem ter (BASTOS, 2017). A ARI funcionou desde sua criação até o dia 12 de abril de 2018, quando foi remodelada para Núcleo de Relações Internacionais (NRI), com base na Resolução nº 1698 do CONSEPE (UFMA, 2019).

Em uma entrevista⁴² com a professora doutora Josie Bastos, uma das responsáveis pelo Núcleo, soubemos que a ARI funcionava com pessoal reduzido (apenas duas pessoas) e se limitava a dar assistência burocrática aos alunos e intermediar o estabelecimento de convênios de cooperação internacional entre a UFMA e outras universidades. Ou seja, na prática, com relação aos alunos, a ARI cuidava da emissão de documentos e prestava auxílio burocrático e

⁴² O roteiro da entrevista se encontra no Apêndice 1.

legal para os discentes internacionais que a procuravam, mas não fazia um acompanhamento mais sistemático com esses discentes.

A restrição de processos refletia a restrição de pessoal: a ARI funcionava com apenas a assessora e mais uma funcionária. Para a professora Josie, era impossível que a internacionalização fosse eficiente nessas condições, já que, para internacionalizar, é preciso lidar com uma gama complexa de atividades, como processos, políticas linguísticas, tratativas, acordos para cooperação internacional, acompanhamento de alunos, relações com os professores, tradução, entre outros.

Essa realidade muda com a Resolução nº 1698, de 12 de abril de 2018, que “dispõe sobre a criação e implantação do Programa de Internacionalização da Universidade Federal do Maranhão” (UFMA, 2018). Eis o motivo da mudança de Assessoria para Núcleo, pois o último conta com uma estrutura mais ampla e sistematizada. Além da ARI, o NRI também substituiu o PROCIN e se torna o pilar principal de uma nova proposta de internacionalização para a UFMA.

A longa resolução, que se organiza em 17 páginas, XI capítulos e 63 artigos escritos com bastante clareza, tem como principal objetivo o estabelecimento de um programa que tanto integre a dimensão internacional ao ensino, à pesquisa e à extensão, como realize avaliação constante do desempenho de todas as atividades relacionadas à internacionalização. Para isso, a resolução estabelece onze objetivos específicos, dos quais destacamos:

- I - estabelecer e/ou aprimorar a infraestrutura para sustentabilidade do processo de internacionalização, incluindo formulação de procedimentos e fluxos operacionais para planejamento, execução, comunicação, divulgação e monitoramento;
- II – estabelecer mecanismos de monitoramento e prospecção de áreas, instituições e oportunidades para expansão de atividades de internacionalização; [...]
- VI – viabilizar ações que permitam e promovam atividades acadêmicas em idiomas estrangeiros;
- VII – viabilizar a mobilidade internacional de discentes em nível de graduação e pós-graduação; [...]
- XI – promover ações que incentivem o aumento do número de publicações e citações em periódicos internacionais com relevante fator de impacto. (UFMA, 2018, p. 2)

A resolução designa muito bem as diretrizes e as responsabilidades do Núcleo, como o modo de trabalho do NRI, pautado em constante interação com as pró-reitorias e demais setores acadêmicos e administrativos da UFMA, e o vínculo direto ao Gabinete do Reitor. Cada um dos objetivos específicos do programa é refletido nos objetivos específicos do Núcleo e nas ações conduzidas por ele. Os quatro objetivos que destacamos, por exemplo, explicam a estrutura organizacional do NRI, baseada em três divisões: Divisão de Políticas Linguísticas e Culturais (DPLC), coordenada pela professora Naiara Sales; Divisão de Prospecção e

Articulação (DPA), coordenada pelo professor João Quadros; e a Divisão de Intercâmbio e Mobilidade (DIM), coordenada pela professora Josie Bastos.

Figura 1: Estrutura Organizacional do NRI, em 2019.



Fonte: Sistematizado pelos autores após coleta de dados (2019).

A organização do NRI em divisões propicia um número muito maior de ações e atividades de forma mais rápida e eficaz, assim fazendo com que os discentes internacionais tenham mais acompanhamento e visibilidade institucional (embora a maioria das ações planejadas para o Núcleo ainda esteja em fase de construção ou implementação, devido ao seu pouco tempo de funcionamento). Segundo o professor Leonardo Dall’Agnol, diretor do NRI, é como se eles estivessem “trocando a roda do carro com ele já em movimento”⁴³, já que estão implementando ações que surgiriam, normalmente, em um momento pré-internacionalização, ao mesmo tempo em que tentam manter os processos fundamentais da internacionalização em funcionamento.

De acordo com os artigos 8º, 9º e 10º da Resolução, as divisões têm competências específicas, como podemos ver a seguir:

⁴³ Essa frase me foi citada por ele e pela professora Josie Bastos, em uma reunião do projeto “Olhares do Brasil”, no dia 07 de maio de 2019. Segundo eles, a primeira vez que o professor Leonardo a proferiu aconteceu durante um encontro nacional dos Núcleos de Relações Internacionais de IES brasileiras e demais órgãos e profissionais que trabalham com a internacionalização das IES brasileiras.

Figura 2: Competências das Divisões do NRI

DIM	DPLC	DPA
<ul style="list-style-type: none"> • Dar suporte aos docentes e discentes a participar de visitas, estágios e missões em instituições estrangeiras; • Dar suporte aos docentes, discentes, pesquisadores e visitantes estrangeiros que estejam executando alguma atividade na UFMA; • Promover a vinda de docentes, discentes, pesquisadores e visitantes estrangeiros para colaboração técnica e científica; • Preparar e acompanhar os intercambistas que chegam ou que saem da UFMA para outros países; • Formalizar e gerir acordos e convênios entre a UFMA e instituições estrangeiras; e • Obter e divulgar a comunidade acadêmica quantitativos de acordos, convênios e mobilidades internacionais da UFMA. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apoiar o treinamento de discentes/docentes/pesquisadores e técnicos administrativos para redação de textos científicos em línguas estrangeiras; • Apoiar o treinamento de discentes/docentes/pesquisadores e técnicos administrativos para apresentação acadêmica em línguas estrangeiras; • Gerir atividades de proficiências linguísticas; • Coordenar ações para a execução de cursos de língua estrangeira para comunidade acadêmica da UFMA e de português para estrangeiros; • Propor e apoiar atividades artísticas, culturais e acadêmicas voltadas à comunicação em língua estrangeira e demais iniciativas que promovam um ambiente multicultural no âmbito da Graduação e Pós-Graduação; e • Apoiar a diversidade cultural, com a valorização de todos os processos formais ou informais que contribuam para a aprendizagem de idiomas e a interação com outras culturas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Articular ações entre pesquisadores e coordenadores de pós-graduações voltadas para intercâmbio internacional e produção científica associada; • Articular ações entre docentes e coordenadores para criar um ambiente internacional nos cursos de graduação; • Atuar junto as coordenações dos Programas de pós-graduação para coleta e geração de dados relacionados a internacionalização; • Viabilizar a execução de revisão de manuscritos em línguas estrangeiras para publicação em revistas de alto impacto; • Propor e promover programas para crescimento da produção indexadas internacionalmente; • Promover ações que aumentem o impacto, visibilidade e citações das produções científicas da UFMA; • Apoiar e incentivar o oferecimento de disciplinas em línguas estrangeiras na UFMA; • Apoiar a interlocução entre pessoal com competência em idiomas com docentes pesquisadores da UFMA, com vistas a ampliar a produção intelectual acadêmica e contribuir para o impacto da internacionalização da UFMA; • Incentivar os docentes e discentes a participar de visitas, estágios e missões em instituições estrangeiras; e • Atrair docentes, discentes, pesquisadores e visitantes estrangeiros para execução de atividades acadêmicas e culturais na UFMA.

Fonte: Sistematizado pelos autores após coleta de dados (2019).

A razão que nos levou a destacar as competências é muito simples: elas são o ponto de partida de tudo o que o Núcleo tem feito e planeja fazer. Todas as ações de internacionalização são formadas no NRI a partir das informações que as Pró-Reitorias e outros setores repassam. Segundo a professora Josie Bastos, “o Núcleo, ele tem muito esse caráter do diálogo, do compartilhamento de fontes, de informações”.

Atualmente, o NRI trabalha para implementar ações que efetivem todas as suas competências, mas ainda está longe de alcançar todas as suas metas. A UFMA ainda não tem uma ação contínua e frequente que angarie todos os alunos estrangeiros em um só, para acompanhar mais de perto suas experiências como universitários imigrantes no Brasil (o que já é uma realidade em outras universidades, onde o programa de internacionalização já está mais maduro e conta, inclusive, com profissionais de Relações Internacionais).

A dispersão dos discentes internacionais pela UFMA se mostrou um problema para o trabalho do NRI e para a realização da nossa pesquisa. Os da graduação, que entram pelo PEC-G, relacionam-se diretamente com a PROAES e os da pós-graduação nem sempre entram pelo programa vinculado ao NRI, pois os programas de pós-graduação têm autonomia para formar seus próprios convênios. Se existem estudantes internacionais que estão na universidade, mas não fazem parte dos programas, nenhum dos órgãos sabe.

O projeto “Olhares do Brasil” foi criado com o intuito de mudar essa realidade. Ele é um grupo de pesquisa interdisciplinar, que conta com alunos de graduação e pós-graduação cujo objeto de estudo é a internacionalização. Suas contribuições vão além das informações angariadas por suas pesquisas, pois também auxiliam no estabelecimento e na melhoria do trabalho do NRI. Por exemplo, as designers e os comunicadores se envolvem com a criação da identidade visual e com a alimentação das plataformas de comunicação do Núcleo como um todo:

O projeto “Olhares de Brasil” é uma ação do Departamento de Comunicação, em parceria com ARI que tem por objetivo criar um ambiente de acolhimento aos alunos internacionais, realizando encontros semanais, com duração de uma hora, para abordar temáticas sobre o cotidiano e a cultura do país e do Maranhão. Além desses encontros o projeto visa produzir peças educativas audiovisuais que contenham informações sobre a vida acadêmica, visto que tais dados podem ser úteis a toda comunidade universitária, em especial àqueles que fazem mobilidade. (UFMA, 2019, s. n.)

O Núcleo já está diretamente engajado com o processo de seleção, incluindo seus critérios, e com o acompanhamento dos alunos internacionais participantes do Programa de Alianças para a Educação e a Capacitação (Bolsas Brasil – PAEC OEA-GCUB), referente à pós-graduação. No entanto, as feiras, os eventos, o programa de apadrinhamento e muitas outras

ações de responsabilidade do Núcleo ainda serão implementadas. Uma dessas coisas é o acompanhamento mais sistemático dos participantes do PEC-G, que ainda é feito apenas pela PROAES, porque o público que o programa alcança se encaixa com os objetivos da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil.

A princípio, o PEC-G fazia parte da Pró-Reitoria de Ensino (PROEN), mas, em 2015, passou a ser gerenciado pela PROAES, a qual foi criada a partir da Resolução nº 193, de 14 de fevereiro de 2014, com o objetivo de “propor, planejar, coordenar, executar e avaliar programas, projetos, serviços e ações que promovam a Assistência Estudantil na Universidade Federal do Maranhão” (UFMA, s.n.) e sua missão é assistir todos os discentes regularmente matriculados na UFMA, especialmente os que se encontrarem em situação de vulnerabilidade econômica.

Entre os programas ofertados pela PROAES, destacamos dois: Auxílio Moradia Estudantil, que concede, para estudantes oriundos de outros municípios, estados e/ou países, subsídio ou vaga em uma das residências universitárias da UFMA; e Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior (PROMISAES), que é a concessão de um auxílio mensal para discentes estrangeiros participantes do PEC-G. Com a exceção do PROMISAES, que é exclusivo para os alunos internacionais, todos os outros programas são de ampla concorrência, então os estudantes estrangeiros não têm precedência. A PROAES acompanha de perto cada um dos participantes do PEC-G, assim como o próprio programa, que será melhor explicado a seguir.

3.2.2 O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)

Segundo o portal do Ministério das Relações Exteriores (MRE)⁴⁴, no ano de 1964, 565 estudantes estrangeiros se matricularam em universidades brasileiras, graças a acordos culturais entre o Brasil e quinze países do continente americano, além de quatro estudantes advindos do continente africano. Diretamente relacionado a esse número, ocorreu a assinatura de um novo protocolo sobre as condições de admissão dos estudantes estrangeiros em universidades brasileiras através do Programa de Estudantes-Convênio (PEC-G), pelo Departamento Cultural e de Informações (MRE) e pela Diretoria do Ensino Superior (MEC).

⁴⁴ No portal, há uma página que mostra uma cronologia incompleta do programa desde sua criação até o ano de 1988, que expõe informações como a quantidade de alunos selecionados em cada ano, os países conveniados, quantos alunos cada país mandou, bolsas concedidas e a quantidade de vagas disponibilizada nas universidades brasileiras. Infelizmente, a cronologia não acompanhou os anos subsequentes, nem colocou as informações de forma muito esquematizada. Fonte: < <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/cronologia.php> > último acesso em 08/05/19.

O MRE também, nesse mesmo ano, criou um grupo de trabalho encarregado de elaborar a carteira de identidade dos estudantes contemplados pelo programa.

No ano seguinte, 1965, foi promulgado o Decreto nº 55.613, que tornou obrigatório o registro de estudantes estrangeiros e outras providências, com o propósito de amparar os estudantes estrangeiros, regularizar sua situação e unificar as condições de intercâmbio estudantil no Brasil.

Em 2013, o Decreto Presidencial nº 7.948 estabeleceu, dentre outras coisas, que:

O PEC-G constitui um conjunto de atividades e procedimentos de cooperação educacional internacional, preferencialmente com os países em desenvolvimento, com base em acordos bilaterais vigentes e caracteriza-se pela formação do estudante estrangeiro em curso de graduação no Brasil e seu retorno ao país de origem ao final do curso. (BRASIL, 2013)

Na prática, o programa disponibiliza vagas gratuitas em cursos de graduação em instituições de ensino superior (IES) brasileiras para alunos advindos de países em desenvolvimento, cujo IDH seja similar ou inferior ao do Brasil. Em tese, os alunos deveriam voltar aos seus países de origem assim que completassem a graduação, mas muitos acabam se matriculando em programas de pós-graduação no Brasil e permanecendo por aqui, como pretendem Kobe e Akenzua, por exemplo.

A pré-seleção do programa é feita pelas missões diplomáticas brasileiras. O primeiro passo é a revisão do histórico dos alunos. Dependendo de seu rendimento escolar no Ensino Médio, eles podem ou não se inscrever no programa. Já a seleção final é feita em Brasília, pela Divisão de Assuntos Educacionais (DCE/MRE) e pela Coordenação-Geral de Relações Estudantis SESu/MEC, assessoradas por uma comissão indicada por três fóruns: Fórum de Pró-Reitores de Graduação das Universidades Brasileiras; Fórum das Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais e Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (BRASIL, 2019a).

O processo seletivo começa sempre no segundo semestre do ano anterior ao de entrada dos alunos. A seleção de 2019, por exemplo, divulgou o resultado final em dezembro de 2018. Por ela, já sabemos que quatro alunos foram selecionados para os cursos de Odontologia, Medicina, Hotelaria e Ciências Econômicas. Todavia, só aparecerão como ativos em 2020, depois de completarem um ano de curso preparatório de língua portuguesa⁴⁵.

⁴⁵ Isto, em tese. Os relatos que recebemos dos participantes nos contam outra história: enquanto Akenzua, por exemplo, passou um ano inteiro estudando português, Kobe só estudou por seis meses e Angélique, por apenas três. Com relação ao curso de português para estrangeiros, descobrimos outro dado problemático: a UFMA não oferece, o que significa que esses alunos passam meses em outros estados, antes de virem para São Luís. Isso gera mais custos e acaba sendo contraproducente, pois eles precisam se acostumar com o sotaque maranhense, conhecer

O PEC-G é administrado pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), através da Divisão de Assuntos Educacionais (DCE), em conjunto com o Ministério da Educação (MEC). Por exemplo, o MRE coordena a implementação junto a governos estrangeiros (os alunos se inscrevem no programa nas embaixadas brasileiras) e o MEC, a adesão das IES ao PEC-G e tudo o que isso acarreta, como ofertas de vagas, seleção e acompanhamento. Contudo, os dois ministérios são impedidos de interferir em questões de natureza acadêmica, pois as IES têm total autonomia sobre elas (BRASIL, 2019a).

As IES interessadas assinam um termo de adesão expedido pelo Ministério da Educação, que também estabelece o número de vagas, após indicação de disponibilidade das IES. Além disso, todos os anos, o MEC expede o edital que regulamenta o calendário e o processo seletivo do PEC-G, no qual poderão participar estudantes estrangeiros que atendam aos seguintes critérios (BRASIL, 2013):

- a. Que residam no exterior e não possuam visto permanente ou temporário para o Brasil;
- b. Que sejam maiores de 18 e preferencialmente até 23 anos de idade;
- c. Que firmarem um Termo de Responsabilidade Financeira, assegurando, assim, o custeio de suas despesas durante o curso (o programa não disponibiliza bolsas de estudo; todavia, a partir do segundo ano letivo⁴⁶, os alunos já podem concorrer a bolsas de estudo em vagas de ampla concorrência e benefícios das ações afirmativas da universidade, como qualquer aluno da UFMA);
- d. Que firmem um Termo de Compromisso com relação às regras do programa; e
- e. Que apresentarem os certificados de conclusão do ensino médio e de proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros – Celpe-Bras (sendo que este último pode ser realizado no Brasil, após a conclusão do curso de Português para Estrangeiros preparatório para o exame Celpe-Bras, com duração de cerca de um ano).

Desde o começo do milênio, mais de 9000 alunos foram selecionados para o PEC-G, sendo que 76% deles têm o continente africano como continente de origem, com destaque

e se estabelecer na UFMA e na cidade concomitantemente ao início do período letivo. O resultado disso é unânime: notas mais baixas nos primeiros períodos e dificuldade de adaptação.

⁴⁶ A solicitação de mudança de curso ou IES, por parte do aluno, também só pode ser realizada uma vez e, também, após a conclusão do primeiro ano letivo.

para os países Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola. Com relação à América Latina, os paraguaios, peruanos, equatorianos e hondurenhos são os que mais vêm para o Brasil. Já a Ásia tem os timorenses⁴⁷ como maior número de selecionados, como podemos ver nas tabelas abaixo:

Quadro 1- PEC-G - Selecionados - África - 2000 a 2019.



PEC-G - Selecionados - África - 2000 a 2019

PAÍS	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL
África do Sul																		1	1		2
Angola	3	21	29	23	33	11	31	28	91	68	48	83	63	53	59	77	7	11	12	2	753
Argélia																2					2
Benin									11	5	7	19	39	37	73	48	40	71	44	93	487
Cabo Verde	117	65	227	263	192	230	314	265	381	206	133	74	155	88	104	119	64	62	58	52	3169
Camarões			1					2	1		3	6	3	9	7	3	5	7	2	4	53
Costa do Marfim				1	1			3	1				1	4	9	4	5	5	8	15	57
Gabão		11		2	1	1	3	4							3	4	3	2	10	16	60
Gana	2	3	7	9	11	6	3	3	6		1	1		7	26	23	36	65	58	19	286
Guiné-Bissau	36	88	111	97	58	186	159	19	133	181	95	55	118				7	15	33	25	1416
Guiné Equatorial																				27	27
Marrocos																		1		2	3
Mali							2												1		3
Moçambique	12	13	27	21	26	27	13	9	4	4	9	7	8	13	13	9	1	3	2	8	229
Namíbia	1	1														6	65		1		74
Nigéria	9	6	7	11	14	27	19	22	32			12	1	2	6	2		2	1	4	177
Quênia		4	14	14	11	12	5		6	3	3	3		2		4	3	4	1		89
República Dem. do Congo								9	106	46	78	92	28	19	12	25	29	46	37	25	552
República do Congo													4	6	4	2	4	6		30	56
São Tomé e Príncipe			24		47	147	35	13	12	4	6	19	12	3	19	17	9	12	2	7	388
Senegal	7	2	4	1	1	3	5	1				1	1	4	1	6	3	10	7	7	64
Togo												4	11	8	3	6	6	2	3	1	44
TOTAL	187	214	451	442	395	650	589	378	784	517	383	376	444	255	339	357	287	325	281	337	7991

Fonte: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>

⁴⁷ Provavelmente, esse dado se dá pelo fato de Timor Leste também ter sido colônia portuguesa, logo tem o português como língua oficial do país. Um dos fatores principais que os entrevistados nos trouxeram como facilitador, motivador ou possível impedimento para a escolha de ir para um país ou não, assim como para sua adaptação nele é a língua.

Quadro 2- PEC-G - Seleccionados - América Latina e Caribe - 2000 a 2019.



PEC-G - Seleccionados - América Latina e Caribe - 2000 a 2019

PAÍS	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL
Argentina	1		1	1		6	2				1	1						1			14
Barbados				1				5	2	2	5	3	1	4	5	5	2	2		2	39
Bolívia	12	9	10	4	1	6	11	5	4	13	11	4	1	7	9	10	5	7	10	14	153
Chile	4	4	3	1	1		2	3	2	3	2	2	2	3	2	3	5	3	1	5	51
Colômbia	6	11		3	5	3	4	3	2	2	2	2	6	8	12	15	14	17	9	2	126
Costa Rica		2	2	3	1	3	3	1	4		3	2	1	1	1	2	3		1		33
Cuba					1	3	3	2	4	5	8	7	11	3	11	10	8	8	10	1	95
El Salvador	1		1	2		1	1	2			1		3	3	1	4	2	1			23
Equador	3	12	3	6	6	9	19	19	19	32	7	11	17	11	11	9	10	6	10	9	229
Guatemala	1		4		3	3	2	1	1		4	4	4	4		4	10	4	5	3	57
Haiti							2	15	12	8	11	3	3	10	7	7	11	9	13	16	127
Honduras	1	4	9	7	3	5	7	9	4	3			3	21	35	30	27	33	40	35	276
Jamaica			5	4	3	7	5	3	4	5	10	6	8	10	8	9	15	11	11	12	136
México				1						1				2	3	1			1	1	10
Nicarágua		2						1			3		1		1						8
Panamá	14	12					1	2	2	3	8	1	5	1	3	1	3	2	5	1	64
Paraguai	70	86	85	43	20	68	48	42	42	32	28	26	22	24	18	24	29	23	26	34	790
Peru	18	23	11	2	5	12	13	11	14	11	11	7	7	16	16	22	18	19	17	21	274
República Dominicana					1	1	1			1			1	1	1	2	4	5			18
Suriname		1															1		1		3
Trinidad & Tobago	2	5	2	4			2	1	1	2		2	1	2	1	3	1	2			31
Uruguai	1	1	2		1	1	1			1								1	1		11
Venezuela	1		2		1	2			1	1		3			3	2	3		2	3	24
TOTAL	135	172	140	82	52	130	127	125	118	125	115	84	99	132	147	162	171	155	163	158	2592

Fonte: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>>

Quadro 3- PEC-G - Candidatos selecionados - Ásia - 2000 – 2019



PEC-G - Candidatos Seleccionados - Ásia - 2000 - 2019

PAÍS	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL
China										1				1	1
Irã														2	2
Paquistão								2	2	2	1			1	8
Tailândia							1	1							2
Timor-Leste	1					1		34	1	1	6	11	8	10	73
TOTAL	1					1		37	4	4	7	11	8	14	87

Fonte: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>>

Embora os quadros mostrem apenas 50 países, sendo 22 da África, 23 da América Latina e Caribe e 5 da Ásia, o portal da Divisão de Assuntos Educacionais (DCE) do MRE⁴⁸ afirma que, atualmente, 59 países participam do programa, sendo 25 da África, 25 das Américas e 9 da Ásia. Ainda segundo o DCE, países como Estados Unidos da América e Portugal ingressaram no PEC-G em 1964 e 1974, respectivamente, enquanto as características de

⁴⁸ <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>> acesso em 03/05/2019.

cooperação se estendiam para além da Cooperação Sul-Sul. Na página intitulada “Países”, há um quadro incompleto com os países participantes do PEC-G e o ano de seu ingresso no programa, que diz que alguns países ainda não enviaram estudantes. Diante desses dados, após pesquisa e sistematização das informações, sugerimos a seguinte relação:

Quadro 4- Países participantes e ano de ingresso no programa.

PAÍSES PARTICIPANTES	ANO DE INGRESSO
África do Sul	2010
Angola	1985
Antígua & Barbuda	
Argentina	1964
Argélia	
Barbados	
Benim	
Bolívia	1964
Botsuana	2015 (ainda não enviou estudantes)
Cabo Verde	1977
Camarões	
Chile	1964
China	
Colômbia	1964
Costa Rica	1964
Costa do Marfim	
Cuba	
Egito	
El Salvador	1965
Equador	1964
Estados Unidos da América	1964
Gabão	
Gana	
Guatemala	1964
Guiana	1971
Guiné-Bissau	1977
Haiti	1965
Honduras	1964
Índia	
Irã	
Jamaica	
Líbano	
Mali	
Marrocos	
Moçambique	
México	
Namíbia	
Nicarágua	1964
Nigéria	1977
Panamá	1964
Paquistão	
Paraguai	1964
Peru	1964

Portugal	1974
Quênia	
República Democrática do Congo	
República Dominicana	1964
República do Congo	
Senegal	
Suriname	
São Tomé & Príncipe	
Síria	
Tailândia	
Tanzânia	2011 (ainda não enviou estudantes)
Timor-Leste	
Togo	
Trinidad & Tobago	
Tunísia	
Turquia	
Uruguai	1965
Venezuela	1964

Fonte: Sistematizado pelos autores após coleta de dados (2019).

Como podemos ver, de acordo com essa relação, excluindo Portugal e os Estados Unidos, há 59 países. Por outro lado, como está incompleta com relação ao ano de ingresso dos países e alguns estão assinalados como ainda não tendo mandado estudantes para o Brasil, entendemos a discrepância dos dados das duas primeiras tabelas com essa como mais um exemplo da falta de organização, atualização do banco de dados e transparência com relação às informações sobre a internacionalização nos ministérios, como também constatamos na própria UFMA. Afinal de contas, não visitamos vários setores da universidade meramente para aprofundar o levantamento de dados, mas por necessidade, tendo em vista que nenhum deles tinha todas as informações esquematizadas, organizadas e/ou completas.

Além dos dados sobre os países participantes, também encontramos os cursos que disponibilizam o maior número de vagas. As vagas ofertadas são restritas a cursos diurnos, nos campi em São Luís (capital), tendo em vista que, por determinação do Decreto nº 7.948, as vagas só poderão ser ofertadas em cursos nesse período ou integral. Os cursos são: Letras, Comunicação Social, Administração, Ciências Biológicas e Pedagogia. Na UFMA, de acordo com informações coletadas em entrevistas com os funcionários da PROAES, atualmente⁴⁹, existem 13 alunos ativos pelo PEC-G, cujos países e cursos aparecem nos quadros a seguir:

⁴⁹ Alunos que entraram em 2018 e já estão cursando seus respectivos cursos. Os selecionados de 2019 só começarão a cursar as disciplinas no ano de 2020, pois farão o Curso de Português para Estrangeiros durante 2019.

Quadro 5- Alunos ativos pelo PEC-G em 2019 (Países de Origem e Quantidade)

PAÍSES DE ORIGEM	QUANTIDADE DE ALUNOS
Angola	1 (hum)
Benim	2 (dois)
Cabo Verde	4 (quatro)
Colômbia	1 (hum)
Gana	1 (hum)
Guiné-Bissau	3 (três)
Peru	1 (hum)

Fonte: Sistematizado pelos autores após coleta de dados (2019).

Quadro 6- Alunos ativos pelo PEC-G em 2019 (Cursos de Graduação e Quantidade de Alunos Inscritos)

CURSOS DE GRADUAÇÃO	QUANTIDADE DE ALUNOS INSCRITOS
Ciências Biológicas	2 (dois)
Ciências Sociais	2 (dois)
Comunicação Social	1 (hum)
Design	1 (hum)
Farmácia	2 (dois)
Medicina	4 (quatro)
Odontologia	1 (hum)

Fonte: Sistematizado pelos autores após coleta de dados (2019).

No Brasil, instituições de ensino das cinco regiões participam do PEC-G. Segundo o MEC, atualmente, o número de IES cadastradas já supera a marca dos 100. Elas oferecem vagas nos seguintes cursos:

Quadro 7- Cursos geralmente ofertados pelas universidades brasileiras ao PEC-G.

Agronomia, Agroindústria, Ciências Agrícolas, Ciências Agrárias
Arquitetura e Arquitetura e Urbanismo
Artes: Cênicas: Teatro, Direção Teatral e Interpretação Teatral; Plásticas, Visuais, Cinema, Comunicação das Artes do Corpo, Dança, Educação Artística, Música
Astronomia
Biologia: Biotecnologia, Bioquímica, Ciências Biológicas, Biomedicina, Microbiologia
Direito, Ciências Jurídicas e Sociais, Ciências Atuariais

Design, Design Gráfico, Design de Moda, Estilismo e Moda, Desenho Industrial, Desenho e Plástica, Decoração
Ecologia, Ciências Ambientais
Ciências Físicas e Biomoleculares
Enfermagem: Enfermagem e Obstetrícia
Engenharia: Ambiental, Agrícola, Agronômica, Cartográfica, Civil, de Agrimensura, de Alimentos, de Bioprocesso, da Computação e Informação, de Controle e Automação, de Materiais, de Minas, de Pesca, de Petróleo, de Produção (Produção Civil, Produção Elétrica, Produção Mecânica), de Telecomunicações, Elétrica, Eletrônica, Eletrotécnica, Teleinformática, Física, Florestal, Geológica, Hídrica, Industrial (de Controle e Automação, Industrial Elétrica, Industrial Madeireira, Industrial Mecânica), Mecânica, Mecatrônica, Metalúrgica, Naval e Oceânica, Química, Sanitária, Sanitária e Ambiental, Têxtil
Ciência Política
Relações Internacionais
Ciências Naturais
Comunicação Social
Filosofia
Física
História
Fonoaudiologia
Geografia
Geologia
Gestão: Ambiental, de Agronegócios, de Cooperativas, da Informação
Hotelaria
Informática: Computação, Ciência da Computação Informática biomédica
Letras: Línguas (Português, Inglês, Francês) Licenciatura, Tradução, Estudos Literários
Matemática: Aplicada, Computacional, Aplicada a Negócios, Industrial, Estatística
Medicina
Museologia
Meteorologia
Oceanografia, Oceanologia
Pedagogia e Psicopedagogia
Psicologia
Química: Industrial, Tecnológica, Farmácia, Farmácia Bioquímica
Secretariado, Secretariado Executivo
Serviço Social
Tecnologia: em Alimentos, de Laticínios, em Sistemas de Informação, Mecânica, Oftálmica
Veterinária
Zootecnia

Fonte: MEC. <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/cursospecg.pdf>>

Embora as vagas sejam ofertadas em cursos das mais diversas áreas, na UFMA, a maior procura dos alunos estrangeiros é pelos cursos das áreas das Ciências Biológicas e da Saúde.

Como dito anteriormente, um dos pré-requisitos para a participação no PEC-G é o que os participantes sejam capazes de arcar com suas despesas financeiras no Brasil durante o período de formação. As possibilidades de bolsa ou auxílio são a PROMISAES⁵⁰ (apenas disponível depois de cursarem um ano completo), a Bolsa Mérito (concedida a alunos que demonstrarem aproveitamento acadêmico excepcional e cujo período de concessão dura apenas 6 meses, após o qual os alunos precisam refazer todos os testes e comprovações da estabilidade do rendimento escolar), a Bolsa MRE, a Bolsa Emergencial (também vinculada à PROAES) e outras bolsas ou programas de auxílio em que concorrem como ampla concorrência.

Em nossas entrevistas com o NRI e a PROAES, detectamos que as maiores dificuldades relatadas aos setores estão relacionadas com a língua e com a falta de domínio e conhecimento sobre a cidade de São Luís. Embora compreendamos a dimensão do PEC-G e a impossibilidade de o governo brasileiro manter esses alunos por quatro, cinco, seis, quantos anos forem necessários para sua graduação, o fato de que esses alunos sejam vistos como em situação de vulnerabilidade financeira, mas só sejam admitidos mediante um termo de responsabilidade financeira, alertou-nos para as possíveis dificuldades de adaptação não só cultural, mas material, ao chegarem ao Brasil.

Já nessa etapa da pesquisa de campo, conseguimos responder a uma das questões norteadoras da pesquisa: “As políticas de intercâmbio do MEC tiveram alguma influência em sua decisão de se integrar à universidade?”. De acordo com as informações coletadas nas entrevistas com funcionárias do NRI e da PROAES, a resposta é: sim, as políticas, ou melhor, os programas de cooperação internacional acordados entre o MEC, o MRE e as IES brasileiras são o canal pelo qual os alunos estrangeiros conseguem vir ao Brasil. De todo modo, confirmamos essa resposta nas entrevistas com os participantes da pesquisa, que serão relatadas no próximo capítulo. Antes de adentrarmos o novo capítulo, faremos uma recapitulação do andamento da pesquisa:

Abordamos, nesse capítulo, as etapas metodológicas referentes ao levantamento de dados e à pesquisa documental, ou seja, à primeira fase da pesquisa de campo e à análise de caráter quantitativo. O grande objetivo dessa etapa era identificar os alunos da UFMA que se enquadrassem como sujeitos em trânsito e seus lugares de origem. Durante a fase de pesquisa bibliográfica, não tínhamos ciência de quantos discentes internacionais estavam ativos na UFMA no período da pesquisa, portanto essa foi a primeira informação que procuramos.

⁵⁰ Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior. Com a exceção de Angélique, que ainda cursa o segundo período, e Celeste, que recebe a Bolsa Mérito, todos os alunos com quem falamos são contemplados pela PROMISAES. A PROMISAES é a única bolsa vinculada exclusivamente ao PEC-G.

Segundo o levantamento feito por Alessandra Martins Galvão (2018), em 2018, havia 27 alunos estrangeiros ativos na UFMA, sendo: 14 participantes do PEC-G, oriundos de países da África, Ásia, América Latina e Caribe; e 13 estudantes estrangeiros na pós-graduação, oriundos da América Latina e Caribe.

Já em nosso levantamento, descobrimos que um dos estudantes da graduação tinha colado grau no ano passado e retornado ao seu país de origem, portanto existe um total de 13 alunos matriculados e ativos na UFMA via PEC-G. Com relação aos alunos de pós-graduação, conseguimos uma tabela da PPPGI, que mostrava 12 alunos ativos. Todavia, soubemos instantaneamente que estava incompleta, pois não contava com os alunos admitidos em 2018 em programas como o PGCult (Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade), com quem tínhamos contato.

Inicialmente, o recorte da pesquisa englobava alunos de graduação e pós-graduação. Contudo, após uma coleta inicial de dados, emergiram dois motivos que nos conduziram a um novo recorte: (a) como encontramos um universo de 13 alunos na graduação e um número ainda maior do que esse na pós-graduação, não seria possível alcançar nossos objetivos dentro do tempo correspondente ao programa de mestrado, e (b) as realidades de ambos, dentro da UFMA, eram ditadas por fatores que acabariam por comprometer o foco qualitativo da dissertação, que se orienta para enfatizar “o subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 34), para uma natureza mais quantitativa, com outro foco. Deste modo, escolhemos focar na graduação e nos alunos integrantes do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G).

4 IDENTIDADES EM TRÂNSITO: análise dos relatos orais

O ato de escutar carece de uma sensibilidade só alcançada quando nos desprendemos de nossas noções pré-concebidas e abrimo-nos à possibilidade da surpresa. Em uma pesquisa, o desprendimento é essencial, para que não caiamos no erro de adequar os fatos às teorias, em vez de adequar as teorias aos fatos. Com o passar do tempo, também, vamos aprimorando nossas habilidades como pesquisadores. Na primeira vez que estudamos sujeitos em trânsito, utilizamo-nos apenas de um questionário online, cujas respostas foram satisfatórias, mas infinitamente mais pobres do que as alcançadas em uma conversa informal sobre o mesmo assunto. Dessa vez, decidimos conversar com os participantes da pesquisa, a fim de deixá-los livres para contar suas experiências como migrantes no Brasil.

Somente pela voz foi possível entender o tom, a cadência, o sotaque, as dificuldades na língua, a facilidade na adaptação, o afeto, a falta de afeto e tantos outros aspectos mais difíceis de serem alcançados pela escrita. Em mais ou menos uma hora de conversa com cada um dos participantes, conseguimos captar com facilidade alguns traços de suas personalidades, que facilitaram nosso entendimento sobre suas histórias, embora tenha tornado o processo de análise dos dados mais complexo. Isto porque suas respostas, como veremos a seguir, muitas vezes se contradiziam com relação a pontos fundamentais para a nossa pesquisa, como a identificação com o conceito de entre-lugar (BHABHA, 1998) e até mesmo de cultura. Para muitos, foi preciso explicar o que queríamos alcançar, tendo o cuidado de não induzir as respostas, nem de perder o teor informal e relaxado da coleta dos relatos orais.

Como base da metodologia, utilizamos alguns autores da História Oral, como Sônia Maria de Freitas (2006), que, em seu livro, colocou como apêndice um roteiro de entrevistas para historiadores. No fim das contas, embora quiséssemos enxugar as perguntas, acabamos nos utilizando de um roteiro imenso, cheio de perguntas, que funcionou muito mais como um guia, para que não deixássemos de tocar nos problemas da pesquisa durante a coleta. Como os participantes ficavam livres, em geral, a ordem do roteiro não era respeitada, porque seguimos o fluxo dos relatos.

Embora nosso universo fosse de treze alunos, conseguimos encontrar apenas sete. Dentre eles, conseguimos conversar com pelo menos uma pessoa de cada país relacionado no Quadro 5, com exceção do Peru. Os participantes receberam codinomes, para preservação de suas privacidades. Aqui, eles serão chamados de: Celeste, Kobe, Angélique, Akenzua, Mayra, Nino e Pérola.

Embora tenham migrado para o mesmo lugar no mesmo período (pensemos aqui um intervalo de dez anos), cada uma dessas sete pessoas teve uma experiência única. A primeira lição que aprendemos nesse processo foi que não se pode generalizar ou esperar unanimidade. A segunda lição foi a de que a análise seria muito mais trabalhosa do que esperávamos, por se tratar de um material complexo que nos levava a respostas, muitas vezes, ocultas aos próprios entrevistados.

Cada história renderia uma dissertação inteira. Tendo em consideração a quantidade de material coletado, seria impossível condensar tudo em apenas uma dissertação. Portanto, para facilitar o entendimento dos leitores, decidimos dividir esse capítulo de acordo com as respostas encontradas para os problemas de pesquisa que nos motivaram a esse estudo, em primeiro lugar. Sendo assim, seguiremos a ordem dos seguintes assuntos: deslocamento, adaptação, políticas de intercâmbio, culturas e identidades. Todavia, antes de abordarmos os problemas, de modo a facilitar a compreensão dos leitores, apresentaremos brevemente cada um dos entrevistados. Com esse mesmo propósito, elaboramos a seguinte tabela:

Tabela 1- Relação de nomes, países de origem e cursos

NOME	PAÍS DE ORIGEM	CURSO
Celeste	Colômbia	Medicina
Kobe	Gana	Design
Angélique	Benim	Farmácia
Akenzua	Benim	Ciências Biológicas
Mayra	Cabo Verde	Medicina
Nino	Guiné-Bissau	Farmácia
Pérola	Angola	Medicina

Celeste é uma simpática, solícita, sonhadora e pragmática colombiana. Antes de vir pro Brasil, encontrou um grupo de alunos de Medicina da UFMA no Facebook, já se apresentou e pediu conselhos e dicas. Chegada em São Luís em fevereiro de 2014, com recém-completos 18 anos de idade, hoje já se considera completamente adaptada à cidade, a ponto de auxiliar suas amigas brasileiras a se locomoverem de ônibus pela ilha. Outro fator que nos assegurou de sua adaptação foi seu domínio da língua portuguesa. Bem humorada, relatou os percalços que já viveu e expressou sua visão crítica do mundo com serenidade e segurança. Foi a única que mencionou sentir que os brasileiros demarcam muito fortemente seu status de estrangeira.

Segundo ela, seria ainda mais fácil se sentir brasileira se não a lembrassem constantemente que ela não o é. O que mais a entristece, no Brasil, é o preconceito sistêmico e entranhado na sociedade.

Apesar de ter construído laços afetivos e uma vida estável aqui, sente uma saudade imensurável da terra natal. Nascida e criada em uma cidade pequena à beira da Amazônia colombiana, encanta-se com todos os lugares que a remetem àquela vida em harmonia com a natureza. Planeja voltar a morar em Florência, para exercer sua profissão de médica, mas continuar com visitas periódicas ao Brasil. Todavia, o que a impede de definir se vai mesmo ou não é o perigo do retorno da guerra civil entre as guerrilhas colombianas e o exército. Tanto lá quanto aqui, o que mais a inquieta é a violência. Lá, a da guerra. Aqui, a violência cotidiana, impressa na quantidade de assaltos em São Luís (ela mesma já foi assaltada duas vezes).

Kobe é um divertido e, também, muito solícito ganense. Foi o primeiro a responder o convite e a marcar um horário para nos encontrarmos. Embora tenha se descrito como uma pessoa fechada, nossa impressão foi a oposta. Sempre com um sorriso no rosto, contou sua história enfatizando os aspectos positivos, mas sem deixar de lado as dificuldades que enfrentou nem as críticas que tece ao Brasil e à UFMA. Segundo ele, exerce todo o seu direito de aluno da universidade e vai frequentemente à PROAES. Chegou aqui em 2015, com cerca de 23 a 24 anos de idade, sem entender uma palavra sequer de português. Ele acredita que, para aprender uma língua de verdade, você precisa estar no lugar onde essa língua é falada e que esse é o motivo pra ele ter aprendido português tão rápido.

Diferente da maioria dos outros entrevistados, Kobe não tem pretensões de voltar a morar em Gana tão cedo. Professor de inglês e de dança (AfroDance), já estruturou sua vida no Brasil. Por ser dançarino, já está bem conhecido no cenário cultural maranhense e consegue muitos trabalhos, tanto em São Luís quanto em outras cidades, onde oferece cursos e oficinas de dança (inclusive já deu oficinas dentro da própria UFMA). Além disso, ele promove festas entre os outros alunos africanos que estão em São Luís, como maneira de manter a convivência viva.

Também foram dele duas das falas mais bonitas que coletamos sobre os lugares. A primeira é que ele não escolheu São Luís, São Luís o escolheu para fazer daqui um lugar seu. Além disso, foi Kobe quem nos disse que não basta nascer em um lugar, o lugar precisa nascer em você. Para ele, os afrodescendentes brasileiros que militam pela igualdade racial no Brasil não nasceram na África, por exemplo, mas a África nasce neles a cada dia mais. Foi também o primeiro a mencionar o racismo no Brasil, ao dizer que é um país muito bom, mas muito racista e que já vivenciou situações de racismo.

A beninense Angélique é uma exceção a um dos critérios de inclusão dos participantes na pesquisa: ela só começou a estudar na UFMA em fevereiro de 2019. A princípio, não conversaríamos com ela, mas a Fabianne, da PROAES, aconselhou-nos a fazê-lo, para que tivéssemos a perspectiva de alguém que praticamente acabou de chegar. Sua entrevista foi a mais desafiadora de todas, por dois motivos: a língua portuguesa, que ela ainda não domina tão bem quanto os outros entrevistados; e a timidez, intensificada pelo nível básico de português e aparente no volume marcadamente baixo de sua voz. Convencida de que “mata o português” sempre que fala, tentou responder aos questionamentos da maneira mais sucinta possível. Também por isso, a princípio, recusou a gravação da entrevista, mas acabou aceitando ao perceber o trabalho que daria para transcrever todas as suas falas na hora, prejudicando o fluxo de pensamento que é tão caro para a metodologia dessa pesquisa.

Para além disso, encontramos uma garota doce, gentil e corajosa, que sonha em conhecer o mundo inteiro e diz que o Brasil é apenas a primeira parada em sua jornada. Ela veio para cá porque queria “trocar conhecimento, conhecer também outros povos e descobrir o mundo”. O motivo que a levou a se apaixonar por São Luís também foi singular: a chuva. Ela ama a chuva e, no ano de 2019, São Luís esteve mais chuvosa do que seca. Ainda não criou muitas amizades aqui, o que ela atribui à timidez e a uma falta de sensibilidade dos brasileiros com os estrangeiros, embora já esteja próxima de outros estrangeiros e de alguns amigos brasileiros deles. Ela foi quem me chamou atenção para a comunicação e união da comunidade africana no Brasil e como eles acolhem uns aos outros por aqui. Ela, por exemplo, foi acolhida por Akenzua, nosso próximo entrevistado.

Akenzua nunca chegou a responder ao convite enviado por e-mail. Em uma grande coincidência, uma conhecida em comum, ciente da pesquisa, intermediou o primeiro contato entre nós e o descreveu como sendo muito gentil, educado e prestativo. O relato dele acabou sendo o mais extenso de todos, com duração de mais de uma hora e vinte minutos. Em uma voz baixa, mas firme, ele descreveu outro Benim, muito mais pautado nas religiões e nos conflitos sociais, o que condiz muito com o que ele fala sobre si e sobre o Brasil. O mais velho entre os entrevistados, com 29 anos de idade e prestes a terminar sua graduação, Akenzua abandonou o mesmo curso pela metade lá no Benim e recomeçou sua vida aqui do zero.

Chegou ao Brasil, como muitos, sem entender nada de português e passou por uma situação muito constrangedora na Paraíba, onde sofreu racismo, mas se encontrou aqui em São Luís. Ele explicou a comunidade africana no Brasil como sendo uma rede de apoio informal (embora os beninenses estejam todos em um grupo de WhatsApp), que funciona como uma grande família para aqueles que estão vivendo a mesma situação, por estarem longe de casa e

da família. Segundo ele, sempre tem alguém que conhece alguém e, nessa, quando os africanos chegam ao Brasil, eles já têm quem os acolha e facilite seu processo de adaptação. Além disso, também foi ele quem nos contou sobre a criação de uma associação de estudantes africanos no Maranhão, que terá o objetivo de ampliar ainda mais esse suporte para a comunidade migrante africana no estado.

Muito ciente de seu papel social, Akenzua planeja fazer mestrado no Brasil, depois da graduação, para, em seguida, voltar para sua cidade natal (Abomey-Calavi). Lá, ele pretende compartilhar o que aprendeu por aqui, tanto no âmbito acadêmico quanto no pessoal, para ajudar o desenvolvimento de sua cidade e seu povo. Do mesmo jeito que ele tem um papel muito ativo na comunidade africana no Brasil, ele também carrega consigo uma expectativa de sua comunidade do Benim de que ele possa fazer a diferença para melhorar as condições de vida de quem ficou lá. Angélique não foi a única a chamá-lo de amigo e ressaltar sua importância para o acolhimento dos migrantes africanos aqui.

Embora existam quatro cabo-verdianas atualmente na UFMA, Mayra foi a única que conseguimos entrevistar a tempo. Em muitos aspectos, ela é um “ponto fora da curva” entre os entrevistados. Nascida em Portugal, mas criada em Cabo Verde desde os cinco anos de idade e filha de um pai cabo-verdiano e uma mãe santomense, desde muito pequena se acostumou a viajar para outros países porque, para sua mãe, “viajar abre os nossos horizontes”. Inclusive, ela já tinha feito uma breve excursão ao Brasil, em 2013, que durou duas semanas, durante as quais visitou, em Brasília, ONGs e projetos sociais que trabalham com deslocados sociais⁵¹, como parte de um projeto da UNICEF, aproximando o governo do Brasil e o de Cabo Verde. Enquanto isso, a maioria dos outros nunca tinha sequer viajado de avião dentro do próprio país e todos tiveram essa (para o Brasil) como a primeira migração. Diferente dos outros, também, ela pensou em migrar tanto para países que falavam sua língua, como Portugal e Brasil, quanto outros, como Cuba, China e Japão.

Graças a essa visão mais ampliada de mundo e a uma pequena familiaridade com o Brasil, tanto por essa excursão quanto pelo hábito de assistir a novelas brasileiras, ela disse não se espantar nem estranhar muito a realidade quando aqui chegou. Além disso, encara mudanças com muita tranquilidade. Mayra é muito sucinta em suas respostas, o que se mostrou um desafio durante a entrevista, tendo em vista a metodologia empregada nessa pesquisa (quanto mais os

⁵¹ Entendemos como deslocados sociais as pessoas que ficam à margem da sociedade ou do que seria considerado dentro dos padrões sociais de normalidade e que, por isso, sofrem discriminação. Mayra, por exemplo, entrou em contato em Brasília com projetos sociais e ONGs que se preocupam com casos de gravidez na adolescência, assistência a pessoas soropositivas e reabilitação de usuários de drogas.

entrevistados falavam, mais fácil se mostrava a análise). Muitas vezes, em perguntas que geraram respostas bastante elaboradas por outros entrevistados, ela respondia quase que com “sim” ou “não”.

Ela não teve dúvidas ao afirmar que mudou tanto sua visão de mundo quanto a si própria ao longo dos últimos anos, mas teve muita dificuldade em explicar quais foram essas mudanças e em que intensidade. Também achava muito difícil destrinchar detalhadamente como vivenciava as culturas daqui e de Cabo Verde, o que pensava sobre os lugares, as manifestações culturais cabo-verdianas, enfim muitos tópicos caros para essa pesquisa, resultando em uma entrevista parecida com a de Angélique, mesmo com a disparidade de domínio da língua portuguesa entre as duas.

Outra entrevista concisa foi a de Nino, outro que se demonstrou uma exceção em meio aos demais, compelindo-nos a ser mais insistentes em alguns tópicos e a ter que criar alternativas para as mesmas perguntas até conseguirmos respostas mais elaboradas. Nino pouco falou sobre seu lugar de origem e sobre suas culturas, além de dizer que era muito diversificado e que a organização do país respeitava as diferentes etnias das regiões. Embora tenha afirmado que é guineense, negando qualquer absorção das culturas brasileiras e sendo o primeiro a negar a experiência do entre-lugar, não conseguiu esclarecer as características dele e de seu povo que o levavam a se sentir assim.

Muito tranquilo e relaxado, demonstrou levar a vida com muita serenidade e diversão. Se sofreu algum tipo de preconceito, não percebeu, pois evita identificar essas situações. De mesmo modo, não se disse muito ligado ou consciente das manifestações culturais de seu povo, pois as entende como sendo acontecimentos normais do cotidiano. Nino se mostrou pouco propenso a reflexões mais profundas de cunho cultural, por fazer a opção de uma vida simples e sem preocupações desse cunho. O oposto de nossa última entrevistada, Pérola.

O que Nino tinha de conciso, Pérola tinha de loquaz. A entrevista dela foi a que menos teve intervenções nossas, porque ela entendeu de cara a proposta metodológica e mergulhou de cabeça nela, relatando sua história de maneira contínua e fazendo as ligações que buscávamos espontaneamente. Dona de uma visão tanto crítica quanto afetiva sobre os lugares onde viveu, não teve pudor ao expor suas opiniões e experiências. Ela, como Nino, também não se vê em um entre-lugar e trata o Brasil como um lugar por quem tem muito afeto, mas que faz parte de um momento específico e finito em sua vida, onde alcançará o objetivo de se tornar uma médica, mas onde não pretende se estabelecer.

É angolana por nascimento, identificação e escolha. Emocionada, contou-nos sobre as delícias e desprazeres de sua terra natal. Compartilha com Akenzua, de quem é amiga, o desejo de voltar para casa apta a fazer uma diferença para o melhor nas condições de vida de seu povo. Para ela, aquele é o seu lugar, é onde ela se sente melhor no mundo inteiro e a entristece (e enfurece) ver o povo angolano sofrendo por problemas muito parecidos com os da sociedade brasileira: desigualdade social e corrupção política.

Cada uma das pessoas com quem conversamos trouxe um sem número de experiências, perspectivas, traços de personalidade, visões de mundo e maneiras de se relacionar com os lugares, as culturas e as pessoas. Depois dessa pequena apresentação, destrincharemos com mais profundidade o que coletamos, com elas, de respostas para as questões norteadoras da pesquisa, cada uma relacionada diretamente com um ou mais conceitos abordados no capítulo 2 desse trabalho e, por isso, revisitados a seguir.

4.1 O deslocamento

Há tantas maneiras diferentes de se deslocar quanto há de refletir sobre o deslocamento em si. São muitos fenômenos em um. Podemos pensar no fenômeno do deslocamento físico das pessoas de um lugar para outro, como no caso da migração. Também podemos investigar os deslocamentos culturais, quando as culturas se dispersam de seus lugares de origem, como os mangás japoneses, as bandas de K-Pop sul-coreanas, as óperas italianas e o hip-hop estadunidense⁵². Outra perspectiva é a do deslocamento social, onde encaramos as margens da sociedade e as pessoas que lá se encontram e nos perguntamos o que é a normalidade, como e por quem ela é definida. Enfim, são muitos os caminhos de investigação de um fenômeno que, aparentemente, seria muito simples.

Aqui, de uma forma ou de outra, abordamos esses três pontos de vista, pois, mesmo que nosso ponto de partida tenha sido o de entender, em vias práticas, como decorreu o deslocamento dos sujeitos estudados, no sentido da viagem que fizeram pra cá e das facilidades e dificuldades encontradas por eles nesse trajeto, as outras questões surgiram por associação em suas falas. Associação essa que eles fizeram, muitas vezes, sem perceber. Afinal de contas, um migrante não é um deslocado apenas por não estar em seu lugar de origem, mas por todas

⁵² Como Hall (2011, p. 35-36) já afirmou: “Em qualquer caso, as culturas sempre se recusaram a ser perfeitamente encurraladas dentro das (p. 35) fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos”. Logo, por mais que entendamos a importância da globalização na intensidade do “mercado livre das culturas”, as culturas transgridem suas fronteiras antes desse fenômeno, o que pudemos comprovar com os deslocamentos dos sujeitos estudados e as práticas que trazem consigo.

as outras pequenas situações que o colocam como um não pertencente, sejam internas ou externas.

Por ser informação fundamental para a compreensão do universo da migração desses sujeitos, perguntamos a cada um deles como foi o seu trajeto pra cá, quais meios de transporte usaram, quanto tempo a viagem durou e o que eles precisaram fazer e/ou arranjar para virem para cá. Como dito anteriormente, a metodologia empregada não permitia roteiros de entrevistas muito fechados e privilegiava que seguissemos o fluxo de fala dos entrevistados, impedindo-nos de seguir o roteiro à risca. Sendo assim, alguns relatos foram mais detalhados, outros mais descritivos, outros mais críticos, outros mais tímidos, outros mais robustos, seguindo as personalidades de cada dono da história.

Não foi fácil, nem rápido, nem confortável chegar ao Brasil. Nenhum dos entrevistados conseguiu um voo direto de suas cidades para São Luís ou para os outros lugares onde fizeram o curso de língua estrangeira (Belém, Boa Vista e João Pessoa). A viagem mais curta, de Mayra, duraria cinco horas, se ela não tivesse feito uma conexão de quase um dia inteiro em Fortaleza. As mais longas, de Angélique e Kobe, duraram cerca de três dias, sendo que, para Kobe, dois desses dias foram em um ônibus de São Paulo para Belém. À exceção de Pérola, que veio com a mãe e o irmão, todos os outros vieram sozinhos ou acompanhados por outras pessoas na mesma situação: migrantes de primeira viagem. Aliás, para Celeste, Angélique, Akenzua e Nino, essa foi sua primeira viagem para fora de seus países de origem e, também, a primeira viagem de avião.

Todos os sete vieram para o Brasil de avião, mas dois ainda pegaram ônibus em parte do trajeto: Celeste passou de oito a dez horas no trajeto entre Florência e Bogotá (capital da Colômbia), de onde pegou o avião para São Paulo; e Kobe, que veio de Gana para São Paulo de avião, mas pegou um ônibus de lá para Belém, onde passaria os próximos seis meses estudando português. Foram viagens cansativas e, para os que não entendiam português, mesmo que não estivessem sozinhos, um pouco assustadoras.

Se, quase um ano depois de chegar ao Brasil, Angélique tinha tanta dificuldade em falar português conosco, em um ambiente controlado e calmo, como a chegada não deve ter sido difícil pra ela? Hoje, ela entende bem o que as pessoas dizem, mas naquele dia, não entendeu nada. Seu itinerário foi o seguinte: em Cotonou, pegou um avião para o Marrocos, de onde foi para São Paulo, parando em Brasília, até, enfim, chegar em Boa Vista. Foram quase três dias sozinha viajando de avião pela primeira vez. Segundo ela, até chegar a São Paulo, conseguiu se comunicar com tranquilidade em inglês. Todavia, logo que pisou no Brasil, percebeu que a maioria das pessoas não falava inglês e ficou muito aflita até encontrar um outro

beninense em Boa Vista, já previamente responsável por recebê-la. Até o momento dessa pesquisa, a língua ainda lhe causava ansiedade:

Então, chegando aqui, conversei em inglês, sobretudo lá no Maroc (Marrocos), conversei em inglês e chegar até lá no São Paulo, mas chegar lá no São Paulo a maioria dos povos não falaram inglês, então português, português, eu disse “meu Deus, como falar assim aqui?”. Então, fica bem complicado. E também no início eu não entendi muito o que as pessoas estão dizendo, mas agora eu tô já entendendo tudo. Minha fala que eu tenho que melhorar bastante. Falar como brasileira. (ANGÉLIQUE)

Akenzua, o outro beninense com quem conversamos, veio em grupo, em um trajeto que misturou avião e carro. Seu grupo consistia em mais ou menos vinte beninenses. Saíram do Benim e passaram pela França (duração de oito a nove horas de voo), antes de chegarem ao Rio de Janeiro (mais onze horas no avião). Lá, dispersaram-se pelo país. Ele e um amigo pegaram um avião para Cabedelo, na Paraíba, onde outro beninense os buscou e levou de carro para João Pessoa. Akenzua também não entendia nada de português e, mesmo não estando sozinho, sentiu-se assoberbado pela língua.

As únicas pessoas do grupo que já tinham vindo ao Brasil foram Pérola e Mayra, ambas acostumadas a viagens internacionais. Além de viajar pelo mundo pela Federação Angolana de Natação, o que a fez vir ao Brasil mais de uma vez para competir, a tia de Pérola já tinha vindo ao Brasil para estudar, também graças ao PEC-G. Quanto à Mayra, vir ao Brasil não foi sua primeira migração. Nascida em Portugal, migrara para Cabo Verde aos cinco anos de idade, onde viveu até os dezoito anos. Além disso, viajava constantemente para visitar a terra natal da mãe, São Tomé e Príncipe, Portugal e outros países como parte do cronograma da família, porque sua mãe acreditava que “viajar abre os nossos horizontes” (MAYRA) e fazia questão que a filha tivesse essas experiências.

Nenhum dos sete tinha vindo para São Luís e todos os que já tinham ouvido falar do estado e da cidade responsabilizaram a novela *Da Cor do Pecado* (2004)⁵³, produzida e distribuída pela Rede Globo em seus países, por ter introduzido um pouco da cultura e da história maranhense para eles:

Pra tu ter uma noção, eu pude escolher o Maranhão porque eu assisti uma novela no Benim, A cor... Que passou lá no Benim. Passa muita novela brasileira lá no Benim, muita novela mesmo. Então, com A cor do pecado, eu descobri que existia um lugar aqui chamado Maranhão. Bonito. Por isso que eu escolhi de fato pra vir aqui conhecer.

⁵³ Novela de autoria de João Emanuel Carneiro, com colaboração de Ângela Carneiro, Vincent Villari e Vinícius Vianna, contava a história de Preta, uma maranhense pobre que se apaixonava por um carioca rico, durante uma expedição dele no Maranhão como parte de uma pesquisa sobre ervas medicinais. A novela, a princípio, dividiu-se entre o Maranhão e o Rio de Janeiro, focando mais no segundo estado depois que Preta se mudou com o filho para lá.

Então, uma cidade bonita, quero ir conhecer. Lá que eu conheci Maranhão. Então, assim não teria conhecido também, teria escolhido outro lugar. (AKENZUA)
 Nada. Só sabia que era, que lá tem a Globo, só sabia que era a cidade do Da Cor do Pecado, dos Lençóis Maranhenses. Era só isso que eu sabia. Quando eu vi lá UFMA, eu pesquisei São Luís e tal no Google, né, aí apareceu A Cor do Pecado, eu falei “o quê?”. Aí eu assisti essa novela lá, né? Pesquisei e tal, eu vi que tinha a comparação e era só isso que eu sabia, mais nada. Que era a cidade dos Lençóis. (PÉROLA)

Ao chegarem ao Brasil, nas outras cidades citadas e em São Luís, foram recepcionados por pessoas que conheceram informalmente, seja porque a mãe descobriu outra cabo-verdiana com família em Fortaleza (caso de Mayra), seja porque já tinha uma irmã estudando em São Paulo (Celeste) ou porque descobriram outros migrantes africanos que aqui poderiam recepcioná-los, graças a uma rede informal de contato⁵⁴, que possibilita o acolhimento de africanos por outros africanos. Angélique, por exemplo, foi acolhida por um beninense em Boa Vista e por outro (Akenzua), em São Luís:

Sim, tem esse grupo dos africanos morando aqui no Brasil. Grandão nacional dos beninenses, né, desse povo do Benim que tá morando aqui no Brasil. Então foi ele que me disse “olha, Akenzua⁵⁵, ele é do PEC-G também, ele é do Benim”, então foi assim que conheci Akenzua. (ANGÉLIQUE)

Cada integrante, cada pessoa, cada estudante do seu país tem, por exemplo, eu faço parte de um grupo de WhatsApp dos estudantes beninenses do Brasil. Como também o pessoal da Angola pode ter uma rede, também. Mas você, convivendo com alguns africanos aqui de outro país, por exemplo, tu vai em outro lugar, tu pergunta “ah, você conhece alguém em tal lugar que possa me receber em tal lugar?”. É assim. Sempre tem alguém que conhece alguém. Sempre. Às vezes, a gente fala que tem africano no Brasil todo. Então, se tu for, até a gente, a gente tem amigo brasileiro também que vai pra algum lugar e não tem onde ficar, eu falo “ó, tá, eu tenho um amigo em tal lugar que pode te receber, pelo tempo que quiser, pra fazer tuas atividades lá e voltar, sempre, sem pagar aluguel e tal”. Sempre tem alguém que conhece alguém que pode te receber em algum lugar do Brasil. Quando eu vim pro Maranhão, eu não conhecia ninguém, por exemplo, tive que perguntar “poxa, tô indo pro Maranhão, não conheço ninguém que possa me receber lá e tal”. Aí, por acaso, eu conheci um amigo, eu tenho um amigo que é do Congo, que conhecia um amigo, que veio com ele na época no Brasil, aí ele entrou em contato com ele e o cara me recebeu. Me encontrou aqui no Maranhão, me recebeu aqui. Então, existe só essa questão: sempre tem alguém que conhece alguém. (AKENZUA)

O caso de Celeste também se destacou por outro motivo, além da irmã: ao saber que estudaria na UFMA, ela fez uma pesquisa sobre a universidade (os outros também afirmaram terem pesquisado mais a universidade do que a própria cidade) e encontrou um grupo de alunos de Medicina da UFMA no Facebook. Lá, apresentou-se, contou sua história e pediu ajuda. Logo, uma estudante peruana falou com ela e a direcionou para uma família que acolhia

⁵⁴ Essa foi uma das descobertas mais fascinantes da pesquisa. Os africanos criaram uma rede de acolhimento para africanos no Brasil. Segundo Akenzua: “sempre tem africano em algum lugar” e “sempre tem alguém que conhece alguém”. No boca-a-boca, eles descobrem onde as pessoas estão e já combinam quem vai receber os novos chegados em que lugar e, assim, facilitar a adaptação. Falaremos mais sobre isso no tópico a seguir.

⁵⁵ A citação foi alterada, para proteção do verdadeiro nome de Akenzua.

estudantes estrangeiros em São Luís. De certo modo, ela também entrou em contato com uma rede de pessoas. A diferença é que o ponto em comum era o curso e não um continente:

Posso contar como foi minha chegada? Certo, aí eu comecei, né? Porque eu sei que tem a semana do calouro, o povo, os veteranos, né, os que estão em outros períodos, eles acolhem muito bem os calouros. Aí, eu comecei a entrar no Facebook. Na verdade, foi minha irmã. Ela fez essa pesquisa toda, eu entrei nos grupos, aí contei quem era eu, o quê que eu vinha fazer e teve muita gente. Foi incrível! Incrível como os estudantes daqui, as pessoas me acolheram também, preocupados quando eu ia chegar, onde eu ia chegar, o horário, quem ia me buscar, se tinha algum lugar pra “mim/me” ficar. Então isso aí eu já gostei, as pessoas foram muito acolhedoras, não me deixaram assim no vácuo nem nada. E teve uma família de um colega, que agora é médico, ele me ofereceu a casa dele. Ele morava com a irmã e os pais. Aí eles me ofereceram a casa deles pra eu chegar lá e ficar enquanto eu arrumava algum lugar. Tanto que, quando eu cheguei, eles sabiam tudo, que eu ia chegar, cheguei na madrugada, eles foram lá me buscar, me levaram pra casa dele, tinha um quarto somente pra mim, tinha um cartaz “Bem-vinda”, foi muito legal! (CELESTE)

Com relação ao último ponto, todos destacaram uma mesma coisa: a enorme burocracia. Alguns souberam que tinham passado nas provas com seis meses de antecedência, como Kobe. Outros souberam mais em cima da hora, como Nino, que soube com apenas dois meses de antecedência. Além dos comprovantes de escolarização e do histórico escolar (critério classificatório no processo seletivo), eles precisaram ir atrás dos vistos, passaportes e demais documentos, como certidão de nascimento deles e dos pais. A última coisa da lista era um depósito no valor de R\$1.000,00 (mil reais), como comprovação de renda. Segundo Nino, esse depósito foi a sua maior dificuldade no processo inteiro antes de chegar em território brasileiro. O dinheiro foi transferido para o Western Union, mas, pelo que Mayra nos contou, o posto que tinha aqui (no Jaracati Shopping) fechou e, hoje, o MoneyGram é o mais utilizado:

Tu sabes o Western Union, né, que é pra enviar dinheiro. Tinha um posto do Western Union lá no Shopping da Ilha. Fica bem próximo da minha casa, porque eu moro no Bequimão. Aí, fechou, aí abriu, tinha só lá no Shopping... como é o nome do Shopping, meu Deus? É aquele que fica perto do, do Shopping São Luís, São Luís Shopping. Jaracati. Aí tinha lá, só que também fechou, parece, aí agora não sei onde é que tem o Western Union mais. Tanto é que a gente nem usa mais, a gente usa o MoneyGram, porque não existe mais o Western Union aqui praticamente. (MAYRA)

Pudemos perceber, com esses relatos, que o processo para chegar ao Brasil é longo, cansativo e cheio de entraves burocráticos, embora a burocracia seja mais trabalhosa do que difícil, porque o PEC-G é um programa que já está bem organizado e estabelecido. Eles chegam aqui sabendo tudo que precisam fazer para validar sua estadia, porque já começaram o processo lá nas embaixadas brasileiras. Contudo, ainda há muita dificuldade nesse primeiro momento, logo que chegam, principalmente para os que não são familiarizados com a língua portuguesa.

Pensando na continuação dessa jornada, seguimos para o processo de adaptação desses migrantes no Brasil, em São Luís e na UFMA, apresentado a seguir.

4.2 A adaptação

A habilidade de adaptação é imprescindível para qualquer ser vivo, principalmente, para o que vive em sociedade. As criaturas e as circunstâncias inevitavelmente sofrem mudanças e, como nada nem ninguém tem total controle sobre o que acontece ao seu redor, é necessário aprender a conviver com as diferenças, redimensionar os parâmetros e ressignificar a vida. Com relação aos deslocados, como Said (2003) já pontuava, há uma sequência de rupturas e de mudanças bruscas que forçam a necessidade de uma adaptação e de um amadurecimento mais acelerados. São novos lugares, com novas pessoas, novas culturas, novas dinâmicas e novas possibilidades. Entender como as pessoas reagem a essas mudanças, ou seja, como se adaptam é fundamental para o estudo das identidades dos sujeitos.

Para nós, outro motivo para investigarmos o processo de adaptação do sujeitos pesquisados foi o desejo de saber como as mudanças ocorreram na prática, a eficácia dos aparatos disponíveis (os órgãos, os documentos, as bolsas, etc.) e a visão que eles têm sobre São Luís e sobre nós, brasileiros, maranhenses, ludovicenses. Afinal de contas, somos mesmo um povo acolhedor?

À primeira vista (ou, talvez, possamos dizer, à primeira pergunta?), os sete se afirmavam como pessoas flexíveis, de fácil adaptação, que se integraram facilmente à cidade de São Luís⁵⁶. Caracterizavam suas adaptações como sendo muito tranquilas e tinham o mesmo discurso de que é mais uma questão de escolher aceitar as mudanças do que qualquer outra coisa. Ou seja, adaptar-se depende, primeiramente, do sujeito. É um processo pessoal antes de ser um reflexo, também, de condições sociais, econômicas, políticas ou culturais. Nino, por exemplo, quando perguntado sobre o que foi mais difícil pra se adaptar aqui, respondeu: “Pra adaptar? Nada não”.

É preciso levar em conta um detalhe muito importante: o tempo redimensiona as nossas lembranças. Angélique era a única que ainda não tinha completado pelo menos um ano de morada no Brasil. Dos outros, Mayra era a que estava em São Luís havia menos tempo e já cursava o sexto período de Medicina. A visão de Angélique ainda é a de quem está no começo,

⁵⁶ O foco em São Luís se dá pelo fato de que nem todos moraram em outros estados, graças ao domínio prévio da língua portuguesa. Os que moraram em outros estados foram Kobe, Angélique e Akenzua, passando alguns meses em Belém (PA), Boa Vista (RR) e João Pessoa (PB), respectivamente.

portanto ainda se esforça pra conquistar coisas que os outros já têm, como amizades, domínio da linguagem técnica do curso e conversação básica. Como os outros já estão mais acostumados aqui, adotam uma postura mais similar à de Nino, quando diz que “já passou dessa fase”.

Todavia, bastou perguntar mais especificamente sobre a chegada e o estabelecimento deles aqui, para que os problemas aparecessem. Para alguns, foi a língua. Para outros, foi a saudade de casa. Alguns destacaram a banalização da violência no Brasil. Outros, os diferentes tipos de preconceito. Houve quem falou sobre suas dificuldades financeiras. Houve quem falou sobre o nível de dificuldade dos cursos e da vida acadêmica. Dentre os sete, analisamos que Celeste e, principalmente, Pérola, foram as que tiveram maiores dificuldades, cada uma à sua maneira.

Celeste foi muito bem recebida e amparada pela família de seu colega de curso, a ponto de morar com eles por dois anos, desenvolvendo, assim, um forte e duradouro elo afetivo e uma forte base de apoio. Contudo, como a casa dessa família ficava em um bairro muito distante da UFMA, ela passava cerca de duas horas e meia por dia em trânsito, enfrentando engarrafamentos diários. Quando chegava em casa, estava exausta e não conseguia estudar. O cansaço, aliado ao domínio básico do português e ao nível de conhecimento prévio requerido pelos professores, teve como reflexo um boletim com notas bem abaixo do que ela estava acostumada a tirar no primeiro ano do curso:

É mais difícil aprender português do que espanhol. A pronúncia, é, a gramática, assim, é bem complicada, mas deu certo. Essa foi uma dificuldade que eu tive também pra começar a estudar, me adaptar aos livros, ao jeito que era o ensino, porque lá é um pouco diferente. Lá, é, não é tão diferente, só que tem um pouco de diferença. Aqui é cada um chegou, estudou em casa, não, tipo assim, não tem muito aquele apoio do professor de “ah, tenho uma dúvida”, não, “você já tá aqui, pra frente”, tipo assim, “você já estudou isso, isso é muito pra trás, já é do ensino médio, você tem que se atualizar”, entendeu? E a gente tinha que ler muito, ler muito e, como eu falei, chegava cansada em casa, isso me deixava muito ruim, foi um pouco de dificuldade. Nos primeiros períodos, eu até tirei umas notas ruizinhas, mas não foi tanto, e eu acredito que seja pela adaptação, mas, do resto, depois, eu acho que foi um ano e eu já me sentia muito bem. Dificuldade também pela insegurança, muito medo, até hoje eu ando de ônibus, né, sinto muito medo quando saio na rua, quando tem algum lugar, uma rua assim deserta, fico com muito medo mesmo. Já, aqui, perto da faculdade, já fui assaltada bem do lado e lá na Cidade Operária, onde morava, também duas vezes. Então, isso até hoje, é uma dificuldade. (CELESTE)

A partir de seu relato, já podemos destacar dois pontos que surgiram em outros relatos além do dela. O primeiro e principal é a língua. Antes mesmo de entrarmos em contato com os alunos, já tínhamos recebido essa mesma informação pelos funcionários da UFMA que entrevistáramos no início da pesquisa de campo. A complexidade do português brasileiro é a dificuldade mais recorrente para os discentes internacionais, sejam do PEC-G, sejam de outros

programas. Tanto que há uma divisão no NRI específica para as políticas linguísticas e culturais (como vimos na Figura 1).

Mesmo os que já dominavam o português, por terem vindo de países integrantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)⁵⁷, tiveram entraves com relação ao dialeto maranhense, ao acordo ortográfico brasileiro e às linguagens técnicas de seus cursos. Nino vem de um país da CPLP, mas que não tem o português como a língua mais utilizada no cotidiano, então padeceu para se comunicar oralmente, mesmo já conseguindo ler e escrever com facilidade:

A língua oficial é português de Portugal, só que português a gente não fala assim no dia-a-dia, a gente aprende na escola, a gente aprende a escrever português e os documentos são feitos em português, documentos oficiais e identidade, essas coisas assim. Mas a língua que a gente fala assim dia-a-dia é crioulo. (...) Só que hábito de falar já, aí é problema, aí que tá, quando eu cheguei aqui, eu tive dificuldade um pouco assim, de entender muito assim, de conversar, eu preferia escrever. (NINO)

Então, mesmo a língua não sendo um problema, eu tive dificuldade por causa do sotaque. Tanto que eu, até hoje eu não consegui perder completamente. Eu falo, as pessoas não entendem. Então, esse foi o primeiro obstáculo pra mim. Quando eu cheguei, meu sotaque era muito mais forte, muito, muito, muito, muito. Outra coisa também foi o acordo ortográfico. Eu lembro que eu perdi muitos pontos em algumas provas, porque o meu acordo, o nosso acordo é o de Portugal ainda e vocês têm um acordo próprio⁵⁸. Então, essa foi uma das minhas dificuldades. Muitas das pessoas não sabiam, então achavam que era erro. (...) erro de português mesmo, então eu tinha que explicar isso pra todo mundo. (PÉROLA)

A certeza de que, para se tornar fluente em uma língua, são precisos tempo e convivência foi comprovada na conversa com Angélique, que ainda padecia para articular frases mais longas, conjugar verbos e pronomes e se lembrar de palavras em português. Enquanto isso, Akenzua, que já estava completando seu sexto ano no Brasil, demonstrou muito mais eloquência ao relatar sua história (chegando a ser, inclusive, a gravação mais longa, com uma hora, vinte e três minutos e quarenta segundos de duração). Kobe chegou a diagnosticar que esse é o grande motivo pelo qual os alunos estrangeiros têm poucas produções acadêmicas. Para ele, a língua é um obstáculo que causa embaraço e prejudica a formação dos alunos internacionais:

Não é fácil, não é nada fácil ler artigos em português, escrever artigos em português. Isso acho que é o único problema que a gente tem: a língua, que acho que às vezes serve como uma barreira. Porque a gente podia produzir mais, mas, por causa da língua, que às vezes a gente tem algumas dificuldades, então acaba não produzindo como a gente queria, mas tamos aí. (KOBÉ)

⁵⁷ Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

⁵⁸ O Brasil já aderiu ao Novo Acordo Ortográfico e Portugal tem se recusado a aderir, mantendo o seu português escrito.

Foi Kobe quem primeiro chamou nossa atenção para o dialeto e para a importância chegar com mais tempo de antecedência, ao declarar que você precisa estar no lugar onde uma língua é falada se quiser verdadeiramente aprendê-la e que foi muito mais fácil aprender português aqui do que se o tentasse em seu país. Para ele, o fato de não ter escolha a não ser se comunicar em português o tempo todo acelerou o aprendizado. Akenzua, também, acredita que sua adaptação, no Maranhão, foi facilitada por já ter aprendido o básico do português em João Pessoa, embora tenha estranhado que o sol nascia muito cedo lá (às quatro da manhã) e algumas outras questões culturais que discutiremos mais a fundo no item 4.4.

O segundo ponto de destaque na fala de Celeste é a violência no Brasil. Não apenas todos disseram que a imagem que os meios de comunicação passam do país é uma de violência constante e desenfreada, mas assumiram medo de passar por experiências violentas, como assaltos. A própria Celeste foi assaltada duas vezes no bairro da Cidade Operária, enquanto Nino diz que o grande motivo pra ele não se sentir mais confortável no Brasil é a violência, algo que não fazia parte de sua realidade em seu país de origem, e que até hoje tem medo de andar na rua:

(...) se for comparar em relação aqui, no que diz respeito a furto, roubo, lá tem bandidos, assim, como toda parte do mundo tem, né? Só que não é assim com essa violência assim. Lá é mais furto. Por exemplo, a pessoa pega teu celular e sai correndo, aí a galera ainda ajuda a sair atrás da pessoa, se pegar, ainda bate na pessoa e tal. Aqui já é diferente, a pessoa chega com arma, com facão, aí te obrigando a passar alguma coisa, pois é, é diferente. Às vezes, passa e a pessoa ainda usa a violência contra você, sendo que você que é vítima. Por isso que eu tenho medo de morar aqui. Nunca fui assaltado aqui, pra ser justo, já fui furtado, mas nunca fui assaltado. Mas eu vejo isso acontecendo e eu tenho medo. (NINO)

Mayra, que chegou aqui sozinha, ficou com medo até do taxista, porque “eu não sabia, todo mundo falava “ah porque aqui é violento não sei o quê”, aí eu tava cheia de medo, mas aí ele me deixou na porta da casa dela. Deu tudo certo”. Já Angélique, ao comparar o Brasil ao Benim, fala que muita coisa precisa melhorar, mas que não tem tantos ladrões como aqui, onde ela deixa o celular em casa, por medo de assalto. Pérola teve que acalmar sua família:

Ao inverso do Brasil lá, Record e a Globo só passam questões de violência, então a imagem que os meus familiares têm do Brasil é essa. Mas pra mim e pros meus pais, que já tínhamos vindo pra cá, sabíamos que não era assim. Então eles ficaram um pouquinho mais assustados, principalmente minha avó, que praticamente me criou, não queria muito que eu viesse. Foi bem difícil explicar pra eles que nem tudo que é apresentado na TV é o real. (...) com a questão da violência também, eu vi que não era essa coisa toda. (PÉROLA)

Por outro lado, ela foi quem mais teve dificuldade de se adaptar à migração. A autonomia irrestrita e as novidades da cidade e da vida que ela teria aqui tornaram os primeiros

meses animadores e tranquilos. Até que a saudade bateu. Muito próxima à mãe e ao seu lugar de origem, sem muitos angolanos por perto e tendo o agravante de uma greve geral da UFMA, Pérola pensou em voltar para casa e fez o possível para conseguir uma transferência para o Rio de Janeiro ou São Paulo (são os estados com maior número de angolanos. Em 2016, ela conseguiu, finalmente, uma transferência para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e se mudou sem hesitar).

Ao chegar lá, não conseguiu se adaptar de jeito nenhum. Não conseguia alugar um apartamento e teria que refazer o curso desde o começo. Passou apenas quinze dias no Rio, antes de ligar para a UFMA e descobrir que seu vínculo não tinha sido desfeito. Voltou e não olhou mais para trás, decidida a completar seu curso, custasse o que custasse. Sendo assim, foi um processo complicado, com muitas idas e vindas e muita angústia, mas que acabou dando certo. Hoje, ela está tranquila, adaptada e feliz.

Sabe, eu não sei se alguém já sentiu isso na vida, mas, eu não sei, alguém deve ter sentido isso, era uma angústia. Todos os dias que eu acordasse pra ir pra faculdade, eu não me sentia bem. Interiormente, eu não estava bem. Aí eu fiquei só quinze dias. Teve um dia que eu acordei, eu liguei aqui pra UFMA. A sorte é que eu não... como é que eu chamo? Eu não finalizei, eu só tranquei a matrícula, né? Então, dava, não, não, não me desvinculei da UFMA e nem podia fazer isso, nem posso estar matriculada em duas universidades, só que na época, eu achei que eles lá fossem me desvincular daqui, fosse ter um contato. Mas eles não desvincularam. Aí eu liguei pra aqui, sendo que ainda tava ok, liguei pra casa, tava ok. Clara, tava tudo ok aqui. Tudo ok. Eu peguei minha passagem, ó, e vim. Olha, mas eu chorei muito, chorei muito. Foi uma época muito difícil na minha vida. Mas, graças a Deus, eu recuperei e eu comecei 2017 com um propósito: “Faltam quatro anos”, faltava quatro eu acho, “e eu vou sair daqui médica, isso que eu sei, não importa o que aconteça, mas eu vou sair daqui assim”. E de lá pra cá, tenho me adaptado mais, acho que é essa a palavra, em vários sentidos. Adaptado mais a nível social, a nível emocional, a nível acadêmico, foi uma cascata de crescimento, assim, muito alto. (PÉROLA)

Esse é outro aspecto que ficou bem claro em outros relatos: a necessidade de decidir se abrir para o novo e permanecer firme nessa decisão. Nino, por exemplo, chegou a dizer abertamente que não se adaptou bem por acaso, mas por uma escolha consciente. Mayra, acostumada a viajar, também não relatou nenhuma dificuldade, por ter uma rede de apoio que a ajudou inclusive nas questões burocráticas e legais. Aliás, todos afirmam que são os contatos que fazem aqui que facilitam as transições, porque, embora estejam longe de suas famílias e essa seja uma saudade constante, sabem que não estão sozinhos.

Por fim, um último ponto que queremos destacar é o carinho que todos sentem por São Luís. Acham que é uma cidade muito bonita, embora mal gerida, desorganizada e, muitas vezes, suja. Também dizem que a consideram uma cidade menos violenta do que outras capitais do país, tranquila e cativante. Afirmaram-se muito bem acolhidos pela UFMA, pela cidade e

pelo povo, sempre muito hospitaleiro e disposto a ajudar. Além disso, nenhum deles sofreu qualquer tipo de preconceito aqui, o que não se pode dizer de outros lugares por onde passaram (relatos contados com mais detalhes no item 4.4). Valendo-nos das palavras de Pérola: “sabe uma gratidão que não se paga com nada? É isso. Acho que eu nunca vou ter como pagar nada que São Luís já me deu assim, o Brasil em si mesmo foi... tem sido, né? Não acabou. Tem sido muito bom, gratificante”.

4.3 Políticas de intercâmbio

A pergunta norteadora dessa seção é a seguinte: “as políticas de intercâmbio do MEC têm alguma influência em sua (os alunos estrangeiros) decisão de se integrar ao corpo discente da instituição?”. Como já tínhamos comentado no capítulo anterior, encontramos a resposta a essa pergunta antes mesmo de falarmos com os participantes da pesquisa, pois os funcionários da PROAES e do NRI já tinham garantido a confirmação de que todos os alunos estrangeiros presentes na UFMA, atualmente, seja na graduação ou na pós-graduação, faziam parte de algum programa de bolsas ou de abertura de vagas, como o PEC-G. Se houvesse alguma exceção à regra, nenhum dos setores ou sistemas da UFMA teria essa informação.

As maneiras pelas quais essas pessoas souberam da existência do programa foram muito variadas, mas, em geral, era por meios informais: uma irmã e uma tia que já tinham feito parte do programa anos atrás (Celeste e Pérola, respectivamente); um amigo que veio para o Brasil pelo PEC-G repentinamente (Kobe); uma visita do Centro Cultural Brasileiro e da Embaixada do Brasil nas turmas que finalizavam o ensino médio em Cabo Verde (Mayra); ou um irmão que descobriu e compartilhou (Angélique):

Minha irmã, sim, ela falou mais das cidades, da cultura, da pesquisa, do ensino e pesquisa, que é muito importante, que isso traz muitos estrangeiros. A internacionalização que tem no Brasil é muito boa. Aí ela falou sobre isso, falou da oportunidade que poderia ter, de tudo que eu poderia alcançar e foi por aí. Foi por aí que começou. (CELESTE)

A minha tia, como falei, ela fez em 2000 aqui... Sim [pelo PEC-G]. Em 2000, ela fez Biologia aqui. Então, eu vim. Ela veio em 2000, fez Biologia, voltou, trabalhou lá em vários laboratórios e veio fazer o mestrado. Então, quando ela viu que eu não gostei do Porto, acho que não acreditam que eu não gostei do Porto, mas eu não gostei, ela falou do PEC-G e que era bom. (PÉROLA)

Eu tenho um amigo que já tá aqui há uns seis anos, já. Ele que me contou sobre essa bolsa, porque a gente é bem próximo. Aí eu via ele lá em Gana, aí do nada ele não tava mais, tava aqui no Brasil. Aí eu perguntei “o que é que tu fez? Como é que tu fez? Eu quero tentar”. Aí eu fui lá, eu fiz todo o processo, levei documentos, aí eu

consegui, me ligaram que eu tinha conseguido a vaga, então era pra correr atrás de mais documentos, comprar a passagem, pegar visto. Aí foi assim que eu vim. (KOBE)
Na verdade, eu fiquei sabendo do PEC-G porque as pessoas do Centro Cultural Brasileiro lá em Cabo Verde e da Embaixada do Brasil foram na minha escola conversar com os alunos que estavam saindo, que estavam acabando o ensino, lá a gente fala ensino secundário na realidade, que estavam terminando o ensino secundário para se inscreverem no PEC-G e terem a oportunidade de vir estudar aqui. (MAYRA)

Para a maioria, se não fosse pelo PEC-G, não teriam vindo para o Brasil. Celeste nem planejava migrar. Nino tinha vontade de vir para o Brasil antes mesmo de saber sobre o programa, por causa do futebol e da imagem que o país projetava, como um lugar de muita diversão, lazer e leveza. O PEC-G foi um incentivo a mais para ele querer não apenas conhecer o país, mas se mudar para cá:

Bom, eu gostava do Brasil já por causa do futebol, eu acompanhei algumas novelas, mas eu vim mais por causa da oportunidade mesmo que apareceu pra vir pra cá, pra embaixada do Brasil quando soube. Eu já sabia desde pequeno que tava tendo esse convênio, aí depois que eu concluí ensino médio aí eu concorri à bolsa, aí eu passei e eu vim. (NINO)

Os outros cinco vieram para cá “por acaso”. Segundo Kobe, “na verdade, não era pra vir aqui no Brasil. (...) Não era a intenção”. Embora tivessem planos de estudar fora de seus países de origem, alguns não pensavam em fazer isso em um futuro próximo (como Kobe e Akenzua) e outros não tinham o Brasil como primeira opção (como Mayra, Pérola e Angélique). Além disso, os únicos que colocaram São Luís/UFMA como opção foram Akenzua e Nino. O primeiro, porque tinha achado o lugar bonito quando o viu na novela, como citamos na seção anterior. O segundo, porque já conhecia outro guineense que estava morando em São Luís e porque queria fugir da imagem de irresponsabilidade e falta de compromisso que os guineenses que moravam em Fortaleza estavam passando:

São Luís, eu vim porque já tinha um cara aqui que é da minha região lá. Eu conheci ele lá. Ele, depois, veio pra essa bolsa, veio pra cá, só que ele veio pra outro estado, mas não sei o que aconteceu, parece que não tinha vaga lá, alguma coisa assim, aí transferiram ele pra cá. Aí ele tava aqui e, como eu já conhecia ele, a gente já se conhecia lá, então pensei assim “eu vou pra lá, pro Maranhão”, até porque tem menos guineenses. Lá falam dos estudantes guineenses que tão, por exemplo, em Fortaleza, tem muitos lá não sei o quê, tem muitos que nem estudam mais, só brincadeira não sei o quê. Aí, pra fugir daquela coisa de influência, e como eu já conhecia o cara, eu também vim pra cá. Foi a minha escolha. Não me arrependo. (NINO)

As facilidades do programa, o renome das faculdades e a possibilidade de receber bolsas de estudo foram os três principais motivos para que eles ingressassem no PEC-G e desistissem de concorrer a vagas em universidades de outros países. Pérola ainda enfatizou mais

um aspecto muito importante: o fato de que a educação seria pública e gratuita, minimizando os gastos das famílias, que já arcariam com todas as demais despesas, como passagens aéreas, aluguel, alimentação, transporte, etc., foi decisivo (principalmente para as alunas de Medicina):

A maior vantagem, pra mim, do PEC-G, é que era uma universidade pública, não precisava pagar nada. Tipo assim, pros meus pais, foi a melhor notícia que eles podiam receber, que era só manter os meus custos mesmo e eu não sou uma pessoa consumista, graças a Deus. Consigo viver com o que eu tenho mesmo. Então, pra eles, esse era o de menos. E decidimos que eu vinha pra cá. (PÉROLA)

Eu vim pra estudar Medicina, porque Medicina... abriram um curso de Medicina em Cabo Verde, mas só que é um curso bem recente, eu não me sentia confortável pra estudar lá porque, assim, era bem recente e eu achei que vindo pra uma universidade que já faz há, por exemplo, cem anos, como aqui já tem, eu sinto que eu teria mais experiência, que eu ganharia mais experiência, na realidade e, é, o fato de eu não querer estudar lá. Eu queria mesmo sair pra fora, ter outra experiência como uma cidadã do mundo. (MAYRA)

Porque meus pais, eles têm muito pouca condição. Mamãe é dona de casa e papai é pedreiro, ele é mestre de obras, assim, então a condição é pouca. Tanto que essa também foi uma dificuldade pra eu estudar medicina na Colômbia. Por isso, busquei aqui no Brasil. (CELESTE)

Akenzua falou abertamente que “nunca quis, nunca sonhei em vir aqui no Brasil, nunca passou pela minha cabeça, então foi algo burocrático que aconteceu”. Ele já cursava Biologia no Benim, mas tinha muitas críticas ao ensino e desejava estudar em uma instituição mais estruturada, em que os professores tivessem mais contato com os alunos e ele se sentisse realmente acompanhado⁵⁹. Então, quando ele soube que o PEC-G existia, não hesitou em largar o curso e recomeçar no Brasil.

Celeste, por sua vez, acredita que, se não fosse por uma junção de três fatores (a existência do PEC-G, sua irmã mais velha mostrar o programa pra ela e a dificuldade para cursar Medicina na Colômbia com a renda baixa de sua família), não teria saído da Colômbia. Ela acredita que, por ter nascido e crescido em uma cidade tão pequena, sua visão de mundo e seus projetos para o futuro não envolviam sair de seu país.

Kobe queria ir para a Inglaterra, a Austrália ou o Canadá (países onde o inglês é a língua oficial), mas futuramente, pois estava estruturando sua vida em Gana. Um amigo contou sobre o PEC-G para ele e se inscreveu, chegando no Brasil cerca de dois anos antes de Kobe. Entusiasmado com a experiência do amigo, perguntou como poderia se inscrever e participar e acabou vindo para cá. Já Angélique quer desbravar todo o mundo e escolheu o Brasil como primeira parada, graças à possibilidade de unir uma formação acadêmica (com possibilidade de bolsa) e o começo da realização de seu sonho de conhecer os demais países do mundo, como

⁵⁹ Akenzua nos disse que era comum, em sua universidade, um único professor dar aula para uma turma de centenas de alunos em um auditório e que isso prejudicava muito o acompanhamento do progresso da aprendizagem da turma.

apresentada por seu irmão. Ela soube sobre o PEC-G em 2018, inscreveu-se, passou e chegou ao Brasil no fim do mesmo ano.

De mesmo modo, são as aberturas de vagas e concessões de bolsas estudantis em programas de pós-graduação os que primeiro estimulam esses mesmos alunos a permanecerem estudando no Brasil, desbravando o mundo da pós-graduação (uma experiência muito distinta da graduação), como a irmã de Celeste, que já estava fazendo o pós-doutorado em São Paulo. Akenzua e Kobe deixaram claro o plano de voltar para seus países de origem, assim que terminarem a graduação, mas de férias, para matar um pouco a saudade forte das pessoas que por lá ficaram e de seus lugares. Entretanto, será apenas uma passagem breve, pois, caso consigam passar nos seletivos dos programas, voltarão logo ao Brasil, para adquirirem o título de mestres.

Ambos me deram essas respostas quando os indaguei se eles tinham planos de voltar para seus países de origem, Benim e Gana, ao que eles me deram respostas afirmativas, e se seria de vez. Kobe respondeu que tem muita vontade de voltar pra lá, mas não pra morar nesse momento, só visitar e voltar para o Brasil, para fazer mestrado em Design, na UFMA ou em qualquer universidade do país:

Ano que vem eu pretendo voltar. Não [quero voltar de vez ainda], porque eu quero fazer mestrado também. Então, me formo esse ano, faço a prova de mestrado logo e volto, passar um, dois meses com a família... Matar a saudade, depois retornar pro Brasil. (AKENZUA)

Assim como eles, muitos o fazem. De acordo com os funcionários do PPPGI, da PROAES, da PROEN e do NRI, é muito comum que esses alunos venham para a graduação, pelo PEC-G, e continuem no Brasil e na jornada da formação acadêmica. Passam da graduação para o mestrado, para o doutorado⁶⁰, para o pós-doutorado e ou saem daqui com os títulos ou acabam ficando por aqui, casando, constituindo famílias, tornando-se parte do corpo docente da UFMA⁶¹ ou trabalhando em qualquer outra área.

Descobrimos, também, alguns detalhes sobre o funcionamento do PEC-G que só quem viveu poderia compartilhar, como a diferença entre a duração dos cursos de língua portuguesa para estrangeiros no edital e na prática. Em tese, todos os alunos estrangeiros que

⁶⁰ Um caso interessante que ouvimos foi o de um aluno estrangeiro, também aprovado pelo PEC-G, que conseguiu o que chamamos de dupla titulação ou cotutela para realizar o doutorado em Políticas Públicas pela UFMA (PGPP), por dois anos, e o de Sociologia por uma universidade francesa, onde passaria outros dois anos. Ao fim de todo o processo, ele sairá com duas titulações.

⁶¹ Caso de um professor do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BICT).

não dominam a língua portuguesa deveriam passar um ano estudando a língua no Brasil. Contudo, o que descobrimos, com os três que passaram por esse processo foi bem diferente: Akenzua foi o único que ficou um ano inteiro estudando português, enquanto Kobe passou apenas seis meses e Angélique menos ainda, cursando apenas três meses de português antes de começar a cursar Farmácia:

Eu cheguei em Belém, aí eu fui lá na Universidade Federal do Pará, eu comecei a aprender a língua portuguesa. A gente passa seis meses, pra estrangeiro, se passa seis meses estudando, aí depois tem uma prova de proficiência. Se passar, continua aqui no Brasil. Se reprovar, aí volta pro teu país. Aí eu passei, aí vim logo pra cá. (KOBÉ)

Levando em consideração uma dificuldade de adaptação que todos trouxeram e que já expomos na seção anterior, a linguagem técnica dos cursos, parece-nos contraproducente que uma aluna como Angélique comece a ter aulas apenas três meses depois de chegar ao Brasil, porque, mesmo que domine a língua o suficiente para passar no exame do Celpe-Bras, ela precisaria de mais tempo para superar suas dificuldades de conversação. Segundo Akenzua, o curso é insuficiente para aprender de verdade a língua, por ser muito básico:

Então, comecei a cursar biologia, entrei no curso em 2014.1 e comecei a fazer Biologia. Logo no início, com muita dificuldade, porque, é, a língua que a gente estudava no curso de língua não era uma língua assim, eu acredito que isso seja não adequada para quem for fazer o curso propriamente dito, então é só uma língua de conversação, de se manter no dia-a-dia. (AKENZUA)

Além disso, como a UFMA não oferece o curso de língua portuguesa para estrangeiros, as despesas desses alunos fica ainda maior, porque precisam se manter, também, nesses outros estados. Isso significa mais deslocamento, mais aluguel e menos tempo de adaptação na cidade que seria o destino final da migração, São Luís. Como Kobe bem disse: “acho que, se quiser aprender alguma língua, acho que tem que estar no lugar onde se fala essa língua”. Levando em consideração os diferentes dialetos brasileiros, o tempo necessário para se estabelecer em um novo lugar e as possíveis dificuldades burocráticas, materiais e psicológicas, entendemos a ausência desse curso na UFMA como um obstáculo no processo de adaptação.

Outra informação que descobrimos, já apontada anteriormente⁶², é a falta de recepção desses migrantes assim que chegam ao Brasil. Enquanto não ingressam nas universidades, estão por conta própria. Chegam ao Brasil e precisam “se virar” para chegar aos seus destinos, com muita dificuldade de comunicação e pouco conhecimento sobre o país. O

⁶² No item 4.1 O deslocamento.

primeiro contato que eles têm com o Brasil e com o povo brasileiro é, assim, marcado por tensão:

Eu cheguei aqui em 2015, cheguei em São Paulo e eu não sabia falar nada de português. Eu cheguei desesperado, porque eu vim de um voo que só o destino era do meu país até São Paulo. Só que a intenção era sair do meu país, Gana, pra ir pra Belém do Pará. Ai eu parei em São Paulo sem saber o que fazer. Só que eu tava com dois amigos, então a gente saiu do aeroporto, tentando comunicar com as pessoas pra saber onde é que ou o que que a gente podia fazer. Ai finalmente chegou um moço que ajudou a gente a pegar o ônibus de São Paulo pra Belém. Passamos dois dias no ônibus, sem falar com ninguém. Quase chegando lá em Belém que o povo se aproximou, tentando conversar com a gente. Ai foi o primeiro contato que a gente teve com o povo brasileiro, que foi no ônibus. (KOBÉ)

Eles só vão ter assistência institucional nas universidades, embora já façam parte de um programa de convênio nacional, organizado por dois ministérios. Logo, esse primeiro momento no Brasil é, como eles mesmo disseram, um risco bem grande, porque, se não passarem na prova de proficiência em língua portuguesa, voltam para seus países de origem e não recebem nenhum reembolso dos seus gastos durante o curso, pois aqui gozam de plena autonomia (e responsabilidade) financeira.

O desprovimento de acompanhamento institucional dos migrantes no Brasil e a consequente informalidade da assistência recebida tiveram como consequência o projeto de criação de uma associação, a ser chamada de Associação dos Estudantes Africanos no Maranhão, organizada por eles mesmos. Segundo Akenzua, ela ainda estava em formação, mas a pretensão era de que estivesse toda esquematizada e organizada até o fim de 2019. Quando perguntamos a que a associação se proporia, ele respondeu:

Se propõe a fazer, a trabalhar com a questão, tipo, não só com o pessoal estudante só da universidade, mas com estrangeiro assim africano em geral no território maranhense, sabe? Por exemplo, não sei se tu já ouviu dessa história do que aconteceu que alguns estrangeiros chegaram à deriva em São José de Ribamar. Então, foi uma das coisas que levou a gente a criar essa associação, de alguma forma ajudar porque a gente é africano aqui, dentro do território maranhense, então quando algo assim acontece, eles são nossos irmãos, né? Vieram do nosso continente. Então, de alguma forma, pra gente acolher não só estudante africano que estuda dentro da universidade, mas qualquer africano com algum problema, sei lá, e que passa alguma dificuldade financeira, seja financeira, emocional, psicológica, é, dificuldade de tirar algum documento, sei lá, qualquer problema que tiver, ele vai pra essa associação, a associação já está pronta pra resolver e dar uma solução. Então, a associação ainda está em formação, ainda não está concretizada, como eu falei, que vai ser formada, a gente vai tirar CNPJ, criar nossas leis e ser reconhecido pela lei, Justiça Federal, uma coisa assim. E acho que vai ser uma coisa bacana, né, e com os apoios, né, de fato. (...) Então, a gente tem os estudantes dentro da universidade federal, a gente tem mais vantagem, né, de conseguir apoio de fato, facilitar esse acesso, né, pros outros irmãos que de alguma forma vieram ilegal, né, também ajudar na questão, ajudar eles a entender certas coisas, o que for, na financeira, ajudar a conseguir um trabalho pra se manter ou o irmão tá doente, ajudar nessa questão de remédio e dar apoio emocional. Geral, entendeu? É isso. Então, a gente acha que a gente tem mais uma vantagem de

ter uma mentalidade, de falar a língua também, de criar leis, fundar essa associação e chamar os outros irmãos a se integrarem. (AKENZUA)

O que concluímos depois de ouvir toda a história (que tinha ainda mais desdobramentos), é que o apoio institucional se mostra como uma grande vantagem entre os migrantes que estão matriculados na UFMA e que contam com todo seu aparato institucional e pedagógico da mesma e os que não estão. Entre os que não estão podemos colocar tanto os que vêm ao Brasil não vinculados ao PEC-G como os vinculados que ainda não estão efetivamente cursando a graduação.

A PROAES facilita muito a vida desses alunos, antecipando-se às necessidades e divulgando sempre as possibilidades de melhoria de suas vidas. O NRI, também, tinha o plano⁶³ de organizar um material para a recepção dos alunos estrangeiros, com mapa da cidade, informações sobre trânsito e transporte coletivo, contatos importantes, localização de órgãos como a Polícia Federal, etc. Informações que, em geral, eles conseguem informalmente com seus amigos e demais conhecidos e que facilitam muito seu processo de mudança e instalação em São Luís. Se a UFMA também ofertasse o curso de língua portuguesa para estrangeiros, aliado a esse suporte que ultrapassa os trâmites burocráticos da própria instituição, a adaptação desses alunos seria ainda mais tranquila e rápida.

4.4 Culturas de lá, culturas de cá

Ao nos depararmos com o “novo”, as comparações com o que já conhecíamos são inevitáveis. Construimos pontes entre nosso passado e nosso presente, de modo a compreender melhor a realidade em que estamos inseridos e o que o futuro promete. De acordo com pesquisas da neurociência (COLE,2019) as áreas ativadas em nosso cérebro, quando tentamos nos lembrar de alguma coisa, são praticamente as mesmas que se ativam quando tentamos fazer alguma projeção do futuro. Em nossas mentes, o passado e o futuro andam juntos. Portanto, quando pensamos em nossos futuros, sempre partimos do que conhecemos em nossos passados. De mesmo modo, quando nos deparamos com algo que não faça parte de nossas culturas, em geral, estranhamos e comparamos diretamente com o que já nos é conhecido.

Como já dissemos no capítulo 2, no item 2.1, Cultura não tem definição, mas tem vários conceitos diferentes. O que mais está no imaginário do senso comum é o “todo complexo” de Tylor (1871), amplamente difundido desde sua publicação. Contudo, a falta de

⁶³ Quando conversamos com os integrantes do Núcleo, no começo do ano, ainda era apenas um plano.

delimitação causa confusão recorrente entre as pessoas que não se aprofundam no tema. De todos os problemas dessa pesquisa, esse foi o mais difícil de analisar, exatamente porque os entrevistados não sabiam o que era cultura. Todos, sem exceção, jogaram a pergunta de volta pra nós, questionando-nos sobre o que era cultura e o que exatamente queríamos alcançar.

Como a metodologia escolhida para a pesquisa prezava pela associação livre dos entrevistados, percebemos logo na primeira entrevista que esse problema (de pesquisa) nos colocara em xeque. Como explicar o que era cultura sem ditar ou delimitar suas respostas? Nos casos mais travados, não houve escapatória: demos alguma ideia do que poderia ser dito sobre as culturas de seus lugares de origem e sobre as brasileiras. No fim das contas, se fôssemos trabalhar a fundo apenas a questão cultural, já valeria por uma pesquisa inteira. Nesse estudo, não encontraremos uma resposta igual à outra. Algumas pessoas aliaram cultura às manifestações tradicionais dos povos, outras, às artes, outras trouxeram características comportamentais. Trazemos o exemplo dos dois que mais tiveram dificuldade em detalhar aspectos culturais de seus povos e brasileiros: Nino e Mayra.

Nino não se importa muito com isso. Em seu país, apenas vivia e reproduzia as culturas como parte de seu cotidiano, como algo natural sobre o qual ele nunca parou para pensar, nem mesmo quando chegou no Brasil. As informações diretas que nos trouxe foram as seguintes: lá, as culturas estão inerentemente ligadas às etnias, portanto também ligadas aos territórios; identificou o tambor-de-crioula maranhense com algumas danças e manifestações culturais tradicionais guineenses, embora ele frequentasse mais o tambor daqui do que de seu país; e a única coisa que ele ressaltou, com relação à arte, foi a música (zouk, kizomba e gumbé).

Indiretamente, aprendemos que o povo guineense é pacífico e festeiro, que o custo de vida não é muito alto, então, apesar de não ser um país considerado desenvolvido, as pessoas não passam necessidades básicas, que as pessoas oferecem seus lugares no ônibus para as pessoas mais velhas (hábito que Nino perdeu), que eles festejam o carnaval, que muitas religiões brasileiras estão sendo exportadas para lá e que, diferente daqui, xingar as pessoas é tido como uma ofensa muito séria. Aliás, esse foi o aspecto que Nino mais disse tê-lo chocado no Brasil: como, durante o futebol, as pessoas se xingam, mas “é tudo molecagem”. Ele demorou a se acostumar com isso, mas já começou a reproduzir. De resto, estranhou (mas gostou) o despojamento nas vestimentas, principalmente para frequentar a faculdade, as demonstrações de afeto em público e o preço do peixe (pra ele, não fazia o menor sentido o peixe ser mais caro do que a carne em uma ilha).

Mayra não sabia o que falar. Foram precisas uma boa dose de insistência e algumas comparações com as culturas brasileiras para que ela começasse a realmente nos contar sobre

Cabo Verde. Focou-se nos festivais de música, nas danças típicas, nas comemorações festivas e religiosas (é um país muito católico), como o festejo para São Tiago em julho e a culinária (também muito recorrente nos outros relatos). Já mais animada, até mostrou imagens dos pratos e das danças, mas só chegou a descrever com mais detalhes os pratos típicos. Ela, também, não parava muito para pensar nas diferenças culturais, porque já estava acostumada a conviver com essas diferenças e a se adaptar em novos lugares. Ela se descreve como uma cidadã do mundo.

Ainda assim, aprendemos que o povo cabo-verdiano também é festeiro, valoriza suas manifestações culturais tradicionais e contemporâneas, tem uma tradição forte de realizar festivais de arte urbana e que está tentando oficializar a língua-mãe (crioulo), movimento que Mayra considera prejudicial, pois resultaria em um fechamento maior de Cabo Verde em si, enquanto o português, por ser uma língua falada em vários países, faz o oposto.

Sobre o povo brasileiro, ela teceu críticas com relação ao comportamento das pessoas quando discutem política. Disse que seus colegas têm dificuldade em respeitar as opiniões alheias e são intolerantes com quem pensa diferente (um reflexo da conjuntura atual do país como um todo, marcada por uma polarização extrema). Além disso, falou que não estranhou muito as culturas brasileiras, porque elas já estão sendo disseminadas para o seu país, principalmente o carnaval, e porque lá eles assistem às novelas brasileiras. Embora tenha encontrado muitas semelhanças no comportamento dos dois povos, a primeira que ela desenhcou entre o Brasil e Cabo Verde foi o atendimento do serviço público, que, a seu ver, é desorganizado em ambos os países:

Gente, o atendimento do serviço público é igual. Quando eu fui tirar meu CPF, eles me mandaram pra tantos lugares que eu fiquei “meu Deus, isso aqui é o meu país”. Igualzinho, o serviço público. Desorganizado. As filas de espera em banco, é... quando tu vai pedir uma informação, aí eles te dão pra outra pessoa, a outra pessoa te dá a mesma informação ou não te dá informação nenhuma, aí te manda pra outra... enfim.

Uma das nossas maiores indagações estava relacionada ao choque e resistência culturais. A resistência será abordada apenas no próximo item, porque está muito ligada às identidades culturais, mas o choque entra nessa seção, na intersecção entre a adaptação e as culturas. Esse foi mais um momento em que sentimos a diferença que o conhecimento teórico sobre os termos faz na resposta das pessoas, pois, embora muitos tenham respondido negativamente sobre a experiência do choque cultural, que está diretamente ligada ao estranhamento, durante as entrevistas ficou claro que, em diferentes proporções, todos sentiram choque com algum ou mais de um aspecto cultural brasileiro.

Dentre estes, infelizmente, o principal está diretamente relacionado a alguma forma de discriminação: homofobia e racismo. Kobe e Angélique falaram sobre como foi chocante perceber que a comunidade LGBTQIA+⁶⁴ vivia abertamente (e com orgulho) no Brasil. Como já expusemos antes, Nino chegou a estranhar até mesmo a abertura com que os brasileiros demonstram afeto publicamente. Pois bem, Angélique e Kobe estranharam o modo como as pessoas que eles chamaram de “gays” viviam abertamente aqui e em grande número. Segundo os dois, nos países africanos (pelo menos em seus países, Benim e Gana), não é comum encontrar pessoas da comunidade LGBTQIA+ demonstrando abertamente quem são, organizando paradas e expondo seus relacionamentos. A dança ajudou Kobe a ampliar suas concepções e a se aproximar dessa comunidade:

Aqui acho que as pessoas se sentem mais livres e mais à vontade também de demonstrar que “não, eu sou gay e eu tenho orgulho disso”. No início, foi muito bem difícil de me adaptar, me acostumar, mas hoje em dia eu trabalho com muitos deles e são gente boa. (KOBÉ)

Nesse aspecto, entendemos que, por mais que tenha a ver com uma forma de discriminação e exclusão social histórica, todos veem o Brasil como estando à frente, por possibilitar que essas pessoas vivam com maior liberdade⁶⁵ em comparação aos países africanos. De mesmo modo, compreendemos que também faz parte das realidades culturais dos países de onde vieram e que, por isso, esse dado entra aqui, na seção sobre as culturas.

A segunda forma de discriminação não nos coloca em uma boa imagem. Para Celeste, foi o Brasil que a fez se atentar para os diversos tipos de preconceito:

E isso me fez enxergar muito que, no Brasil, as pessoas são muito diferentes, acredito que mais do que na Colômbia. Tem etnias diferentes, a questão de gênero, o que mais, cultura, religião, é muito dividido, bem dividido. E eu vejo que ainda não se tem um consenso, as pessoas brigam muito por isso, e isso me ajudou a enxergar realmente como funcionam as coisas. E eu acho que tem muita coisa errada. Assim, lá, eu tipo assim, eu falo que eu cresci com minha mãe, com meu pai, nunca ninguém disse que “essa pessoa é diferente por ser, eu não tenho que gostar dela”, eu via pessoas diferentes, via pessoas negras, via transexuais, via pessoas de outra religião e eu achava normal. Acho, na verdade. Eu tô me referindo, comparando. “Não, tudo bem, é uma pessoa diferente, tem um gosto diferente”, assim como eu tinha meus primos diferentes, tipo assim, tem cabelo loiro, eu tenho cabelo castanho, um primo é de cor negra, eu sou um pouco de cor branca, tudo certo. Quando eu cheguei aqui, eu vi realmente que as pessoas brigam, não respeitam, porque tem também uma carga

⁶⁴ LGBTQIA+ é uma sigla que abrange: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros termos relacionados à sexualidade e à identidade de gênero, que fogem à heteronormatividade.

⁶⁵ Com algumas ressalvas, é claro, levando o Relatório 2018, divulgado pelo Grupo Gay da Bahia, que mostra que o Brasil ainda é um dos países que mais mata LGBTQIAs no mundo: 420 mortes só no ano passado, sendo que 76% foram homicídios. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/05/relatc3b3rio-ggb-parcial-2019.pdf>> acesso em 14/12/2019.

cultural muito grande, né, a história carrega muito isso da escravidão e eu acho muito errado, eu não gosto disso, fico com muito ódio mesmo quando vejo uma pessoa criticando ou matando alguém por ser como ela é. Eu não gosto disso. Isso me abriu, tipo assim, como eu falo, me abriu muito os olhos. Porque eu pensei que como eu pensava todo mundo pensava, sabe? Aí eu vi que não, que não é assim, tem muita gente ruim e isso é difícil, por isso que tem que se lutar e até hoje se luta. Mesmo convivendo com pessoas de todo tipo, não tinha. Lá tem, assim, depois que eu cheguei aqui, eu vi que, meu Deus, tem muito preconceito. Como que é? Aí depois, lendo, vendo que lá no meu país também tem muitas pessoas assim, só que o que me fez enxergar isso aqui, o que me fez enxergar isso foi aqui no Brasil, que eu vi tudo isso e aqui tem uma carga muito grande. (CELESTE)

Mesmo os que não relatam terem passado por racismo, acreditam-se sortudos ou fazem questão de não perceber (Pérola e Nino, respectivamente). Para Kobe, o racismo fica aparente no dia-a-dia, quando ninguém se senta ao seu lado no ônibus ou quando os seguranças de alguma loja o seguem, mesmo se ele estiver bem vestido, por suporem que ele pode roubar alguma coisa. Ele diz que o Brasil é um país muito bom, mas muito racista e que isso gera uma luta social constante, para combater o preconceito alheio. A raça não era uma questão para ele em Gana, porque:

(...) lá é muito difícil ver uma pessoa branca, mas sempre que vai uma pessoa branca a gente recebe de braços abertos, entendeu? Então, quando eu cheguei aqui e era assim, eu fiquei tão chocado, porque lá a gente recebe qualquer um, porque a gente não pensa na cor da pessoa. Somos todos humanos, então não é a cor que vai diferenciar nem você nem eu, entendeu? Mas o que há dentro de nós. Então, foi bem difícil. Muito difícil mesmo. Eu nunca me acostumei, mas agora eu já tô mais tranquilo. Quando acontece que eu sofro preconceito, eu já sei que é o que acontece, é a realidade aqui. (KOBÉ)

Já Akenzua nos contou uma situação muito constrangedora e humilhante que ele passou pouco tempo depois de chegar ao Brasil. Lá na Paraíba, ele foi injustamente acusado de roubar um relógio, mesmo estando na frente do vendedor o tempo inteiro junto com um amigo (que queria comprar um relógio e estava levando Akenzua para passear pela primeira vez em João Pessoa). Foi revistado pelo vendedor e por um segurança, ainda sem entender quase nada em português e continuou sendo acusado de roubo, mesmo depois de averiguarem que o relógio não estava com ele. Uma brasileira, também negra, chamou os dois e explicou que, no Brasil, esse tipo de situação é muito comum, infelizmente, e que não era um problema pessoal, mas social. Akenzua tem um tom de pele bastante escuro⁶⁶.

⁶⁶ Pérola pensa que o tom da pele influencia o tratamento e as chances de sofrer racismo e que é mais fácil pra ela, que tem a pele mais clara, do que para os beninenses, por exemplo, que, em geral, têm a pele mais escura: “os meus amigos, principalmente os da Nigéria, Benim, que eles são muito mais negros, é da etnia deles mesmo, eles são bem negros mesmo, têm uma melanina muito mais forte e eles sempre comentam comigo que, quando eles chegaram aqui, o maior problema deles foi isso, que eles sentiram mesmo um preconceito assim, um racismo”.

Um dos resultados disso foi o despertar para a luta social do movimento negro no Brasil, como Akenzua falou: “Eu não tinha, não tinha, não vivia essas coisas assim. Então, pude ver de perto o que é a luta social”. Agora, ele se vê mais ativo politicamente, não somente na questão racial, mas nas diferentes lutas sociais, como a estudantil:

Eu participo também quando na universidade vai ter alguma manifestação, a gente vai manifestar, lutar, porque o que tá atingindo o povo brasileiro também tá indiretamente atingindo a gente, né? Principalmente, então, a gente também vai ser atingido, então a gente vai lutar, manifestar, reivindicar algumas coisas. Eu pude aprender essas coisas na prática. (AKENZUA)

Por último, achamos importante perguntar a todos se eles consideram que suas experiências como migrantes aguçaram suas percepções sobre as diferenças culturais entre os povos e os lugares e recebemos como resposta um unânime “sim”. O sujeito em trânsito está, invariavelmente, no lugar do outro. Às vezes, é o alheio, o forasteiro, o estrangeiro, enfim, ele está em outro lugar que não é o dele e as comparações com aquilo que lhe é familiar são inevitáveis. Isso é um fato tanto na literatura, que já discutimos profundamente nos capítulos anteriores, quanto nos relatos desses migrantes. As relações que eles constroem entre si e os outros, entre os lugares e entre as culturas desses lugares têm fundamento nas comparações.

Enxergar e acessar essas pontes se provaram tarefas muito delicadas e difíceis de cumprir. Esse problema de pesquisa, se pesquisado a fundo, já seria suficiente para uma etnografia inteira. Conseguimos essas respostas, mas ficamos com a certeza de que era possível aprofundar mais, acompanhar melhor esses sujeitos e ver de perto como são suas vidas e como eles fazem esse manejo entre as culturas com que convivem e as que trazem consigo, em suas histórias e primeiras construções identitárias (questões muito complexas para serem elucidadas em apenas um encontro, por mais longo que seja).

4.5 As identidades

Uma das poucas unanimidades nas pesquisas sobre identidade consiste no entendimento de que os lugares são um dos pilares da construção do eu e exercem influência direta sobre os posicionamentos que os sujeitos adotam em sociedade e sobre suas visões de mundo. Em nossas entrevistas, tivemos poucas unanimidades. Uma delas foi o forte sentimento de pertencimento dos entrevistados com sua terra natal, como afirmado por Pérola:

Lá o bicho pega um pouquinho mais e acho que o negativo é isso, mas eu costumo dizer que, mesmo com todos os problemas, Clara, eu não consigo me imaginar morando longe da minha casa. As pessoas não entendem. Muita gente que migrou no tempo da guerra foi pra Europa e tal. Eu compreendo, é uma adaptação, é um outro

mundo. Deve ser difícil você estar acostumado com tudo, na Europa você tem educação, tem saúde, tem tudo, tem condições básicas pra viver, que nós às vezes na Angola não temos, né? Deve ser difícil você sair lá de cima pra aqui pra baixo. Só que eu me sinto confortável lá. Sabe uma coisa minha? Não é nem por questões sociais e econômicas. O meu coração se sente bem em casa, mesmo com todas as dificuldades, é lá. (...) Sempre tive o sonho de estudar bem pra ajudar um pouquinho mais o meu povo e porque é lá que eu me sinto bem, é a minha casa. Não consigo me imaginar longe de casa. (PÉROLA)

Por mais adaptados que estivessem no Brasil, traziam seus lugares de origem na bagagem e faziam questão de se manterem conectados a eles, mesmo que fosse só no sonho de retornar para lá assim que suas formações acadêmicas fossem concluídas ou na afirmação categórica de seu pertencimento. Celeste, por exemplo, quando questionada sobre o que sentia com relação à Colômbia, falou com aquela tranquilidade profunda somente alcançada em face a uma certeza inquestionável: “Ah, eu pertenço a esse lugar, é meu. Volto pra lá. De lá que eu sou, é de lá que eu sou. Me identifico completamente 100% com lá”.

Como já vimos, muitos planejam voltar para seus países de origem assim que concluírem suas formações acadêmicas (seja graduação, seja pós-graduação), para fazer o que Nino descreveu como “dar contribuição” e, por meio dos conhecimentos e das experiências que aqui viveram, trabalharem para engrandecer e melhorar as condições de vida de seus povos e o desenvolvimento de seus lugares (vale lembrar que, enquanto Pérola trabalha com uma dimensão nacional, Akenzua pensa em sua cidade, que ele considera negligenciada pelos governantes).

Dois problemas de pesquisa norteiam essa seção: a) Ao chegarem ao Maranhão, sentem choque cultural e, por consequência, adotam suas identidades culturais “de origem” como forma de resistência cultural? e b) O deslocamento, aliado às novas culturas, influencia suas identidades? Começamos a responder ao primeiro questionamento na seção anterior dizendo que sim, todos sentiram choque cultural, em diferentes proporções. Com relação à resistência cultural, não encontramos a mesma unanimidade. Alguns o fazem, outros não. Nesse ponto, as experiências são menos coletivas e mais individuais e dependem de uma escolha (consciente ou não) de se manter culturalmente ligado ou não a um lugar ou outro.

Kobe e Pérola, por exemplo, mantiveram seus dialetos⁶⁷ aqui. Kobe fala que já pegou algumas gírias e um pouco da forma com a qual os brasileiros “cantam” quando falam, mas tomou uma decisão consciente de não perder totalmente seu dialeto, mesmo tendo essa

⁶⁷ Comumente chamados de sotaques, entendemos aqui que os dialetos são as atitudes linguísticas de natureza semântico-lexical, morfosintática e fonético-morfológica próprias de uma comunidade e relacionadas aos lugares onde elas vivem. (MORALIS, 2000)

possibilidade, porque ele associa seu dialeto à sua identidade como ganense e isso ele não quer perder:

Quando eu cheguei aqui, fazendo a língua, um professor meu perguntou assim “um dia, você vai querer falar que nem brasileiro?”, eu falei “não”. Eu nunca quero perder o meu sotaque, porque é quem eu sou, entendeu, é tipo perder a minha identidade. Perdendo o meu sotaque, o que me faz ser diferente do povo daqui é o meu sotaque, que eu acho que é muito forte, né? Então eu nunca quero perder o sotaque. [Não quero perder] A minha identidade como ganense. Eu posso até conseguir permanência, casar com uma brasileira, ter filhos, mas eu sempre vou continuar ganense, sempre vou continuar africano. (KOBÉ)

Pérola, por outro lado, não escolheu manter seu sotaque, mas o fez mesmo assim. Ela não entende o motivo, mas, para nós, ficou muito claro que ela é resistente a se desligar de Angola e de sua identidade como angolana, mesmo que seja apenas pelo jeito de falar: "Eu sou mais difícil pra absorver isso, assim, gíria e mesmo meu sotaque é uma coisa que eu não sei como eu não perdi ainda. Todo mundo já perdeu, menos eu".

Como contraponto dos dois (e dos outros, que assumiram manter traços culturais e reproduzir algumas coisas aqui quando sentem saudade de casa), temos Nino, que decidiu se abrir mesmo para essa nova vida no Brasil e que não coloca as culturas guineenses como algo que o mantenha ligado ao lugar (a despeito de, também, demonstrar resistência, mas com relação a sua identidade como guineense, sendo, assim, o maior exemplo de identidades contraditórias e conflitantes dentre os sete).

Do mesmo jeito que destacamos a língua como uma das dificuldades que os estrangeiros sentem ao chegar ao Brasil, também podemos destacar a língua como um dos aspectos mais fortes que ligam esses mesmos sujeitos aos lugares de onde vieram. Por permanecerem falando suas línguas maternas, permanecem, também, com um pé plantado em seus lugares de origem.

Uma pergunta que surgiu espontaneamente no processo da coleta dos relatos foi sobre o conceito de entre-lugar (BHABHA, 1998), que explicamos brevemente aos sete como sendo uma sensação de estar entre lugares, com um pé lá, um pé aqui e, ao mesmo tempo, não estando completamente em nenhum dos lugares. Aqui vimos, também, sinais de resistência nos dois que responderam negativamente à experiência do entre-lugar: Pérola e Nino. Os dois descartaram absorverem traços culturais brasileiros a ponto de afetarem suas identidades, embora concordem que suas migrações influenciaram suas identidades, pois mudaram o modo como se comportam e veem o mundo.

Todos os outros confirmaram o sentimento híbrido que Bhabha (1998) descreve como sendo inerente ao convívio simultâneo e inevitável entre duas culturas. Os cinco (inclusive Angélique) se sentiam um pouco brasileiros, nesse lugar estranho de transição, em que você se identifica com mais de um lugar e se percebe em um trânsito que transcende o deslocamento físico e afeta sua construção identitária. Antes da entrevista, nenhum deles conhecia o conceito, mas entenderam facilmente a sensação de incerteza e de flutuação. Já não são mais os mesmos, não têm as mesmas opiniões e nem enxergam seus países de origem e o Brasil como o faziam antes de migrarem.

Nem todos conseguiram voltar a seus lugares de origem depois de migrarem para cá. Apenas Celeste, Mayra e Pérola tiveram condições financeiras para a viagem. Kobe não ia a Gana havia quatro anos e meio. Akenzua, havia seis. Angélique, desde 2018. Nino, também, desde sua viagem de mudança para o Brasil. Logo, a parte da entrevista relacionada às possíveis diferenças sentidas em si e nos lugares na volta à casa não foi possível com eles.

Celeste já tinha voltado três vezes e a sua experiência foi uma mistura de reconhecimento e estranhamento. Ela já se sentia alheia àquela realidade, pois não tinha mais a convivência diária com as pessoas e com o lugar, como se ela já pertencesse ao Brasil, principalmente graças ao modo como foi tratada pelas outras pessoas: como uma turista. Sua visão sobre Florência também foi muito mais crítica do que costumava ser e ela conseguiu enxergar novos pontos negativos e positivos. Não obstante, para ela, cada lugar representa aspectos diferentes de si e de sua vida. Florência representa afeto, família, conforto e lar. São Luís representa a rotina, o futuro, as amizades, o namorado e a independência. São dois vínculos e dois pertencimentos diferentes.

Mayra só voltou uma vez para Cabo Verde porque, como sua mãe morava em Portugal, ela ia direto para a casa da mãe. É importante lembrar que ela já se sentia pertencente a três lugares⁶⁸ e, agora, adicionava um quarto, sendo, respectivamente: Cabo Verde, Portugal, São Tomé e Príncipe e Brasil. Quando está aqui, sente falta de lá e vice-versa. Assim como Celeste, as pessoas também a trataram diferente quando ela voltou a Cabo Verde e isso acentuou sua sensação de alienação. Além disso, algumas manifestações culturais de lá não a sensibilizavam tanto quanto antes e ela percebeu que o que considerava importante já não condizia com o que seus familiares e conhecidos cabo-verdianos consideravam.

⁶⁸ Segundo Hall (2011), é comum que a segunda ou terceira geração continue se identificando com o lugar de origem de seus pais e avós, mesmo não tendo nascido ou morado lá, no que ele chama de “identificação associativa”.

Por sua vez, Pérola só se sentiu mais e mais ligada à sua terra natal e ao seu quarto (seu lugar preferido no mundo). Muito caseira, nem chegou a passear muito pela cidade e mais convivia com seus familiares e amigos do que qualquer outra coisa. Contudo, quando tinha uma festa, ela ficava ainda mais animada para participar do que antes:

Quando eu chego lá, é ladeira abaixo. Eu como tudo, eu quero ir em todas as festas, eu quero dançar tudo. Eu acho que vocês já ouviram falar da kizomba, né? É um ritmo muito nosso. Eu amo dançar kizomba, eu vou em todas as festas familiares, as que me convidam, as que não me convidam, eu vou em tudo (risos). Eu vou em tudo, eu saio muito com os meus amigos e é isso. Até hoje, não mudou nada. Nada. Se mudou, deve ter sido pra melhor. (PÉROLA)

O que eles todos mais afirmaram terem mudado em suas identidades foi: a) identificação com o Brasil e o povo brasileiro, b) absorção de costumes brasileiros (como Nino, que aprendeu a xingar seus amigos de brincadeira, ou Kobe, que se pegava falando gírias maranhenses com sua família), c) ampliação da visão de mundo, d) flexibilidade de pensamento (como os africanos que pararam de estranhar a liberdade de expressão da comunidade LGBTQIA+ e sua luta por igualdade), e) um amadurecimento repentino e intenso, como evidenciado nos seguintes relatos:

Acho que, quando você tá fora do teu país, você consegue perceber muito do que quem tá lá, entendeu, tipo, questões políticas. Eu não curto muito política, mas questões políticas, mesmo a cultura, muita coisa que a gente percebe quando tá fora. (...) Acho que me mudou. Me fez ver, olhar o mundo de uma forma diferente, entendeu? O mundo agora não é só quem tá ao meu redor, mas envolve muito mais do que isso. Sim, expandiu mesmo, porque eu era muito conservador também (...). (KOBÉ)

Eu era uma pessoa de alguma forma assim também rígida com meus irmãos, essas coisas, hoje em dia, não, já tenho um discurso mais flexível. Por quê? Porque eu pude vir aqui num lugar que me proporcionou essa mentalidade, essa compreensão da vida, sabe? Eu cresci muito, não só intelectualmente, mas na vida, sabe? (AKENZUA)
(MAYRA)

Eu sou um cara mais maduro agora e sou um cara mais compreensivo. “Toloro”, é, tenho mais tolerância já, tipo eu avalio as coisas antes de tomar uma decisão agora, não tomo decisão precipitada, ou seja, sou mais maduro agora, porque eu tenho que fazer as coisas por mim, tomar mais a responsabilidade, sem os meus pais. (NINO)
Todos os dias é um crescimento aqui pra mim, pessoal, todos os dias. Em vários vetores assim. A minha forma de ver as coisas, de lidar com as pessoas... eu sou bem calma, bem simpática, mas eu também tenho o limiar de estresse um pouco alto e antigamente assim muita coisa me deixava fora do eixo. Hoje em dia, eu não me permito mais, então, principalmente parente, parente tem esse costume de te tirar um pouquinho do sério, né? E quando eu voltei, eu me percebi diferente por isso. Inclusive, todo mundo comentou que eu tava mais calma, mais tranquila e eu percebi isso diferente em mim mesmo. Eu deixei de criticar mais e comecei a fazer mais as coisas, porque eu acho que nós, em Angola, é muito assim, o jovem só critica, mas não consegue fazer nada. Então, eu moro numa rua que o bairro atrás é só lixeira, muita lixeira, muita lixeira. Eu me reuni com a prefeitura do bairro, hoje não sei como vocês chamam aqui, lá é administração do bairro. Pronto. E nós fizemos uma limpeza assim. Eu fiz uma retrospectiva, se fosse tipo 2013, 2014, com certeza, eu ia estar no sofá, ah, passando na TV, a lixeira ali. Gente, eu ia reclamar tanto. E eu percebi esse

crescimento em mim, de me engajar mais, levar a vida com mais serenidade, eu percebi esse crescimento em mim. (PÉROLA)

A migração é uma experiência delicada, impulsionadora e engrandecedora, cujas consequências se demonstram de maneira muito subjetiva, peculiar, imprevisível e intrigante. Conversamos com sete pessoas e, por mais que tenhamos encontrado semelhanças em seus discursos, no fim das contas, cada uma passou por um processo muito seu de construção, desconstrução e reconstrução identitária. Algumas sentiram mudanças mais profundas em si, outras apenas as que eram necessárias para se adaptarem a São Luís e ainda houve aquelas que tentaram negar mudanças que ficaram visíveis durante os relatos.

A resposta a que chegamos é que, sim, o deslocamento e o contato com novas culturas influencia as identidades das pessoas porque elas são impelidas a mudar. No meio dessas mudanças, algumas identidades são deixadas de lado, algumas se sobressaem e outras são adquiridas, em um movimento interno de identificação e negação, que acompanha, inevitavelmente, a dinâmica da vida, do tempo, dos lugares e dos seres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aprendizado resultante dessa pesquisa, em todas as suas etapas, especificações e imprevistos superou todas as expectativas prévias. Compreendemos, no findar da pesquisa, que o estudo das identidades e de suas relações com os deslocamentos, as culturas e os lugares é ainda mais complexo e desafiador na prática do que a teoria é capaz de expressar e que analisar relatos orais consiste em um desafio à parte.

Durante a realização da coleta dos relatos, deparamo-nos com alguns percalços. O primeiro foi um pouco de dificuldade na elaboração dos roteiros das entrevistas. Como a entrevista não estruturada só é comum nas pesquisas sobre História Oral, não tivemos acesso a muitos modelos e relatos de experiência para guiar a pesquisa. O resultado pode ser encontrado no Apêndice 3 desse trabalho: um rascunho, que só foi aprimorado com o desenvolver das coletas. A elaboração do roteiro de uma entrevista não estruturada é uma arte e, como todas, carece de prática.

Aliás, a prática foi muito importante não somente para a elaboração das perguntas, mas, também, para a condução das entrevistas. Logo na primeira, descobrimos que, a não ser que os entrevistados tenham conhecimento prévio, perguntas diretas sobre conceitos complexos geram mais confusão do que esclarecimento. Por isso, foi necessário fazer o percurso mais longo e extrair as respostas de alguns problemas da pesquisa ao longo de todo o relato, como as concernentes às relações que os sujeitos faziam entre as culturas.

Como colocado no capítulo anterior, idealizamos um grau de complexidade menor para esse problema em específico do que o encontrado na prática. Seria possível fazer uma etnografia completa apenas sobre esse problema. Inclusive, acreditamos que a etnografia seria a mais indicada para uma pesquisa sobre culturas, mesmo que a nível particular, porque, como os participantes possivelmente não têm a mesma reflexão sobre o conceito que o pesquisador, carece de maior interação e de uma análise que tenda mais para a análise do discurso do que do conteúdo.

Por isso, também, concluímos que quanto mais casos forem estudados, mais difícil se mostra a análise e a tabulação dos dados coletados. No caso dessa pesquisa, na qual foi realizado um estudo de casos múltiplos alicerçado na História Oral, com um instrumento de pesquisa alicerçado na associação livre, logo, no fluxo de pensamento e fala dos sujeitos, algumas respostas poderiam ser mais aprofundadas e densas se houvesse maior acompanhamento e interação com os sujeitos. Levamos em conta, também, as diferentes

personalidades com quem nos deparamos, desde a timidez aguda de Angélique à eloquência crítica de Pérola, à proposital despreocupação de Nino e à verbosidade ocasional de Akenzua.

Entre tantos relatos e tantas experiências singulares, algumas características se sobressaíram com relação à cidade de São Luís especificamente: a) São Luís é uma cidade acolhedora, de clima agradável e cultura rica; b) nenhum dos entrevistados sofreu preconceito direto aqui e c) os problemas de São Luís são estruturais e relacionados à má gestão e educação das pessoas para com os espaços públicos. A grande distinção que fazem entre a cidade e os demais lugares que já visitaram no país se fundamenta no apreço especial que sentem pela capital do Maranhão. Em São Luís, foram acolhidos e fizeram dessa cidade um lugar que também pertence a eles, onde viveram momentos marcantes em suas histórias de vida.

Com relação à UFMA, a visão é muito similar à de São Luís: apresenta grandes problemas estruturais (seja estrutura física ou gestão), mas não deixa de ser uma instituição organizada, acolhedora e preocupada com seu desenvolvimento. Nenhum deles titubeou ao responder se sabiam a quem recorrer em caso de problemas acadêmicos ou burocráticos (PROAES), o que demonstra que a universidade elucida as possíveis questões sobre seu funcionamento e organização e acompanha de perto esses alunos, dando suporte e facilitando suas vivências enquanto alunos.

Por outro lado, fora da UFMA, há um descaso do PEC-G com esses possíveis alunos enquanto eles ainda não ingressaram na universidade. Muitos chegam sem saber falar uma palavra sequer em português e precisam se virar em um país em que a maioria da população só domina uma língua (no acordo ortográfico e nos dialetos brasileiros, que diferem muito do português falado nos outros países da CPLP) e em cidades diferentes daquela em que irão efetivamente morar. Isso gera custos desnecessários e aumenta o tempo necessário para adaptação desses alunos em São Luís.

Todas as respostas concernentes às dificuldades de adaptação invariavelmente se referiam a problemas cotidianos ou diferenças notadas nos pequenos momentos do dia-a-dia que, para os brasileiros, passam até despercebidos, como o hábito de comer feijão com arroz todos os dias, a maneira mais aberta com que as pessoas se cumprimentam e demonstram afeto por outras pessoas ou as roupas leves, despojadas e ousadas com que os brasileiros (principalmente, as mulheres) se vestem.

Concebemos que, como a maioria já estava aqui havia anos, sua adaptação já estava bem mais avançada do que a de Angélique e seu olhar sobre os lugares eram mais elaborados, críticos e afetuosos. Nino deixou bem claro que ele passou por fases durante seu período em São Luís e que, na de agora, ele já não sentia mais tanta saudade ou necessidade de manter

contato com manifestações culturais que o lembravam de sua terra natal, como o tambor de crioula.

Sobre isso, também aprendemos que, muitas vezes, descobrir manifestações culturais maranhenses similares às de seus lugares de origem fez com que eles se identificassem com São Luís e com os ludovicenses, além de aliviar a saudade de casa e o sentimento de deslocamento cultural que sentiram assim que chegaram aqui. Os grandes destaques foram o tambor de crioula e festas religiosas. Temos muito mais semelhanças do que diferenças.

Com relação ao deslocamento, descobrimos que uma das principais barreiras é a questão financeira, pois os trajetos são longos e as passagens, dispendiosas. Não à toa, quatro dos sete sequer visitaram seus países de origem depois de migrarem para o Brasil. Até mesmo Celeste não conseguia ver sua irmã com frequência, embora morassem no mesmo país. Ademais, instantaneamente, se tornam deslocados socioculturais. Não conhecem o país a fundo (o Maranhão e São Luís, ainda menos), nem os costumes, as manifestações culturais, a burocracia do serviço público, as demandas legais, enfim, chegam aqui crus e, de certa forma, vulneráveis.

Dentre todas essas conclusões e respostas, julgamos pertinente recapitular as hipóteses elaboradas no início de nossa jornada, que serviram como primeiro norte, e apresentar o que foi verificado. A primeira hipótese, “ao chegarem ao Maranhão, os sujeitos pesquisados vivenciam choque cultural e, por consequência, adotam suas identidades culturais ‘de origem’ como forma de resistência cultural”, tratava de dois efeitos atrelados à Cultura e nos levou a duas respostas diferentes.

Sim, os sujeitos pesquisados vivenciaram choque cultural ao chegarem ao Maranhão (na verdade, logo que chegaram ao país, já começaram a senti-lo). Relutaram a aceitar o termo “choque cultural”, chegando a negar a experiência veementemente. Contudo, bastou trocar por “estranhamento”, para que eles se sentissem mais confortáveis e comesçassem a expor tudo que os chocou quando entraram em contato com aspectos culturais brasileiros que divergiam dos seus. Mais uma vez, o uso direto de um termo mais técnico não obteve tanto sucesso quanto uma abordagem mais informal e familiar.

Com relação à resistência cultural, a resposta a que chegamos pode ser resumida em: às vezes. A resistência cultural, principalmente quando o sujeito está cômico dela, é algo que depende mais de uma escolha, seja ela consciente ou não. Apesar de serem consequências da dinâmica das culturas, o choque é mais involuntário, pois é uma reação àquilo que é diferente. Já a resistência cultural é voluntária e depende totalmente de como os sujeitos se relacionam com suas culturas de origem e as culturas do outro. Alguns dos entrevistados, como

Kobe e Pérola, adotaram suas identidades culturais “de origem” como forma de resistir às mudanças e ao distanciamento com a terra natal. Já outros, como Mayra e Nino, continuam se sentindo pertencentes aos seus lugares de origem, mas não tomam uma postura consciente de se aterem às identidades culturais desses lugares.

A segunda hipótese, “as políticas de intercâmbio do Ministério da Educação (MEC) são motivadoras para a integração dos sujeitos pesquisados no corpo discente da UFMA”, foi a primeira a ser confirmada. Se o PEC-G não existisse ou não abarcasse os países desses sujeitos, eles não viriam para o Brasil. De mesmo modo, não planejariam continuar no Brasil se os programas de pós-graduação não realizassem convênios de abertura de vagas similares ao PEC-G.

O PEC-G é um programa bem completo e abre espaço para a implementação de uma internacionalização eficaz e bem estruturada em todo o país. A grande crítica que tecemos a ele reside na falta de acompanhamento dos migrantes durante o período em que ainda estão aprendendo a língua portuguesa. As universidades ganham autonomia quase completa e, como os migrantes ainda não ingressaram em seu corpo discente, não se responsabilizam por mais do que a oferta de cursos de português para estrangeiros. Logo, seria responsabilidade dos órgãos responsáveis pelo programa pensar em um melhor acolhimento desses migrantes no Brasil, inclusive para aumentar as chances de sucesso no exame de proficiência.

Infelizmente, a independência desses migrantes faz parte das diretrizes do programa e foi posta de maneira muito clara no Decreto Presidencial nº 7.948, nos portais e demais documentos oficiais que tratam do programa. Está claro que o propósito é de minimizar o desperdício de gastos e recursos públicos com pessoas que, no fim das contas, não participassem do programa integralmente. Contudo, permanece a dúvida sobre o que uma participação mais efetiva dos ministérios na recepção desses migrantes acarretaria em suas adaptações e aprendizagens (língua, culturas, etc.).

A última hipótese é a mais importante entre as três, pois é o principal pilar que sustenta toda essa pesquisa: “as identidades culturais são mutáveis, não fixas, e, quando mudam, não significa uma anulação do que já foi construído, mas um acréscimo de ideias e características”. É possível encontrar afirmações similares a essa em todo o sustentáculo teórico selecionado e apresentado no segundo capítulo desse trabalho. Contudo, queríamos investigar e comprovar como toda a teoria funciona na prática.

Depois de todas as leituras, entrevistas e coletas de dados realizadas durante as fases dessa pesquisa, podemos ratificar a hipótese e as teorias que nos embasaram. As identidades

culturais são tão mutáveis e complexas que as próprias pessoas que as carregam têm dificuldade de acompanhar seus processos. A vida muda num instante e, com ela, mudam as pessoas.

Celeste considerou seriamente entrar em algum grupo de bumba-meu-boi, para sair de vaqueira e brincar o São João maranhense de tanto que ela ama a festa. Para Kobe, basta ouvir os tambores em São Luís para se sentir em casa. Angélique se apaixonou por São Luís assim que chegou, por ser “a cidade da chuva”. Quando Akenzua assistiu a uma apresentação de tambor de crioula pela primeira vez, identificou-se de imediato e ficou muito feliz por se reconhecer culturalmente aqui. Os festivais que Mayra frequentava em Cabo Verde já não a atraem tanto. Nino passou a virada do dia 29 de junho de 2019 junto a milhares de maranhenses na Capela de São Pedro, costume tradicional ludovicense. Pérola só começou a trabalhar voluntariamente em projetos sociais em São Luís.

Nenhum deles sentiu que suas identidades como colombiana, ganense, beninense, cabo-verdiana, guineense, angolana, africanos e latinos foram anuladas por migrarem ao Brasil, mas admitem, mesmo os mais resistentes, que perderam traços de suas identidades antes do Brasil, absorveram traços culturais daqui e, com toda a certeza, não sairão daqui iguais a quem eram quando chegaram. O conjunto de suas identidades culturais foi construído, desconstruído e reconstruído nesse ínterim (processo que perdurará durante todas as suas vidas, voltem eles a migrar ou não).

Investigar os processos de construção, desconstrução e reconstrução identitária nunca consiste em uma tarefa fácil ou simples. Envolve uma miscelânea de conceitos e autores complexos e metodologias intrincadas, demandando dos pesquisadores flexibilidade e abertura para o imprevisível. Durante essa pesquisa, deparamo-nos com vários imprevistos, percalços e, acima de tudo, com um entendimento de que o estudo das identidades não cabe em si e não finda enquanto existirem sujeitos cujas identidades oscilam, voltam, vão e transitam internamente do mesmo jeito que eles o fazem pelo mundo, pelas sociedades e pelas culturas que os moldam e são moldadas por eles. Estudar identidade é estudar, acima de tudo, o que nos faz humanos.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ALLENDE, Isabel. **Meu país inventado**. Tradução de Mario Pontes. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Farewell**. 8.ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. 2.ed. São Francisco: Aunt Lute Books, 1999.
- BAROM, W. C. C.; CERRI, L. F. A Teoria da História de Jörn Rüsen entre a Modernidade e a Pós-Modernidade: uma contribuição à didática da história. **Educação e Realidade**, v. 37, p. 991-1008, 2012.
- BASTOS, Josie *et al.* **OLHARES DO BRASIL: um estudo sobre os alunos internacionais na política de Internacionalização da UFMA**. In: II Fórum Internacional Conecta PPGA. Anais. Santa Maria (RS) UFSM, 2017. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/forumconecta/68248-olhares-do-brasil--um--estudo-sobre-os-alunos-internacionais-na-politica-de-internacionalizacao-da-ufma/>>. Acesso em 14 de maio de 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução: Marcus Antunes Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **O mal-estar na pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Revisão técnica: Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 1.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Tradução: Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. Obras culturais e disposições cultas. In: **O amor pela arte: Os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BRASIL. Casa Civil. **Decreto n.º 7.948**. Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação – PEC-G, 12 de março de 2013. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7948.htm>. Acesso em 1 mai. 2019.

_____. Ministério da Educação. **PEC-G**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pec-g>>. Acesso em 22 mai. 2019.

_____. Ministério das Relações Exteriores. **Histórico do Programa: Introdução**. Disponível em: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>>. Acesso em 01 mai. 2019.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2009.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

CARVALHO, Carolina; GUIMARÃES, Leonardo; ZANDOMÊNICO, Renan. Entre Kultur e Civilization: Uma Análise da Formação do Conceito de Civilização e Cultura na Transição do Feudalismo Para o Capitalismo, a Partir dos Textos de Norbert Elias. **Revista História em Curso**, 3(3):34-48/2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/5344/pdf>> acesso em 07/02/2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antônio. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Ver. Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 21, pp. 69-96, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502012000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 de maio de 2019.

COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário**: cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

COLE, Adam (Produção). **Explicando a mente**. Distribuição: Netflix, EUA, 2019.

CORREIA LIMA, Manolita; BETIOLI CONTEL, Fábio. Características atuais das políticas de internacionalização das instituições de educação superior no Brasil. **Revista e-Curriculum, PUCSP – SP**, Volume 3, número 2, junho de 2008. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>>. Acesso em 17 de maio de 2019.

D’ALESSIO, Márcia M. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Norra. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.13, nº 25/26, pp. 97-103, set.1992/ago.1993.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução: Wherter Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações - 1972-1990**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DE PAULA, Fernanda Cristina. Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da Fenomenologia. In: **GeoTextos**, v. 7, n. 1, pp. 105-126, jul./2011.

DIAS, Gonçalves. **Primeiros cantos**. São Paulo, Autêntica, 1998.

DOMINGUES, Ivan. **O grau zero do conhecimento**: o problema da fundamentação das ciências humanas. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução: Ruy Jungman. Revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FARAH, Paulo Daniel. **Geografia da ausência**: o espaço na literatura palestina. 1.ed. São Paulo: Edições BibliASPA, 2016.

FOUCAULT, Michel. As Ciências Humanas. In: **Estruturalismo**: antologia de textos teóricos. Seleção e introdução: Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Portugália Editora, 1974.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise: Conferência XXXV: A questão de uma Weltanschauung** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O mal-estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FUSCO, Wilson. **Redes Sociais na Migração Internacional**: o caso de Governador Valadares. Campinas: Unicamp, 2000.

GALVÃO, Alessandra Martins. **O olhar dos discentes internacionais sobre as práticas de hospitalidade na Universidade Federal do Maranhão no Campus de São Luís**.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **A globalização imaginada**. Tradução: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLGHER, André Braz. **Fundamentos da migração**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** Tradução de Dion Davi Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HAESBAERT, Rogério. Território e territorialidade: um debate. **GEOgraphia**, ano IX, n. 17, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista & Realidade**, p.15-46, jul./dez, 1997.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2014.

_____. **Da diáspora – identidades e mediações culturais**. 1.ed. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonaram Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HAMILTON, Paul. **Historicism**. 2.ed. London: Routledge, 2003.

HANCIAU, Nubia Jacques. O entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2005, pp. 215-241.

HOLZER, W. **Sobre territórios e lugaridades**. Cidades: Revista Científica, v.10, n.17, pp. 18-29, 2013.

KROEBER, Alfred L.; KLUCKHOHN, Clyde. **Culture: A critical review of concepts and definitions**. New York: Vintage Books, 1952.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução: Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LACLAU, Ernesto. **New reflections on the resolution of our time**. Londres: Verso, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LAUS, Sonia Pereira. Alguns desafios postos pelo Processo de Internacionalização da Educação Superior no Brasil. In: **Gestão Universitária na América do Sul – IV Colóquio Internacional**. Florianópolis: [s.n.], 2004.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila. Ser Migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 27, n. 2, pp. 407-424, jul./dez. 2010.

MIGNOLO, Walter D. Aisthesis decolonial. In: **CALLE14**, Bogotá, v.4, nº4, jan./jun.2010.

MORALIS, Edileusa Gimenes. **Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes linguísticas**. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar em Revista**, v. 22, n. 28, pp. 107-124, dez. 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/7614/5428>>. Acesso em 18 de maio de 2019.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. Nº 10. **História & Cultura**. São Paulo: PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, pp. 7-28, dez. 1993.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. [1938]. São Paulo: Record Editora, 1979.

RAMOS, Natália. Saúde, migração e direitos humanos. In: **Revista Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 17, n. 1, pp. 1-11, jan./jun. 2009.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. Tradução: Eduardo Marandola Jr. In: **Qual o espaço do lugar?:** geografia, epistemologia, fenomenologia. Organização: Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Lívia de Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. **Place and placelessness**. Londres: Pion, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa (tomo 1)**. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

RINCÓN, Luiz Eduardo. A Jornada do Herói Mitológico. In: **II Simpósio de RPG & Educação**. São Paulo: Uninove, 22 à 24/09/2006.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALIM, C. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: **VIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**. São Paulo: APEB, v. 3, 1992. pp. 119-144.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Fernando Seabra; FILHO, Naomar de Almeida. **A Quarta Missão da Universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

SEAMON, David; Sowers, Jacob. Place and placelessness (1976): Edward Relph. In: HUBBARD, Phil; KITCHIN, Rob; VALENTINE, Gill. **Key texts in Human Geography**. Londres: Sage, 2008.

SILVA, Giuslane Francisca da. Resenha: A memória coletiva de Maurice Halbwachs. In: **Aedos – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, Porto Alegre, v.8, n.18, pp. 247-253, ago.2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVEIRA, Aline Dias da. Temporalidade, historicidade e presença em uma análise do prólogo do Picatrix (séc. XIII). **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 9, n. 22, jan. 2017. Disponível em: <<https://historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1028>>. Acesso em: 24 out. 2019.

SOUSA, Rainer Gonçalves. “Navegar é preciso, viver não é preciso”. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/navegar-preciso-viver-nao-preciso.htm>>. Acesso em 22 de maio de 2019.

SOUZA, Marcos Aurélio dos Santos. O entre-lugar e os estudos culturais. In: **Revista Travessias**, nº 1, Cascavel: Editora Unioeste, 2008.

STALLIVIERI, L. **O processo de internacionalização das instituições de ensino superior**. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul: 2007. Disponível em: <https://fundacao.ucs.br/site/midia/arquivos/processo_internacionalizacao.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida** [recurso eletrônico]. Ilustração: Manuel Dantas Suassuna. 40.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina-PR: EDUEL, 2013.

_____. **Paisagens do medo**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. Place: an experiential perspective. **Geographical Review**. 65 (2): 151-165, 1975.

TYLOR, Edward B. **Primitive culture**: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom. Londres: Bradbury, Evans & Co., 1871.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Pró-Reitoria de Assistência Estudantil. **A PROAES**. Disponível em: <http://portais.ufma.br/PortalProReitoria/proaes/paginas/pagina_estatica.jsf?id=448>. Acesso em 22 mai. 2019.

_____. **Histórico da Ufma**. Disponível em: <<http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/historico.jsf>>. Acesso em: 16 set. 2018.

_____. Núcleo de Relações Internacionais. **Cronograma**. 2019. Disponível em: <http://portais.ufma.br/PortalUnidade/nri/paginas/pagina_estatica.jsf?id=1231>. Acesso em 20 mai. 2019.

_____. Núcleo de Relações Internacionais. **Olhares do Brasil**. Disponível em: <https://portais.ufma.br/PortalUnidade/nri/paginas/pagina_estatica.jsf?id=889>. Acesso em 22 mai. 2019.

_____. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n.º 1698**. Dispõe sobre a criação e implantação do Programa de Internacionalização da Universidade Federal do Maranhão, 12 de abril de 2018. Disponível em: <<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/KImxtAuGSs82km5.pdf>>. Acesso em 14 mai. 2019.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do escritor**: Estrutura Mítica Para Escritores. São Paulo: Aleph, 2015.

VOICU, Cristina-Georgiana. Identity in the Postcolonial Paradigm: Key Concepts. In: **Exploring Cultural Identities in Jean Rhys' Fiction**. Berlim: De Gruyter, 2014.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WALTRICK, Fabricio. **De que tribo eu sou?**. São Paulo: Escala Educacional, 2005.

**APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM JOSIE BASTOS (NRI).
ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 02.05.2019, NO NÚCLEO DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS, LOCALIZADO NO CENTRO PEDAGÓGICO PAULO FREIRE,
NO CAMPUS DO BACANGA, UFMA, SÃO LUÍS-MA.**

1. Com a mudança da Assessoria para Núcleo, o que mudou em questões práticas? Principalmente, com relação aos alunos estrangeiros?
2. No que consiste o Programa de Internacionalização da UFMA?
3. Nos últimos anos, a quantidade de alunos estrangeiros aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma? Na graduação e na pós?
4. Quais são os programas de intercâmbio ativos na UFMA? Existem outros além do PEC-G e do PEC-PG? O PAEC-OEA entra como parte do PEC-PG ou são dois programas independentes? Qual o papel do NRI com relação a esses programas? Os alunos estrangeiros vêm à UFMA exclusivamente através dos programas ou podem se matricular independentemente deles? Se sim, há alguma política de assistência a eles ou são vistos pela instituição como quaisquer outros alunos?
5. O NRI tem informações sobre todos os alunos estrangeiros, inclusive quantidade, lugar de origem, cursos/programas? São atualizadas com que frequência? Há um banco de dados que abarque os últimos anos e o presente? Quem é responsável por ele?
6. Vocês trabalham diretamente com quais setores da UFMA?
7. Quais são as políticas culturais do NRI e como os alunos estrangeiros se envolvem nelas?
8. Como são feitas a acolhida e a integração dos alunos estrangeiros à UFMA? Isso faz parte das responsabilidades e políticas do NRI?
9. No que consiste o projeto “Olhares do Brasil”? Quais alunos fazem parte dele? Quem pode fazer parte dele? Existe há quantos anos? As reuniões são semanais? Ele age para além das reuniões? Existem outros projetos da divisão de “Mobilidade e Intercâmbio” além do “Olhares do Brasil”?
10. A divisão cuida de quais fóruns de extensão? Quando ocorrem?
11. Como acontece o acompanhamento dos estudantes estrangeiros pelo NRI?
12. No que consiste o “banco de padrinhos”? Quem são eles?

APÊNDICE 2 - CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA

Bom dia/boa tarde/boa noite, _____, tudo bem?

O meu nome é Clara Costa, eu sou mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult/UFMA) e estou realizando uma pesquisa intitulada: **IDENTIDADES EM TRÂNSITO: um estudo dos sujeitos discentes estrangeiros na UFMA**. Para simplificar, eu estudo como o contato direto com outras culturas pode afetar as identidades de pessoas que migram para o Brasil.

Nesse caso, gostaria de me encontrar com você para conversar sobre sua experiência até agora, como foi sua vinda, como a UFMA te acolheu, quais são as dificuldades que você enfrenta, como foi a sua adaptação aqui em São Luís, entre outras coisas. Ou seja, eu gostaria de ouvir a sua história.

Minha intenção é de que nos encontremos na UFMA mesmo, no Campus do Bacanga, de preferência no Centro de Ciências Humanas (CCH), para realizarmos essa conversa em alguma sala do PGCult, mas estou aberta para encontrarmos o melhor lugar, dia e horário para você, caso queira participar da pesquisa e tenha disponibilidade.

Em anexo, estou enviando o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), documento que garante sua segurança enquanto participante dessa pesquisa. Também estou trabalhando em parceria com a PROAES, que foi quem me forneceu o seu contato.

Estou à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas.

Desde já, muito obrigada!

Atenciosamente,

Clara Costa

APÊNDICE 3 – RASCUNHO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

ORIGEM

1. Como você se chama? Quando e onde nasceu? Onde você cresceu? Como foi viver lá? Com quem você convivia? Qual era a sua visão de mundo enquanto morava lá? Como são as condições de vida no seu lugar de origem? Você lidava com quais dificuldades? E com quais facilidades?
2. O que você identifica como sendo cultura de lá? Quais dessas coisas você ainda reproduz? Do que você mais gosta das culturas de lá? Do que você não gosta? Com o que você se identifica? Você sentia que aquele lugar te pertencia e que você pertencia lá? Ainda sente isso?

DESLOCAMENTO

1. Quando você veio para o Brasil? Por quê? Por que o Brasil? Por que São Luís do Maranhão? Por que a UFMA? Quantos anos você tinha quando migrou pra cá? Foi sua primeira migração? O que você precisou fazer pra vir pra cá? Você enfrentou dificuldades nesse processo? Quais?
2. O que você sabia sobre o Brasil? E sobre São Luís? E sobre a UFMA? Você veio sozinha (o)? Você tinha algum conhecido por aqui?
3. Me conta sobre a sua viagem pra cá. Do que você precisou? De onde saiu? Você veio direto para São Luís? A viagem durou quanto tempo? Qual meio de transporte você usou? Você conheceu outros migrantes no trajeto?

CHEGADA E ADAPTAÇÃO

1. Como foi chegar ao Brasil? O que você sentiu? O que pensou? O que estranhou? O que achou similar? Qual foi a sua primeira impressão? Essa impressão foi confirmada com o passar do tempo? Alguém te recepcionou? Você recebeu ajuda para se estabelecer aqui? Quais dificuldades você enfrentou? Onde você está morando agora? Como foi o processo de se mudar para esse lugar? Você gosta dele? Como você se organiza e vive nele?
2. O que você estranha no Brasil? E nos costumes do povo brasileiro? O que foi mais difícil pra você? O que foi fácil? Você sentiu algum choque com as diferenças culturais entre o Brasil e o seu lugar de origem? Me fala sobre a sua adaptação aqui.
3. Você mantém contato com seus parentes e amigos do seu lugar de origem? Por que meios? É fácil manter esse contato? Você mantém traços culturais do seu lugar de origem? Quais? É uma escolha consciente? Você percebe que absorveu traços culturais brasileiros? Quais? Foi uma escolha consciente?

UFMA

1. Como é a sua vivência na UFMA? Do que você gosta? Do que não gosta? Por onde você circula? Quando tem algum problema, a quem você recorre? Você se sente bem amparada (o)? Como você descreveria a UFMA?
2. Você tem mais contato com outros migrantes ou com brasileiros?

IDENTIDADE E ENTRE-LUGAR

1. Você já voltou ao seu lugar de origem depois de migrar para o Brasil? Como foi essa experiência? Você percebeu alguma mudança no lugar? Você se percebeu diferente? Você vivenciou esse lugar como o vivenciava antes de sair dele? Como foi o retorno ao Brasil depois dessa viagem?
2. Você acredita que a sua experiência como migrante acentua a sua percepção sobre as diferenças entre os povos e os lugares? Você percebe diferenças em si? O que mudou? O modo como você se vê e se apresenta mudou? Você acredita que a sua migração influenciou isso? Existe um teórico indiano chamado Homi K. Bhabha. Ele fala sobre o entre-lugar, que é como se a gente estivesse entre os lugares: depois que a gente sai, é como se a gente deixasse um pé lá e pusesse outro pé aqui, assim, por estarmos nos dois lugares, também não estamos completamente em nenhum deles. É assim que você se sente?
3. O que você pensa sobre São Luís? Com o que você se identifica? Com o que não se identifica? Você faz alguma relação entre as culturas do seu lugar de origem e as daqui agora? Quais são elas?

APÊNDICE 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro (a) Senhor (a),

Estou realizando uma pesquisa de Mestrado intitulada “**IDENTIDADES EM TRÂNSITO**”: um estudo dos sujeitos discentes estrangeiros na UFMA”, cujo objetivo geral é compreender os processos de construção, desconstrução e reconstrução das identidades culturais dos discentes estrangeiros na UFMA, influenciados por sua condição de sujeitos em trânsito. A Pesquisa conta com a orientação da Prof.^a Dr.^a Márcia Manir Miguel Feitosa e com a co-orientação do Prof. Dr. Antonio Cordeiro Feitosa, ambos membros do corpo docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Venho convidá-lo (a) a participar voluntariamente da pesquisa que pretendo realizar. Sua participação nesta pesquisa é uma opção, você pode não aceitar participar ou desistir em qualquer fase dela, a qualquer momento, sob qualquer condição, sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com a pesquisadora, com a UFMA ou qualquer outra instituição envolvida.

Vale ressaltar que não há compensação financeira relacionada à sua participação, pois esta pesquisa será desenvolvida sem nenhum orçamento lucrativo – os dados, resultados e trabalhos desenvolvidos a partir dela serão utilizados apenas para fins acadêmicos. O risco relacionado com sua participação na pesquisa poderá ser no âmbito psicológico, como desconforto frente à presença da pesquisadora durante o encontro presencial e a coleta de dados. Todavia, o desenvolvimento deste estudo ocorrerá de forma adequada, visando minimizar a ocorrência de qualquer desconforto. Quanto aos riscos físicos, também não haverá possibilidades de ocorrer, visto que a coleta de dados ocorrerá em espaços seguros, dentro de salas e/ou escritórios apropriados, na própria UFMA.

Os benefícios da pesquisa aos participantes são indiretos, pois ocorrerão em forma de acréscimos de informações úteis e atualizadas sobre a realidade atual dos migrantes no Brasil, da UFMA, de São Luís, do Maranhão e do Brasil. Os participantes terão orientações e/ou esclarecimentos a respeito de todo o processo de aplicação dos instrumentos, bem como o direito e incentivo de se comunicar diretamente com a pesquisadora, seja pessoalmente ou por meio de eletrônicos, para sanar qualquer dúvida que surja em qualquer momento e etapa da pesquisa.

Caso aceite, gostaria que concordasse em se encontrar pessoalmente com a pesquisadora, para que seja coletado um relato oral sobre as suas experiências no trânsito de

seu lugar de origem até o Maranhão, assim como a adaptação ao Maranhão e à UFMA, as suas relações com as culturas de seu lugar de origem e maranhenses e os processos identitários pelos quais já tenha passado e continua passando. Como dito anteriormente, os resultados serão utilizados exclusivamente para fins científicos, como divulgação em revistas e congressos – em que sua identidade será preservada.

Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Agradeço sua participação e me coloco à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail clr.cfc@gmail.com ou (98) 99903-6642. Clara Cardoso Ferreira Costa (Mestranda em Cultura e Sociedade pela UFMA).

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos CEP/UFMA, poderá ser contatado para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo e-mail: cepufma@ufma.br. Telefone: 3272-8708. Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho, Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética. São Luís/MA. CEP: 65.080-040.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar voluntariamente.

São Luís, / /

Participante da pesquisa *.

Identificação

Nome: _____
 País de origem _____
 Formação Acadêmica _____
 Curso/programa em que está matriculado (a) na UFMA _____

 Nível do curso/programa _____
 Período _____